



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL

A EXCLUSÃO SOCIAL NOS MUSSEQUES DE LUANDA EM JOSÉ LUANDINO
VIEIRA (ANGOLA, 1950-1960)

Manaus
2020

ALEXANDRE DA SILVA SANTOS

A EXCLUSÃO SOCIAL NOS MUSSEQUES DE LUANDA EM JOSÉ LUANDINO
VIEIRA (ANGOLA, 1950-1960)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, Instituto de Ciências Humanas e Letras, como requisito à obtenção do Título de Mestre em História Social.

Orientador: Profa. Dr^a. Keith Valéria de Oliveira
Barbosa

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S237e Santos, Alexandre da Silva
A exclusão social nos musseques de Luanda em José Luandino Vieira (Angola, 1950-1960) / Alexandre da Silva Santos . 2020
131 f.: il.; 31 cm.

Orientadora: Keith Valéria de Oliveira Barbosa
Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Angola. 2. Literatura. 3. José Luandino Vieira. 4. Musseques. I. Barbosa, Keith Valéria de Oliveira. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, instituição que me concedeu a bolsa de estudos, durante dois anos, essencial para o suporte e auxílio ao pesquisador.

Aos professores e coordenação do PPGH, sempre gentis, solícitos que contribuíram para o meu crescimento acadêmico nesta jornada.

Aos amigos conquistados ao longo deste curso de estudos pelos momentos de discussão teórica, algo que muito contribuiu para o amadurecimento humano..

Aos professores Dr. Júlio Claudio da Silva, Dr^a. Patrícia Teixeira, por integrarem a banca de avaliação deste estudo, tanto na qualificação, quanto na defesa.

À Deus, sem o qual nada disso seria possível.

RESUMO

O escopo do trabalho se dá a partir das observações de uma parte da literatura do angolano José Luandino Vieira, através do uso dos seguintes textos como fonte: *A cidade e a infância*, de 1960; *Nosso musseque*, de 1962; e *Luuanda*, de 1963. É localizado nos estudos africanos em âmbito da mobilidade urbana. Dessa maneira, desenvolve-se uma interpretação histórica das práticas de mobilidades e deslocamentos que estão associados ao cotidiano dos musseques de Luanda, representados pela escrita desse escritor, no período de 1950 e 1960. Em virtude disso, tem-se como questionamentos - a saber - compreender como José Luandino Vieira é o porta-voz de duas perguntas sobre a realidade lançada aos musseques de Luanda naquela época: O que a vida fez de mim? E o que eu posso fazer do que a vida fez de mim? Considerando que nessa época, a capital angolana vivenciou mudanças radicais em virtude do aumento das cisões que se estabeleceram pelo país. Assim, buscou-se desenvolver uma análise histórica de dinâmicas culturais e sociais de Luanda, em meados do século XX, para verificar os elementos de exclusão sociais, os aspectos culturais que fomentam a criação de valores e identidades mediante pautas de libertação política angolanas.

Palavras-chave: Angola. Literatura. José Luandino Vieira. Musseques.

ABSTRACT

The scope of the work is based on the observations of a part of the literature of the Angolan José Luandino Vieira, through the use of the following texts as a source: *The city and childhood*, from 1960; *Our musseque*, from 1962; and *Luuanda*, from 1963. It is located in African studies in the context of urban mobility. In this way, a historical interpretation of the practices of mobility and displacement that are associated with the daily life of the musseques in Luanda, represented by the writing of this writer, in the period of 1950 and 1960, is developed. As a result, there are questions - namely - understand how José Luandino Vieira is the spokesman for two questions about the reality launched to the musseques of Luanda at that time: What did life do to me? And what can I do with what life has done to me? Considering that at that time, the Angolan capital experienced radical changes due to the increase in the number of divisions that were established across the country. Thus, we sought to develop a historical analysis of cultural and social dynamics in Luanda, in the middle of the 20th century, to verify the elements of social exclusion, the cultural aspects that foster the creation of values and identities through Angolan political liberation guidelines.

Keywords: History. Literature. José Luandino Vieira. Angola. Musseques.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Capa da revista <i>Mensagem</i>	41
Figura 2 - Distribuição da população em Luanda (1960).....	63
Figura 3 - Capa do folheto de um evento de 16 a 22 de novembro de 1964.....	78
Figura 4 - Comunicado das Forças Armadas de Angola.....	81
Figura 5 - Diário de Lisboa.....	99

SUMÁRIO

A EXCLUSÃO SOCIAL NOS MUSSEQUES EM LUANDA, DE JOSÉ LUANDINO VIEIRA (ANGOLA, 1950-1960).....	9
CAPÍTULO I - HISTÓRIA E LITERATURA EM ANGOLA (1950-1960).....	19
1.1 HISTÓRIA E LITERATURA.....	19
1.2 JOSÉ LUANDINO VIEIRA E O CONTEXTO DE PRODUÇÃO.....	26
1.3 HISTÓRIA E LITERATURA EM ANGOLA.....	31
1.4 A LITERATURA DE ANGOLA: GERAÇÃO DE 1957.....	43
1.5 LITERATURA, HISTÓRIA E PÓS-COLONIALISMO.....	51
CAPÍTULO II - JOSÉ LUANDINO VIEIRA E ANGOLA (1950-1960).....	59
2.1 LUANDINO E A CIDADE DE LUANDA: MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS.....	59
2.2 ENTRELAÇANDO ENREDOS E HISTÓRIAS.....	68
2.3 JOSÉ LUANDINO VIEIRA: AS SUAS NARRATIVAS E A CIDADE DE LUANDA (1950-1960).....	72
2.4 OS CONFLITOS ARMADOS E A PRISÃO DE JOSÉ LUANDINO VIEIRA.....	86
CAPÍTULO III - OS MUSSEQUES DE LUANDA E DE JOSÉ LUANDINO VIEIRA.....	92
3.1 O ANO DE 1961 NOS MUSSEQUES.....	115
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121
REFERÊNCIAS.....	125

A EXCLUSÃO SOCIAL NOS MUSSEQUES EM LUANDA, DE JOSÉ LUANDINO VIEIRA (ANGOLA, 1950-1960)

Realizar um trabalho de natureza histórica, entre outras coisas, significa compreender que cada temporalidade possui marcas e vestígios que sedimentam a nossa trajetória ao longo do tempo, possibilitando a melhor compreensão de eventos que orientam o curso daquilo que chamamos de realidade.

Nesse sentido, investigar uma temporalidade é construir um tipo de conhecimento acerca da presença humana em um determinado momento da história. Deste modo, ao enveredarmos esta dissertação pelos estudos africanos em Angola, temos o intuito de interpretar parte dos processos históricos relacionados às mobilidades e deslocamentos nos bairros pobres de Luanda, conhecidos como musseques, na primeira metade das décadas de 1950 e 60, marcados por profundas mudanças sociais, culturais e políticas, em virtude dos conflitos que visavam à independência política de Angola.

Nesse sentido, nossa interpretação faz uso de parte da literatura de José Luandino Vieira e de entrevistas que o escritor realizou sobre o momento histórico de Angola nas décadas de 1950 e 1960. Isto é, em entrevista à Alexandra Lucas Coelho, do portal de notícias português “Político”, em 2009, ele revelou o que representa escrever literatura, sobretudo naquele período de conflitos que visavam a liberdade política. O escritor disse que sua trajetória literária significa o seguinte: “Narro mais do que escrevo¹”, ou seja, suas palavras nos fazem entender que os livros *A cidade e a Infância*, *Luuanda* e *Nosso Musseque* (fontes literárias e centrais de nosso estudo) são narrativas que fazem alusão do período em que ele esteve preso em Tarrafal² durante boa parte dos anos 1960 e 70, pela memória de sua infância e adolescência.

Assim, concentramos nossa investigação histórica em parte da produção literária de José Luandino Vieira, escrita na primeira metade da década de 1960,

¹VIEIRA, José Luandino. “Os anos de cadeia foram muitos bons para mim”. In: Entrevista concedida à Alexandra Lucas Coelho. *Público*. Disponível em: <https://www.publico.pt/2009/05/01/politica/noticia/os-anos-de-cadeia-foram-muito-bons-para-mim-1377921>. Acesso em 14 de novembro de 2019.

² Este lugar estava situado em Cabo Verde e funcionou no período de 1936 a 1974 como um campo de concentração, criado pelo governo português, isto é, por Salazar. Essa prisão teve o objetivo de suprimir os antifascistas mais combativos contra a presença portuguesa no continente africano. Ver em: SILVA, Celestino Domingos Tavares. *O antigo Campo de Concentração do Tarrafal: Da opressão à valorização cultural*. Dissertação (Mestrado). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia. Lisboa, 2018.

através das representações que o escritor realizou sobre os musseques de Luanda. Esses ambientes de moradia serviram de espaço para o desenvolvimento dos temas que ele procurou evidenciar, sobretudo em aspectos variados da vida cotidiana da capital angolana, diante das tensões dos anos 1950-1960.

Para esclarecer o que são esses espaços de residência, os musseques são aglomerados urbanos que cresceram conforme a expansão da cidade, do século XVI até o XX, conhecidos por caracterizar a região de moradia para a população local e para estrangeiros com pouca ou nenhuma qualificação para o mercado. Na temporalidade que está situado nosso estudo, eles eram entendidos como bairros populares³ e cumpriam a função de atenderem a uma política de alocação implementada pela administração colonial, em favorecimento de portugueses que vieram para Angola com o intuito de criar riquezas, restando a esses lugares desempenharem o papel de moradia de trabalhadores com baixa qualificação mediante a oferta de trabalho⁴. Naquele lugar, essas pessoas moravam em cubatas, casas produzidas de pau a pique⁵ e localizadas em um terreno avermelhado, estabelecendo um contraste com edifícios e ruas pavimentadas.

A partir desse cenário, José Luandino Vieira projeta uma face da capital angolana em que a vida possui um ritmo próprio na convivência com os problemas coloniais. Sendo assim, para entender melhor as representações sociais desse momento da história de Angola, Maria Nazareth Soares Fonseca pontua que cada vez mais o escritor angolano possuía a consciência da função social de sua escrita⁶.

A afirmação de Fonseca (2015) nos faz compreender que os textos de José Luandino Viera surgem de um contexto em que, para além das cisões, há o protagonismo das pessoas que vivem nos musseques nas décadas de 1950 e 1960. Assim, interpretamos que a literatura do escritor serve-nos de apreensão acerca de alguns fatos que ocorreram em Angola naquele período.

³BETTENCOURT, Andrea Carina de Almeida. *Qualificação e reabilitação das áreas urbanas críticas: os musseques de Luanda*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Universidade de Lisboa, 2011, p. 62

⁴AMARAL, I. do. Luanda e seu 'Muceques': problemas de geografia urbana. *Fininsterra*. n. 36. Lisboa, 1983, p. 296

⁵Casa de material vegetal. Ver em: GUIMARÃES, Rogério da Silva. *Musseques de Luanda: Duplos olhares*. Luandino Vieira e Ladeiro Monteiro. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, 2012, p.12

⁶FONSECA, Maria Nazareth Soares. Cânone Literário nas literaturas africanas: condições de produção. In. FONSECA, Maria Nazareth Soares. *Literaturas africanas de Língua Portuguesa: mobilidades e trânsitos diaspóricos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2015, p.56

Dessa maneira, o texto da literatura do escritor se tornou um instrumento de leitura social, cultural e política da história de Angola, em virtude das interpretações que puderam dele ser feitas no que tange aos contextos em que ele projeta pela Representação.

Considerando que o debate sobre os musseques de Luanda ainda é uma fonte de estudo a ser mais observada, compreendemos nesse modo de entender o texto literário, a partir da projeção dos elementos contextuais que ele projeta, os traços de diversas realidades de Angola em um momento da história, especificamente aquelas relacionadas às tensões vivenciadas no fim da década de 1950 e início de 1960, ou ainda no efeito das mudanças nos moradores dos musseques naquele período.

Por seu turno, o diálogo com a literatura se torna neste estudo um caminho promissor para o entendimento das dinâmicas culturais e sociais das populações angolanas, no momento de construção de suas identidades, contemporâneos a rupturas sociais, culturais e políticas que nortearam o cotidiano de pessoas que ali residiam.

Mediante esse cenário, inquieta-nos em saber como José Luandino Vieira realiza, nas representações dos musseques, a exposição de cenários sedimentados por elementos culturais e sociais presentes no dia a dia nestes bairros? Inseridos em um momento histórico fortemente marcado por um fluxo migratório intenso de pessoas oriundas do interior de Angola ou de outras regiões, na década de 1950-60. Diante desse aspecto da realidade em saber como é possível apreender a dimensão dessas mudanças, indagamos conhecer qual é a representação que o escritor realiza em uma Luanda dos musseques?

Com a finalidade de encontrar respostas para tais questionamentos, partimos de uma parte da produção literária de José Luandino Viera para realizar um trabalho histórico, isto é, investigar como as narrativas deste escritor, escritas no início dos anos 1960, projetam uma parte da história de Angola, e como descrevem os espaços geográficos e físicos, o cotidiano, a cultura e os deslocamentos para os musseques de Luanda.

Sendo assim, a opção pelas décadas de 1950-60 permitiu o diálogo com uma época em que uma parte da realidade angolana foi marcada por rupturas sociais, culturais e políticas; traços estes evidenciados na produção literária e de intelectuais que escreviam para revistas literárias de Luanda, “Mensagem” e “Cultura”, como

também pela formação de grupos políticos, que mais tarde, iriam iniciar e conduzir os conflitos contra Portugal.

Possibilitou também ler em jornais da época e em cartas produzidas pelo próprio José Luandino Vieira, além dos livros que foram escritos nos primeiros anos da década de 1960, ou seja, o que tem de destaque em relação aos anos sessenta, principalmente por conta da movimentação política e social em Luanda⁷.

O primeiro livro, *A cidade a infância*, de 1960, apresenta-nos uma Luanda anterior ao surto migratório da década de 1950, o início dele e ele já estabelecido na capital angolana sob a perspectiva dos musseques, isto é, em aglomerados urbanos localizado em uma região fora da urbe. Tudo representado em um cenário de resistência, esperança, ingenuidade, sonhos e memória.

O segundo texto, *Luuanda*, de 1963, apresenta-nos uma descrição de uma cidade dos musseques, constituída por personagens que revelam o cotidiano de luta e resistência, sonhos e desejos, dificuldades e inocência, passado e presente. É a ótica de indivíduos que estão alheios às inquietações provocadas pela administração colonial.

E, por fim, a narrativa que revela o preconceito e as barreiras sociais que os moradores desse lugar haviam de derrubar diariamente, como será apresentado como um dos temas do romance *Nosso musseque*, escrito em 1962, mas publicado somente em 2003.

Em síntese, os três livros de José Luandino Vieira projetam alguns aspectos da experiência colonial, tempo também marcado pela cultura das mobilidades e deslocamentos, principalmente de pessoas que migraram do interior para Luanda e estabeleceram residência nos musseques, como nos apresenta o historiador Washington Nascimento (2013), em *Gentes do Mato: Os “novos assimilados” em Luanda (1926-1961)*. Em outros termos, ele chama essa diferença de “fronteira do asfalto”, além de ser um recorte geográfico, revelava uma cisão social, econômica e social, como bem enfatiza parte da produção literária de José Luandino Vieira⁸.

⁷ As obras literárias que utilizamos são: VIEIRA, José Luandino. *A cidade e a infância*. Lisboa: Edição da Casa dos Estudantes do Império, 2014. Coleção Autores Ultramarinos; VIEIRA, José Luandino. *Nosso musseque*. Luanda, Angola: Editorial Nzila, 2003; VIEIRA, José Luandino. *Luuanda: estórias*. São Paulo: Companhia da Letras, 2006.

⁸NASCIMENTO, Washington Santos. *Gentes do Mato: Os “novos assimilados” em Luanda (1926-1961)*. Tese (Doutorado em História) Universidade de São Paulo - USP, 2013, p.17

A partir desses textos, buscaremos compreender também a participação de grupos conhecidos como: Movimento Popular de Libertação de Angola – MPLA, União Nacional para a independência Total de Angola – UNITA, e Frente Nacional de Libertação de Angola – FNLA, nos musseques e responsáveis pelos conflitos diretos contra Portugal, tanto do ponto de vista bélico, quanto em face de uma militância intelectual que visava a libertação política.

Ademais, observar os espaços urbanos caracterizados por dinâmicas culturais, sociais e políticas nas décadas de 1950-60, narrados pelo escritor José Luandino Vieira, significa apreender os processos históricos que ajudaram a construir naquele lugar, uma política de mobilidades e deslocamentos adotada tanto pelos portugueses quanto pelos grupos políticos locais⁹.

Para avançarmos nas leituras, estabelecemos como objetivos centrais do estudo, em um primeiro momento, analisar os elementos de exclusão social representados na produção de José Luandino Vieira, com base nas exposições do historiador Rogério Guimarães (2012), em *Musseques de Luanda: Duplos olhares. Luandino Vieira e Ladeiro Monteiro*, e lídio do Amaral, em *Luanda e seus 'Muceques': problemas de geografia urbana*, de 1983, como também as dinâmicas sociais presentes nesses bairros. Tudo isto visa apresentar os musseques como um lugar de protagonismos, mediante as mudanças que a década de 1950 e 1960 o escritor vivenciou.

Sendo assim, é de nosso interesse também analisar como José Luandino Vieira realiza a descrição de uma Luanda dos musseques, cuja principal característica consiste em demonstrar as dinâmicas sociais. Após isso, buscamos interpretar como os aspectos culturais de Angola, presentes no musseques luandinos, contribuem para a criação de valores e identidades que constituem uma das faces do nacionalismo angolano.

Por fim, visamos promover uma leitura histórica destes constituintes sociais e culturais, representados nos livros *A cidade e a infância* (2014), *Luuanda* (2006), e *Nosso Musseque* (2003), sob a ótica dos musseques de Luanda nas décadas de 1950-1960. Sendo assim, partimos da premissa de que a imagem de Angola,

⁹ Para uma abordagem interdisciplinar da pesquisa histórica, ver: BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Apologia da história, ou, Ofício de historiador*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

projetada por tais textos pela Representação¹⁰, evidenciam a experiência dramática da presença colonial.

Com efeito, organizamos esta dissertação da seguinte maneira: o 1º capítulo, intitulado “História e Literatura em Angola (1950-1960)”, visa promover uma discussão teórica sobre o diálogo entre História e Literatura na contribuição aos estudos sobre Angola nos anos finais da década de 1950 e início de 1960. Primeiro, em uma perspectiva pós-colonial. E segundo, a partir do entendimento dos antecedentes da movimentação intelectual e literária da época.

Deste modo, tal seção foi organizada da seguinte maneira: a) apresenta um quadro breve, e geral, da produção ficcional no território angolano nos anos finais da década de 1950 e início de 1960, inserido em um contexto de profunda transformações políticas e sociais; b) as relações entre História e Literatura como abordagem interdisciplinar e; c) a relação dos estudos pós-coloniais e a literatura. Além disso, poderemos apreender como os projetos para emancipação revelaram interesses diversificados dos grupos culturais envolvidos naquele contexto

Um pouco disso é explicado pelo contexto pós Segunda Guerra Mundial, que nas palavras do historiador José Maria Nunes Pereira, em *O paradoxo angolano, uma política em contexto de crise – 1975-1994*), orientou-nos a entender que “...as condições políticas mudaram na cena internacional, e as camadas urbanas africanas enveredaram em direção a autonomia e independência¹¹.”

Em outras palavras, Pereira (2015) nos faz entender que os conflitos que vieram a acontecer durante a década de 1960 e nos primeiros anos de 1970 em Angola, revelou o interesse de países como França, Zaire, Estados Unidos e demais europeus, em virtude da importante localização geográfica, bem como ao fato de o país africano ser rico em petróleo.

Esse cenário de conflitos é interpretado por parte de uma historiografia como um dos fatores que levaram várias pessoas a se deslocarem, nas década de 1950-60, dos musseques de Luanda para outros, afastados dos embates que ocorriam na capital angolana.

¹⁰ Ver em: CHARTIER, R. O mundo como representação. *Revista das revistas*. Estudos Avançados. v5. n11, 1991.

¹¹ PEREIRA, José Maria Nunes. *A importância de Angola no continente: Paradoxo angolano, uma política externa em contexto de crise*. (1975-1994). São Paulo: Editora Kilombelembe, 2015. p.150

A partir da compreensão desses fatos, as questões abordadas e que surgem do debate interdisciplinar da História com a Literatura, devem ser lidos na dimensão temporal dessas tensões e contradições, relacionadas ao contexto de produção de textos como *A cidade e a infância* (2014), *Luuanda*, (2006), e *Nosso musseque* (2003).

Nesta relação, procurou-se ainda entender o contexto de produção de um projeto literário (o angolano) que buscou conscientizar a população também pela literatura – como veremos em outra seção - frente ao papel que podia desempenhar durante o Colonialismo, e nisso apreender parte do passado histórico de Angola.

Neste sentido, tomaremos como referencial uma historiografia¹² que dialoga com essa abordagem interdisciplinar em Literatura e História, e discorrem sobre a história de Angola na década de 1950-60. Logo, considerando que o tempo e o lugar de livro muito explica sobre um episódio histórico, compreender *A cidade e a infância* (2014), *Luuanda* (2006), e *Nosso Musseque* (2003) é entender, pela experiência de José Luandino Vieira, parte de uma sociedade que desejava mudanças.

Por sua vez, o 2º capítulo, intitulado “José Luandino Vieira e Angola (1950-1960)”, visa examinar o percurso do escritor conhecido pelo pseudônimo José Luandino Vieira, bem como a participação dele nos conflitos da década de 1950-60.

Ademais, a seção foi orientada nas leituras de Marcelo Bittencourt¹³ a respeito dos movimentos políticos que emergiram nesse tempo, destacando o Movimento Popular pela Liberdade de Angola (MPLA), em virtude da participação intelectual de José Luandino Vieira nele; como também em Margarida Calafate Ribeiro Ribeiro e em Mônica Silva, Roberto Vecchi¹⁴, no que se refere aos apontamentos que José Luandino realizou - na cadeia, através de cartas e diários - sobre o momento histórico de Angola e a rotina em Tarrafal.

Diante disso, esse segundo capítulo foi dividido em duas partes: a) A juventude do escritor, que compreende o período em que ele cresceu em um musseque de

¹²MATA, Inocência. *História e ficção na literatura angolana: o caso de Pepetela*. Portugal: Edições Colibri, 1993; SECCO, C. L. T. R. *O estudo das literaturas africanas no Brasil: perspectivas contemporâneas, novos desafios*, 2019.

¹³BITTENCOURT, M. A criação do MPLA. *Estudos Africanos*. n32. Rio de Janeiro, 1997, pp.185-208; BITTENCOURT, Marcelo. “Modernismo e atraso na luta de libertação angolana”. In: REIS, Daniel; ROLLAND, Denis (Orgs). *Modernidades Alternativas*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2008, pp. 277-294; BITTENCOURT, Marcelo. “Nacionalismo, Estado e Guerra em Angola”. In: FERREIRA, Norberto (Org). *A questão nacional e a tradição nacional-estatística no Brasil, América Latina e África*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2015.

¹⁴VIEIRA, José Luandino. Papéis da prisão: apontamentos, diário, correspondência (1962-1971). In: RIBEIRO, Margarida Calafate; SILVA, Mônica; VECCHI, Roberto (Orgs). *Papéis da prisão: apontamentos, diário, correspondência (1962-1971)*. Lisboa: Editorial Caminho, 2015.

Luanda, e depois o tempo em que ele engajou-se contra a repressão portuguesa em Angola, no período de 1959 até 1965; b) em decorrência deste posicionamento, a época em que viveu preso, no campo de concentração de Tarrafal, presídio criado pelo Estado português em 1936 para abrigar presos políticos. Local situado na ilha de Santiago – hoje Cabo Verde. Tudo isto com base nos textos de José Luandino Vieira já mencionados.

Por fim, o 3º capítulo, intitulado “Os musseques de Luanda e de José Luandino Vieira” obtém como proposta realizar um estudo sobre os musseques de Luanda, por conta da maioria da população, naquele lugar, ser constituída por pessoas que vieram de outras regiões, como o interior de Angola ou oriundos de Portugal, por exemplo.

Nesse sentido, buscamos compreender como ocorreu a dinâmica do fluxo migratório para esses lugares, em um primeiro momento, para que assim pudéssemos realizar uma leitura do cotidiano nesses espaços urbanos. Estes, inseridos em um contexto de conflitos e conscientização política que caracterizou, entre outras coisas, a década de 1950 e 60.

Para alcançar esse entendimento, o capítulo norteou-se de duas formas: a) Observar como os massacres de fevereiro e março de 1961 repercutiram nos musseques de Luanda e contribuíram para o surgimento de um face do nacionalismo angolano; b) Examinar como os grupos sociais que ali transitam, a maior parte da população era residente desses espaços, ou ainda, oriunda do interior, e conviveram naquele contexto de conflitos e tensões.

Toda essa leitura histórica será realizada também através do uso de jornais e cartas relacionados aos primeiros anos da década de 1960, como, por exemplo a *Declaração do MPLA ao Governo Português*, de 13 de junho de 1960, referente ao agravamento da repressão, como o observado a seguir:

Na sua declaração de 13 de junho último, o MPLA manifestou claramente ao Governo português e à opinião mundial a sua firme determinação de liquidar urgentemente e por meios pacíficos e democráticos, e domínio colonial português em Angola. Afigurando-se-nos que a política praticada pelo governo português tende à criação de condições para o desencadeamento de uma “guerra preventiva” contra o povo de Angola, o MPLA não tem cessado de denunciar o perigo que corre a paz e a segurança internacionais no nosso país¹⁵.

¹⁵FUNDAÇÃO MÁRIO SOARES - DOCUMENTOS AMÍLCAR CABRAL. *Movimento Popular de Libertação de Angola. Declaração do M.P.L.A. Ao Governo português*. Disponível em:

Além desse documento, iremos também utilizar a *Mensagem do MPLA ao povo português*, em que o Movimento Popular pela Libertação de Angola informa à população angolana qual seria o posicionamento do grupo em relação à presença colonial portuguesa, como o trecho a seguir evidencia:

O Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) endereça esta mensagem ao povo Português, comum espírito de amor à liberdade, à fraternidade e à paz universais.

O MPLA, organização patriótica e angolana, luta indomavelmente pela liquidação urgente da dominação colonial portuguesa em Angola e pela liberdade e o progresso do povo angolano¹⁶.

Esses trechos, ambos arquivos localizados na Casa Comum, escritos no início da década de 1960, registram as mudanças e tensões que contribuíram para a criação de possibilidades que favorecessem as mobilidades e deslocamentos em Angola na década de 1960.

Sendo assim, o interesse em torno da história das sociedades africanas e a ênfase na análise das obras literárias produzidas nesses contextos, revelam importantes questões sobre os processos da descolonização dos países africanos e na formação de identidades e dinâmicas culturais próprias.

Assim, partimos também da premissa de que o texto da literatura, como nos orienta Roger Chartier, é uma leitura de um dos significados que constituem os processos históricos. Segundo o historiador, “Nas diversas culturas, a literatura tem um papel de grande relevo e com inúmeras implicações, como, por exemplo, na afirmação da nacionalidade¹⁷...”

Essa observação de Chartier (1991), como será abordado, corrobora um traço característico das literaturas africanas de expressão portuguesa que serviram de propagação de um discurso identitário, resgate de um passado anterior à presença colonial ou ainda de resistência, com intuito da promoção de nacionalidades, através de movimentos culturais e literários.

<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=04605.044.037#13> Acesso em novembro de 2019.

¹⁶FUNDAÇÃO MÁRIO SOARES - DOCUMENTOS AMÍLCAR CABRAL. *Mensagem do MPLA ao Povo Português*. Disponível em: <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=07056.001.019#> Acesso em novembro de 2019.

¹⁷CHARTIER, R. O mundo como representação. *Revista das revistas*. Estudos Avançados. v5. n11, 1991, p.178

Em outras palavras, estudar a representação desses espaços urbanos a partir do texto da literatura, significa apreender alguns processos históricos que construíram, naquele momento, uma cultura de mobilidades do meio rural para o urbano, em Luanda nas décadas de 1950 e 60.

Essa representação da realidade pela literatura, discutida no campo da disciplina histórica, consoante nos orienta a historiadora Sandra Pesavento sobre os estudos de Representação: “[...] é regida pela relação que estabelece com o seu objeto, e sua meta é atingir uma verdade sobre o acontecido¹⁸...”. E ao fazê-la, podemos estabelecer um diálogo com os processos históricos de uma parte da realidade angolana ao longo da década de 1950-60.

Por isso, nossa proposta é ampliar a discussão sobre as experiências e dinâmicas culturais das populações angolanas, no contexto da transição de mundo colonial para o pós-colonial, sob a perspectiva dos musseques representados na escrita de José Luandino Vieira, bem como a de aprofundar os estudos africanos em Angola em um tempo de profundas mudanças.

É, portanto, dos musseques luandinos que poderemos entender alguns traços da história de Luanda das décadas de 1950-60, e a partir disso os valores socioculturais que possuem a função de expor os conflitos existentes nas fronteiras do asfalto e do musseque, como observado no livro *A cidade e a infância*, de 1960.

Nisso, o importante neste processo de investigação é buscar o sentido, interpretar os significados históricos da literatura de José Luandino Vieira e trazer o diálogo estabelecido nesses dois campos de apreensão do homem no tempo, em uma perspectiva histórica, no exercício de sua representação factual. Enfim, compreender que o texto literário, inserido nesse lugar de reflexões, visou representar significados sobre o modo de vida nos musseques de Luanda.

¹⁸PESAVENTO, 2004, p. 82

CAPÍTULO I

HISTÓRIA E LITERATURA EM ANGOLA (1950-1960)

Este capítulo tem como proposta promover uma discussão teórica sobre o diálogo entre a História e a Literatura, como elas contribuem para apreensão dos estudos sobre Angola em uma perspectiva pós-colonial.

Logo depois, apresentaremos um quadro geral da produção ficcional no território angolano nos finais dos anos de 1950 primeiros anos da década de 1960, inseridos em um contexto de profunda transformações políticas e sociais em território angolano, em virtude das tensões que eram vivenciadas por conta das pautas que visavam a ruptura do sistema colonial português.

1.1 HISTÓRIA E LITERATURA

Um estudo histórico, na perspectiva dos estudos africanos, significa nesta dissertação evidenciar o protagonismo de populações ainda interpretadas de maneira exótica. Para desconstruir essa imagem, fazemos uso de uma abordagem interdisciplinar entre a História e a Literatura, para que possamos apreender pelo texto literário alguns aspectos do passado histórico de Angola.

A fim de que possamos realizar essa interpretação, nossa primeira observação toma uso da História enquanto a ciência que nos possibilita refletir os saberes produzidos em um determinado tempo. E a Literatura como uma expressão humana que também produz conhecimento sobre o homem de uma época.

Neste sentido, um trabalho histórico que se utilize dessa abordagem repensa as dinâmicas que marcaram os processos históricos que registraram as mudanças sociais, culturais e políticas de uma específica sociedade; em nosso caso, a angolana nas décadas de 1950 e 1960.

Sendo assim, em nosso estudo, esta forma de investigação visa compreender os fenômenos das mobilidades e deslocamentos para os musseques de Luanda, representados pela escrita de José Luandino Vieira nos textos *A cidade e a infância*, de 1960; *Luuanda*, de 1963; e *Nosso musseque*, de 2003. Nisto, entendemos a literatura do escritor como práticas de resistência em um cenário de enfretamento às políticas coloniais portuguesas em Angola.

Antes, convém esclarecermos que nosso entendimento do diálogo entre História e Literatura parte de algumas premissas teóricas apresentadas por Roger Chartier, Sandra Pesavento, José Marcelo Caetano e demais autores que nos ajudaram a compreender essa interdisciplinaridade.

Dessa maneira, estamos orientados pelos pressupostos metodológicos que a Nova História Cultural, a partir dos anos de 1970, possibilitou ao trabalho histórico em relação à incorporação de novas fontes com o texto da literatura. Isto é, a documentos que antes eram tomados apenas no estatuto de sua abstração e por isso não eram objetos de estudo para a História.

Diante disso, dialogamos com uma historiografia que considera o texto da literatura como um registro da presença do homem em um determinado tempo histórico¹⁹, como também por veicular sentidos que auxiliam a interpretação de eventos relacionados ao processo de independência de Angola, bem como ser um dos constituintes de formação de identidade. Em outras palavras, não se entende que o escritor não produzia somente livros, mas realizava o registro da história humana por uma outra dimensão para além da ficção. Dito isso, tal análise faz parte dos objetivos da dissertação.

Para elucidar isto, o trecho a seguir de *A cidade e a infância* evidencia parte do exposto:

Tractores invejosos a soldo de bandos de inimigos desconhecidos invadiram-nos a floresta e derrubaram as árvores. Fugiram os sardões e as pica-flores. As celestes e os plim-plaus. Planos maquiavélicos de engenheiros bem pagos, libertaram as chuvas. E nunca mais houve ataques ao Canaxixe. Fomos crescendo.

A vida separou-nos. Cada um com a sua cela neste imensa prisão. Não éramos mais os cavaleiros da Grande Floresta. Uns continuaram a estudar. Outros trabalham. Ele não continuou a estudar²⁰.

Percebemos pela leitura da fonte, início do conto “Encontro de Acaso”, a descrição do momento em que a paisagem natural da cidade de Luanda começou a sofrer transformações por conta do avanço do perímetro urbano, em virtude das

¹⁹Para aprofundar esta concepção, ver: FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de. (Orgs). *O Historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2017, pp. 61 a 92.

²⁰VIEIRA, José Luandino. *A cidade e a infância*. Lisboa: Edição da Casa dos Estudantes do Império, 2014, p.12

políticas de alocação que a administração colonial vai implementar após a 2ª Guerra Mundial na capital angolana.

Destaca-se ainda pelo trecho que o escritor traz ao leitor a afirmação do narrador sobre essas mudanças, isto é, aquilo que ocorreu quando ele era criança. Destarte, ele foi crescendo e a vida separando os amigos de infância. Assim, como representação de um aspecto da realidade, evidenciando esse período de transição, percebemos que houve o início de um processo de mobilidades e deslocamentos para a capital angolana, ou seja, nas décadas de 1940 e 50 aglutinariam-se mais as tensões e diferenças socioeconômicas na capital angolana.

Logo, tal observação realizada por José Luandino Vieira nesse trecho, permite-nos entender o posicionamento do escritor diante das causas das mobilidades assistidas nos musseques de Luanda.

A historiografia a respeito desse aspecto da história das mobilidades e deslocamentos em Luanda esclarecem-nos que os movimentos migratórios em Angola são resultados de diversos fatores, antes, durante e após a presença colonial. Com efeito, a referência que a descrição do texto de José Luandino Vieira realiza, alinha-se à exposição do historiador Lukonde Luansi²¹.

A partir dos apontamentos deste, apreendemos que durante a presença colonial, os movimentos migratórios dizem respeito a parte de um

(...) projecto do “Estado-Nação” e da questão das “Nações étnicas”. O “Estado-Nação” que tem o seu suporte ideológico no conceito europeu da nação em detrimento da realidade sociocultural provocou a crise identitária, que por sua vez originou a longa e dolorosa guerra civil, cujas consequências foram as permanentes e sucessivas vagas migratórias de inúmeros deslocados e refugiados desde a independência em 1975²².

Logo, dessas sucessivas ondas migratórias, centraremos nossas observações nas que estão localizadas nas décadas de 1950 e 1960, em virtude de haver uma relação direta com as tensões que levaram aos conflitos que visavam à independência política de Portugal.

²¹LUANSI, Lukonde. *Angola: Movimentos migratórios e Estados precoloniais - Identidade nacional e autonomia regional*. In: *International symposium Angola on the move: Transport Routes, Communication and History*. Berlin, 24-26 september, 2003.

²²LUANSI, 2003, p.1

A fim de obter maior profundidade nesta perspectiva, precisamos iniciar a discussão a partir dos estudos da década de 1970, em decorrência da virada cultural²³ que trouxe novas metodologias para a pesquisa histórica. Dessa maneira, passou-se a considerar que o escritor também escreve os chamados “documentos do imaginário”, por historiadores como Marc Bloch, Le Goff e Roger Chartier; e ao fazê-los, foi entendido que o escritor produz sentidos importantes a respeito de uma temporalidade e que servem de análise para o historiador, em virtude da interpretação que pode ser realizada do comportamento humano em um determinado tempo.

Convém destacar ainda que compreendemos que, além da representação de mundo ou de uma temporalidade específica, o escritor expressa um posicionamento crítico diante da realidade em que ele está inserido, como ajuda-nos a apreender como ele interpreta a época em que vive a partir das experiências que vivencia.

Em relação aos historiadores acima mencionados, utilizamos as premissas de Roger Chartier, que ao tratar o texto da literatura como fonte histórica, apreende que o escritor realiza representações de atores históricos e sociais. Para ele, este tipo de análise é “[...] baseada na ideia de que a publicação das obras implica sempre uma pluralidade de atores sociais, de lugares e dispositivos, de técnicas e gestos²⁴”

Destarte, em particular em *O mundo como representação*, de 1991, Roger Chartier nos orienta a entender que o tecido²⁵ literário realiza uma representação do mundo em que vivemos e que nos ajuda a entender como uma sociedade se definia ou apreendia a existência. Isto é, o conceito que ele expõe como uma construção da realidade elaborada projetada por um texto como o da literatura, visa constituir uma representação acerca de algum aspecto da sociedade, seja da parte de um grupo social, seja da ótica do político, por exemplo.

Em outras palavras, a concepção dessa teoria é a variabilidade e a pluralidade das compreensões do mundo social ou natural²⁶. Logo, este entendimento inicial nos conduz a buscar ainda nas articulações, outras formas de registros fabricados pelo

²³Ver em: BURKER, Peter. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

²⁴CHARTIER, Roger. *Do palco à página: teatro e ler romances na época moderna (séc XVI – XVIII)*. São Paulo: Casa da Palavra, 2002, p. 10

²⁵Tecido aqui possui o entendimento de Antunes (2005), em *Lutar com as palavras: coesão de coerência*, em que a escrita de um texto se constitui da articulação de palavras, frases, orações e períodos, como um tecido que se produz a fim de emitir um sentido, comunicar algo de acordo com as intenções do autor.

²⁶CHARTIER, Roger. *A história Cultural – entre prática e representações*. Rio de Janeiro: Memórias e Sociedade, 1990, p. 21

homem ao longo da história, ou seja, pelo exercício de leitura das relações e tensões humanas em uma temporalidade singular. Em particular ao do caso angolano, tais tensões ocorreram em decorrência das experiências dramáticas que foram vividas durante o período da administração colonial²⁷.

Desse modo, para que estudo ocorra com eficácia lembramos ainda do que Chartier (1991) expõe sobre a pluralidade das compreensões, ou seja, de acordo com ele: “as significações múltiplas e móveis de um texto dependem das formas por meio das quais é recebido por seus leitores (ou ouvintes)²⁸”.

Isto significa entender que os textos que José Luandino Vieira discorrem sobre pessoas que estão em uma área de invisibilizada, assim interpretadas pela administração colonial, exerciam protagonismo em atividades do cotidiano ou na maneira como se posicionavam diante das segregações construídas pelos portugueses.

Ademais, a pluralidade de que Chartier discorre quanto à Representação, refere-se às várias faces da realidade que são representadas pelo texto da literatura e revelam as marcas dos processos históricos, no decorrer dos pontos de vistas lançados pelo escritor, ao longo da obra literária. Isto é, elucida também que as condições em que este documento da ficção foi produzido é carregado de sentidos e assim nos auxiliam na interpretação da história de Angola (1950-1960), considerando os lugares sociais e culturais por onde ele transitou, ou seja, a historicidade de um texto advém do lugar social, cultural em que foi criado.

A fim de exemplificar essa pluralidade, o trecho a seguir de *Luuanda*, de 1963, demonstra as mudanças em Luanda, na década de 1950, pela perspectiva de um narrador que cresceu nesse ambiente, e realiza a representação de um tempo em Angola em que as famílias, hoje, residentes dos musseques viviam em grandes terras e casas próprias.

Morava numa casa de blocos nus com telhado de zinco. Eles, a mãe, o pai e a irmã que já andava na escola. Aos domingos havia o leilão

²⁷O colonialismo em Angola se deu a um processo de busca por matérias primas, mercados consumidores e áreas de investimentos de capitais que foram intensificados com a Conferência de Berlim (1885-1886). Neste cenário, Portugal efetivou a ocupação total do território angolano enviando militares, missionários e outros indivíduos para administrar a presença portuguesa naquele país. Para ver mais: PINTO, João Paulo Henrique. *A identidade nacional angolana – definição, construção e usos políticos*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense, 2016.

²⁸CHARTIER, 1991, p. 178

debaixo da mulemba grande ao lado da fábrica de sabão e gasosas. Hoje muitos edifícios foram construídos. As casas de pau-a-pique e zinco foram substituídas por prédios de ferro e cimento, a areia vermelha coberta pelo asfalto negro e a rua deixou de ser a Rua do Lima. Deram-lhe outro nome²⁹.

Deste modo, tal perspectiva de leitura, a partir das premissas de Chartier (2002), orienta-nos ainda a entender que o filtro a ser analisado durante a investigação histórica deve ser pelo editorial ou ainda pelo financiamento da obra, ou ainda público consumidor; além de outros dispositivos que integram o processo de escrita, leitura e produção de um livro. Em suma, o trabalho histórico deve estar atento a como tudo isto projeta uma temporalidade pela representação³⁰.

Por seu turno, tais aparatos contribuem para a produção de sentidos que chegará ao leitor de modo a atender às intenções do escritor e/ou do editor. É em virtude deste cenário que nosso intuito é desconsiderar o texto da literatura como um documento puramente semântico, isto é, essencialmente investigado pelos sentidos próprios do texto no seu estatuto ficcional; mas considerá-lo na análise de que as formas produzem sentido.

Para compreender melhor isso, José Luandino Vieira nos revela em entrevista à Rita Chaves as condições de possibilidades em que o texto foi criado e publicado, como também os lugares sociais por onde transitou; produzindo sentidos que nos auxiliam na interpretação de alguns aspectos da história de Angola, nos antecedentes dos conflitos de 1961, precisamente em 1958-59.

[José Luandino Vieira] Eu ainda estava no serviço militar, em 58 trabalhava no quartel general e resolvi editar um caderninho com 4 histórias daquelas que posteriormente apareceram na **A Cidade e a Infância**. O caderno foi feito e já estava pronto, eu paguei, só faltava pegar...

[José Luandino Vieira] Eu paguei em quatro prestações; passava lá todos os dias para ver as provas e em um fim de tarde, eu saí do quartel general, que era lá em cima, na Cidade Alta, subi a calçada do Liceu – a tipografia era mesmo na calçada em frente ao Liceu, naquele largo, a tipografia Globo³¹.

²⁹VIEIRA, José Luandino Vieira. A cidade e a Infância. In: VIEIRA, José Luandino Vieira. *A cidade e a Infância*. Lisboa: UCCLA, 2014, p.27

³⁰CHARTIER, Roger. *Do palco à página: teatro e ler romances na época moderna (séc XVI – XVIII)*. São Paulo: Casa da Palavra, 2002, p. 10-11

³¹CHAVES, Rita; KARACZOROWSKI, Jacqueline. Pela voz de Luandino Vieira. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v.19, n.37, 2015, p.182

Percebemos pelas palavras do escritor que o fato de ele estar no serviço militar significa, segundo o nosso entendimento, que ele não podia em seus textos produzir sentidos relacionados às pautas políticas. Porém, o lugar de impressão, a tipografia Globo, estaria sob suspeita da parte da PIDE³² de publicar textos marxistas e daqueles que exerciam críticas ao colonialismo português em Angola e isto também contribuiu para que José Luandino Vieira acabasse por ficar sem os exemplares por ele solicitados.

O historiador Marcelo Bittencourt³³ expõe que as detenções realizadas pela PIDE, no fim da década de 1950 e, posteriormente, em 1960, tinham o objetivo de vigiar e detectar os líderes dos principais movimentos políticos que atuavam em Luanda.

Por seu turno, para que possamos realizar uma melhor compreensão de análise desses mecanismos de leitura do texto da literatura como produtor de sentidos, ou seja, o lugar de publicação, as condições de possibilidades de criação e as experiências socioculturais do autor, tomaremos como uso de investigação as premissas que a escritora angolana Inocência Mata³⁴ realiza em alguns de seus estudos.

Ela faz-nos entender que o texto da literatura enquanto documento sofre um deslocamento de leitura do tecido textual, que passará a apreender outras áreas dos saberes, a fim de que se interprete o contexto histórico de uma obra literária³⁵, sobretudo relacionado à Angola de 1950 e 60. Deste modo, sendo o texto da literatura investido de uma significação histórica, é preciso também considerar neste nosso processo de investigação o que Roger Chartier apresenta em outro estudo a respeito desta discussão³⁶, isto é, sobre a materialidade do texto.

O historiador revela que a historicidade do tecido textual expõe, “ao mesmo tempo, as categorias de atribuição, designação e classificação dos discursos

³²Polícia Internacional de Defesa do Estado

³³BITTENCOURT, Marcelo. Nacionalismo, Estado e Guerra em Angola. In: FERREIRA, Norberto (Org). *A questão nacional e a tradição nacional-estatística no Brasil, América Latina e África*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2015.

³⁴MATA, Inocência. *História e ficção na literatura angolana: o caso de Pepetela*. Portugal: Edições Colibri, 1993.

³⁵MATA, 1993, p. 27-28

³⁶CHARTIER, Roger. *Do palco à página: teatro e ler romances na época moderna (séc XVI – XVIII)*. São Paulo: Casa da Palavra, 2002.

peculiares à época e ao lugar a que pertencem, e de seus suportes de transmissão³⁷, representações diversas de uma sociedade. Logo, a historicidade textual ao qual Roger Chartier discorre às categorias de análise que se lançam ao texto da literatura, fazem parte de um processo de construção histórico dos sentidos que são determinados pelas condições de possibilidades em que foi produzido³⁸.

Para tanto, nosso intuito é, diante dessa perspectiva, interpretar parte dos processos históricos relacionados às mobilidades e aos deslocamentos para os musseques de Luanda, representados pela literatura de José Luandino Vieira. Logo, quando optamos pela premissa de Chartier (2002), iremos entender as condições socioculturais em que o texto foi produzido, considerando parte das experiências do escritor enquanto morador do musseque Braga e o seu envolvimento nas tensões dos primeiros anos da década de 1960, ou ainda as atribuições dadas ao documento (tecido literário), por exemplo.

Como observado, a historicidade nesse tipo de texto está relacionada às condições em que ele foi produzido, quer seja em como foi divulgado, quer seja impresso, como também vendido.

1.2 JOSÉ LUANDINO VIEIRA E O CONTEXTO DE PRODUÇÃO

No caso angolano, a fim de clarificar ainda o contexto de produção do tecido literário, poderemos compreender com maior profundidade um episódio vivenciado por José Luandino Vieira, ou seja, sofreu censura da parte da administração colonial durante a impressão do livro *A cidade e a infância*, em 1959, havendo a publicação somente em 1960.

Essa censura, como revelou o escritor em entrevista à Rita Chaves e Jacqueline Kaczorowski, em 2015³⁹, foi realizada pela PIDE no dia anterior em que ele havia encomendado quatro cadernos⁴⁰ para ser lido e avaliados por amigos também escritores.

³⁷CHARTIER, 2002, p. 11

³⁸CHARTIER, 1999, p. 178

³⁹CHAVES, Rita; KARACZOROWSKI, Jacqueline. Pela voz de Luandino Vieira. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v.19, n.37, 2015.

⁴⁰Não havia a preocupação nessa fase, da parte do escritor em ser um romance, apenas histórias reunidas para, posteriormente serem publicadas. Ver em: CHAVES, Rita; KARACZOROWSKI, Jacqueline. Pela voz de Luandino Vieira. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v.19, n.37, 2015. p.182

Antônio Simões Junior, que era um português que estava exilado em Avellaneda, perto de Buenos Aires, com quem eu tinha correspondência não muito regular, mas umas cartitas. Enviava-lhe um livro ou outro e ele nos enviava sempre tudo. [...] No dia seguinte de manhã, quando passei pela tipografia, disseram-me que tinham estado as autoridades e que tinham apreendido a edição toda. O próprio administrador do Conselho de Luanda tinha ido lá, com não sei o quê, fez um auto e levou tudo. Eu reclamei, pedi audiência já não me lembro a quem lá no governo e disseram-me “Não, não; não é por nada, é porque o senhor está no serviço militar e publicou um livro sem autorização do general comandante⁴¹.

A fonte nos revela que o motivo que os policiais da PIDE vão justificar a apreensão de todo o material na tipografia, isto é, onde estavam os cadernos do escritor. Essa ação ocultava - segundo nossa interpretação - uma censura que já havia se intensificado da parte da administração colonial em Luanda na época, principalmente em relação a qualquer tipo de texto de natureza literária, por conta do envolvimento de escritores com a causa da independência.

A historiografia a respeito disso, diz-nos que a literatura angolana exerceu um importante papel de resistência à presença colonial portuguesa e de valorização da cultura nacional de Angola. Sendo assim, os escritores estavam envolvidos com a revista “Mensagem” e com o movimento “Vamos Descobrir Angola”, em 1948, lançado pelo poeta Viriato Cruz, como também com o Movimento dos Novos Intelectuais de Angola (MNIA)⁴²; por tais razões, a PIDE buscou conter publicações e atividades desses escritores.

A partir dessa censura, melhor compreendemos alguns motivos que levaram o José Luandino Vieira para a prisão, já na década de 1960. Como ele mesmo nos diz:

Eu fui preso em julho. A acusação era a mesma; eu fui preso no âmbito do Processo dos 50; foi presa toda a gente, do MIA, do MINA, do MNL. Todos tinham a mesma intenção, todos tinham o mesmo objetivo, e cada um, de dois, três, quatro, cinco pessoas do seu lado faziam um grupo, faziam panfletos, distribuíam panfletos, era uma agitação muito grande⁴³.

⁴¹CHAVES, Rita; KARACZOROWSKI, Jacqueline. Pela voz de Luandino Vieira. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v.19, n.37, 2015, p.183

⁴²ALVES, Amanda Palomo. *Angolano segue em frente: Um panorama do cenário musical urbano de Angola entre as décadas de 1940 e 1970*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, UFF, 2015, p.23

⁴³CHAVES, Rita; KARACZOROWSKI, Jacqueline. Pela voz de Luandino Vieira. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v.19, n.37, 2015, p.185

Assim, percebemos que tais movimentos buscaram resgatar aspectos da identidade angolana, como também contrapor a manutenção do controle colonial que se dava através da exploração e da segregação. Dessa maneira, as experiências a serem obtidas a partir disso, principalmente nos anos de 1950, significaram fortalecer um sentimento de ruptura. Dessa forma, as atividades literárias começaram a desempenhar o papel de conscientizar parte da população dentro de raras possibilidades legais existentes⁴⁴.

Voltando para a discussão a respeito da abordagem interdisciplinar entre História e Literatura, a fim de que possamos compreender com profundidade tal dimensão, buscamos em Sandra Pesavento⁴⁵, interpretarmos a seguinte orientação: “a História seria a narrativa do que aconteceu, distinta da literatura, que seria a narrativa do que poderia ter acontecido⁴⁶”.

Deste modo, apreendemos que o ato de narrar para o campo da literatura está relacionado à ficção, enquanto para o histórico em interpretar por documentos, fontes, a passagem do homem em uma época. Nesse sentido, a História busca refletir sobre um aspecto do passado da realidade humana, e o literário projeta pela imaginação as experiências do escritor, inserido naquele cenário.

Retornando para Sandra Pesavento, ao observarmos que ela afirma que a narrativa histórica constitui-se de elementos que tem como objetivo conduzir o leitor a um aspecto da realidade fora do texto, “[...] à qual ele só acede pelo imaginário, mas, ao mesmo tempo, a narrativa histórica não se sustenta por si só: ela guarda marcas de historicidade – as fontes, os documentos que deram margem à elaboração do texto...⁴⁷”. Esta exposição clarifica para o nosso estudo que a historicidade em um trabalho histórico provém da leitura das fontes, diferente da perspectiva da Crítica Literária⁴⁸, outrora apresentada por Inocência Mata.

Dessa maneira, os textos de José Luandino Vieira são compreendidos neste

⁴⁴ALVES, Amanda Palomo. *Angolano segue em frente: Um panorama do cenário musical urbano de Angola entre as décadas de 1940 e 1970*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, UFF, 2015, p.42

⁴⁵PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

⁴⁶PESAVENTO, 2004, p. 53

⁴⁷PESAVENTO, 2004, p 59

⁴⁸Na perspectiva da Crítica Literária, ocorre que a leitura histórica se torna representada no texto literário como tema para reflexão de algum aspecto social, cultural ou político, ou ainda para simples configuração de um ambiente ou espaço, visando contextualizar o texto, ou mesmo para localizar aspectos identitários de personagens, de acordo com as intenções do escritor. Para mais, ver: MOISÉS, Massaud. *A criação literária: poesia e prosa*. ed. rev e atual. São Paulo: Cultrix, 2012.

estudo como essas marcas de historicidade ao qual Pesavento (2004) expôs, e possibilitam-nos apreender uma parte do processo de Representação, apresentado por Chartier (1991), ou seja, entender nas formas de sentido o que o texto produz e o que ele utiliza para projetar um aspecto da realidade de um tempo histórico.

A fim de esclarecer alguns pontos que ainda podem ser divergentes, tomamos uso também do estudo realizado por Valdeci Rezende Borges⁴⁹, que esclarece ser a literatura uma expressão carregada também de historicidade, e “como fonte documental para a produção do conhecimento histórico⁵⁰”.

Isto significa que através da análise do texto literário como um documento escrito em uma determinada época, o olhar do historiador deve se debruçar pelo reconhecimento dos mecanismos que produzem o sentido deste objeto, ou seja, trazer à tona a dimensão do diálogo com outros textos, para compreender as formas de produção de sentido que ele realiza.

Esta acepção de Valdecir Rezende Borges (2010) sobre o texto da literatura ser uma fonte que produz conhecimento histórico, é tomado à luz da categoria de “apropriação”, de Roger Chartier⁵¹. Esta percepção para o estudo da relação História e Literatura está relacionada aos estudos do mundo do texto como representação de uma realidade, à medida que adentramos no estudo das representações.

Assim, no livro mencionado de Roger Chartier (2002), ele nos informa que o caminho de investigação percorre em saber como autores, leitores, livreiros, meios de circulação e produção estão conectados como em uma rede que se sustenta em aspectos econômicos, culturais, políticos e sociais.

A partir da apropriação destas características é possível tomar a acepção das maneiras de representação de que o texto da literatura realiza sobre um dado momento da história. É, em outras palavras, apreender as condições de produção ou recepção do tecido textual com o propósito de realizar uma interpretação de algum aspecto da realidade humana ou de seu comportamento em uma época de significativas mudanças em Angola, em virtude do aumento das tensões que antecederam os conflitos armados da década de 1960.

Para o nosso estudo, optamos pela escolha do escritor e do texto, observando

⁴⁹BORGES, V. R. História e Literatura: Algumas considerações. *Revista de Teoria da História*. Ano1, n3, 2010.

⁵⁰BORGES, 2010, p. 94

⁵¹CHARTIER, Roger. *Do palco à página: teatro e ler romances na época moderna (séc XVI – XVIII)*. São Paulo: Casa da Palavra, 2002.

como o trajeto literário de José Luandino Vieira integra um dos motivos das condições em que as narrativas produzem sentidos, porque nos auxiliam na interpretação do momento histórico de Angola das décadas de 1950-60. Assim, realizar este tipo de investigação, significa também refletir sobre as condições históricas da produção desse texto, considerando os lugares sociais em que o escritor transitou, como também compreender o contexto de produção em que o processo de criação do tecido textual estava inserido.

Nesse íterim, torna-se importante nesta análise tomar uso do contexto em que as narrativas de José Luandino Vieira estão inseridas. Tudo com o propósito de não cair em anacronismos ou ambiguidades que estejam presentes no texto literário, ou ainda dar ênfase aos aspectos estéticos deste tipo de documento.

Nesse sentido, Roger Chartier discorre que:

[...] voltar a atenção para as condições e os processos que, muito concretamente, sustentam as operações de produção do sentido (na relação de leitura, mas em tantos outros também) é reconhecer, contra a antiga história intelectual, que nem as inteligências nem as ideias são desencarnadas, e contra os pensamentos do universal...⁵²

Logo, percebemos pelas palavras do historiador que a produção de sentido está carregada de uma historicidade que precisa ser lida e interpretada, a fim de que haja compreensão de como o texto da literatura realiza a representação de um tempo histórico. Se através da investigação interdisciplinar da História com a Literatura podemos interpretar uma parte da realidade humana em um momento da história, é por meio da Representação que poderemos entender o texto literário, mediante essa perspectiva.

Avançando na discussão, Gabriela de Lima Secco⁵³ aborda os debates em torno das representações, compreende que a literatura é uma fonte histórica capaz de permitir a análise histórica, em virtude de poder ser vista “como o observatório das representações de uma determinada sociedade em uma determinada época⁵⁴”.

Dessa maneira, o texto da literatura entendido como observatório de uma determinada sociedade, faz com que o tecido textual dessa área da expressão

⁵² CHARTIER, 1991, p. 180.

⁵³ SECCO, G. de L. História e Literatura: narrativas literárias e históricas, uma análise através do conceito de representações. *Revista Historiador*. Ano7, n7, 2015.

⁵⁴ SECCO, 2015, p. 22

humana seja uma fonte significativa de análise das diversas visões em que podemos apreender um tempo.

A fim de que possamos compreender esta dimensão com maior profundidade, tomamos também como referência os apontamentos de Marcelo José Caetano, a respeito das literaturas africanas de expressão portuguesa. Para ele, o diálogo entre História e Literatura se constitui da seguinte concepção:

O texto literário não é autônomo em relação ao ambiente histórico e cultural em que é produzido. Ele é um modo de projeção das questões e pontos de vista que configuram esse ambiente, sintoniza-se, em alguma medida, com a percepção própria do seu tempo⁵⁵.

Logo, neste exercício de se olhar o aspecto histórico e cultural pelo texto da literatura, o ponto de vista do escritor possui a função de projetar no leitor como um determinado traço da realidade foi apreendido. Nisto, o historiador deve perceber que os lugares sociais e culturais transitados pelo escritor estão em harmonia, representados na escrita, na constituição de um personagem, no trato de um tema, nos meios de circulação do livro.

Diante dessas observações, compreendemos que a literatura angolana procura em seu projeto nas décadas de 1950 e 60, contribuir para a recuperação de uma identidade que estava silenciada, ou seja, buscou disseminar ideias que visassem o protagonismo do que significava ser angolano.

1.3 HISTÓRIA E LITERATURA EM ANGOLA

O escritor moçambicano João Paulo Borges Coelho, em entrevista à Rita Chaves, pesquisadora com amplos estudos a respeito da relação História e Literatura, principalmente às literaturas africanas de expressão portuguesa, realiza algumas considerações a respeito da interdisciplinaridade entre essas duas áreas do conhecimento humano.

Para ele:

[...] a história está sujeita ao paradigma da verdade, procura ser mais

⁵⁵CAETANO, 2007, p. 3

objectiva, ao passo que a literatura está mais próxima da imaginação e da intuição. Certamente que a imaginação também joga um papel fundamental da prática historiográfica, mas trata-se de uma responsabilidade, assombrada apenas por uma coisa que ainda não sei bem o que é e se chama verossimilhança⁵⁶ [...]

Mediante a exposição deste escritor moçambicano, a imaginação é uma forma de tratar e retratar a realidade, e desse modo, projetar no texto como a existência poderia ser ou como ocorreu. Essa projeção se dá pelo diálogo que o texto realiza com a realidade, chamado pelo escritor de verossimilhança.

No caso de Angola, isto ocorre pelo posicionamento que escritores angolanos vão assumir diante dos debates que foram promovidos também pela atividade literária. Com efeito, eles projetaram no texto as representações das experiências dramáticas que foram vivenciadas pela sociedade angolana, durante o período colonial.

Nesse íterim, a década de 1960 foi marcada por conflitos armados que tinham por finalidade a conquista da liberdade política frente à Portugal, uma vez que Angola era colônia do país europeu.

A respeito desse tema, Marcelo Bittencourt⁵⁷ afirma que os conflitos eram direcionados ao combate contra a presença portuguesa e quem tomou a frente nos campos de batalhas foram movimentos políticos que, anos mais tarde, após a independência (1974), iriam entrar em conflitos entre si⁵⁸. Deste modo, as tensões que esse período originou, provocou experiências dramáticas em boa parte da população angolana que estava inserida naquele imenso campo de batalha política e armada.

Com efeito, podemos entender que situações como essas corroboram o que João Paulo Borges Coelho afirma sobre a postura dos escritores africanos e como é o papel da imaginação nisso tudo, ou seja, projetar uma realidade possível, confrontar o homem diante das dificuldades da realidade⁵⁹.

Voltando para as considerações de Sandra Pesavento a respeito da relação interdisciplinar entre História e Literatura, ela afirma que este diálogo se realiza

⁵⁶CHAVES , 2009, p. 153

⁵⁷BITTENCOURT, Marcelo. "Nacionalismo, Estado e Guerra em Angola". In. FERREIRA, Norberto (Org). *A questão nacional e a tradição nacional-estatística no Brasil, América Latina e África*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2015.

⁵⁸BITTENCOURT, 2015, p. 231-234

⁵⁹CHAVES *apud* COELHO, 2009, p. 154-155

“mediante aproximações e distanciamentos, entendendo-as como diferentes formas de dizer o mundo, que guardam distintas aproximações com o real⁶⁰.”

Sendo assim, quando nosso estudo histórico se desenvolve a partir de uma parte da produção escrita de José Luandino Vieira, visa interpretar aspectos relevantes do cotidiano dos musseques de Luanda, a partir dos eventos históricos relacionados às mobilidades e aos deslocamentos, como também em observar como ocorre a construção de uma realidade pela ficção da escrita literária, à luz das impressões (pontos de vista) do escritor.

Avançando nesta discussão, João Paulo Borges Coelho afirma que esta maneira de interpretação sobre as diferenças desses dois tipos de escrita pressupõe em entender que a “linguagem acadêmica produz significados, enquanto a linguagem literária produz significantes.⁶¹”

Diante disto, buscamos nos sentidos que o texto da literatura promove, apreender uma parte peculiar da história de Angola, sobretudo nos musseques⁶² de Luanda, ou seja, quanto aos processos históricos que envolvem a dinâmica das mobilidades e deslocamentos para aqueles lugares.

Convém, antes de avançarmos nesta discussão que visa realizar uma leitura histórica das décadas de 1950-1960, esclarecer que os musseques são bairros periféricos da capital de Angola, Luanda, e guardam marcas dramáticas do que ocorreu durante os conflitos armados daquele período, como também revelam traços de um passado histórico do país que nos ajudam a entender com maior profundidade o que foi e como ocorreram as mobilidades e deslocamentos naquele tempo. Isto será abordado em outra seção de nosso estudo.

Retomando a discussão, se por um lado uma parte da produção historiográfica nos afirma que houve uma incapacidade de unificação da parte das forças políticas em Angola, durante os conflitos que visavam a libertação; por outro, a literatura produzida naquele período concentrou-se em denunciar as tensões políticas e sociais e visou recuperar práticas que estavam esquecidas por boa parte da população, como a própria identidade angolana.

⁶⁰PESAVENTO, 2004, p. 80

⁶¹COELHO, 2008, p. 231

⁶²Os musseques são bairros periféricos da cidade de Luanda, em cubatas (residências) de barro e chapas, habitadas por grande parte da população angolana na área suburbana da capital de Angola. Ver em: ERVEDOSA, *A literatura angolana*. 2ª ed. Lisboa: União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA), 2015.

Quanto às tensões políticas e sociais, Marcelo Bittencourt⁶³ promove uma discussão a respeito das contradições que existiam nos movimentos políticos, em virtude dos diversos vínculos que ligavam as pessoas também residentes dos musseques. Consoante ele esclarece, muitas dessas diferenças se explicam pelo fato de que “essas organizações eram formadas por grupos do mesmo bairro, mesma geração da escola, mesma profissão, mesmo clube, religião ou frequentadores da mesma igreja⁶⁴”.

É por isso, lembrando do que João Paulo Borges Coelho vai afirmar, que “se diz muitas vezes da literatura que o segredo não está na história que se conta, mas na maneira como se conta⁶⁵”. É através deste entendimento que podemos compreender como o escritor, sobretudo o angolano, interpretava a realidade em que está inserido.

Sendo assim, é possível realizar uma leitura em sintonia com uma dada época, principalmente no tocante à História de Angola da década de 1950-60. Por isso, o texto literário tratado como documento escrito, para o historiador, deve ser problematizado à dimensão temporal de seu contexto de produção, na busca pela percepção das contradições e tensões existentes daquele período.

Silvio de Almeida Carvalho Filho, em pesquisa histórica envolvendo a literatura como fonte, realiza uma leitura mais apurada dos processos históricos que ocorreram em Angola, sobretudo durante as décadas de 1950 e 1960. Em *Angola: História, Nação e Literatura*, de 2016, ele compreende que a produção literária em Angola cumpre o papel de contar a realidade presente do país, como também de narrar o passado angolano. Segundo o historiador: “questões como o colonialismo, a formação da nacionalidade, a democracia e o socialismo emergiam como elementos temáticos abordados pelos escritores⁶⁶...”

Neste sentido, durante o ato da escrita, projetam-se realidades que possuem como pauta as categorias levantadas pelo historiador Silvio Carvalho Filho (2016) e representadas pelos escritores, conforme as experiências de mundo em que cada um vai adquirindo, bem como os lugares sociais e culturais por onde irão transitar, como o trecho a seguir do conto “A cidade e a infância” explicita:

⁶³BITTENCOURT, M. A criação do MPLA. *Estudos Africanos*. n32. Rio de Janeiro, 1997, pp.185-208

⁶⁴BITTENCOURT, 1997, p. 189

⁶⁵COELHO, 2008, p. 231

⁶⁶CARVALHO FILHO, 2016, p. 24

Os garotos fugiam, escondiam-se e esperavam o lobo. Eles tocavam-se e coravam entre as flores da estufa. Os pais e as mães riam-se e trocavam comentários. O velho folgazão pai dela, abria o garrafão de vinho verde branco e toda a gente bebia à saúde do Futebol Club de Luanda⁶⁷.

Logo, se no campo disciplinar da história busca-se nesse cenário interpretar parte dos processos históricos em Angola naquele período, a literatura angolana visa construir uma modelo de país, oferecendo o testemunho de seus agentes como reflexo de uma estrutura de organização social que estivesse livre da administração colonial.

Inocência Mata, por sua vez, chega a mesma conclusão que Sílvia de Almeida Carvalho expôs a respeito do papel do escritor angolano e da literatura angolana durante o período de ruptura com a administração colonial. Segundo a autora: “O processo que vai da descolonização ao pós-colonial exige, assim, um novo método de abordagem e diálogo com o mundo global, porque nesta nova conjuntura impõe-se a lógica do gesto de abrir espaços⁶⁸”

Sendo assim, ao se analisar José Luandino Vieira por este debate historiográfico, percebemos o que Carvalho Filho (2016) vai nomear como o perfil do escritor angolano e isto nos ajuda a “compreender o referencial socioideológico, a visão de mundo ou a ferramenta mental dos grupos sociais, com os quais os escritores mantinham uma relação⁶⁹...”

Esta afirmativa do historiador se refere em muito à formação educacional da intelectualidade angolana, porque os escritores eram oriundos de diversos grupos étnicos, sociais e culturais; mas que frequentaram o meu espaço de ensino, os liceus em Luanda. E isto contribuiu para a formação de uma mesma ideologia para lutar contra a administração colonial.

Como nos esclarece José Luandino Vieira a respeito desse contexto de produção, a partir de suas experiências:

Eu ainda não tinha 20 anos, penso eu, e já escrevia coisas a partir da memória de um tempo a que eu tinha assistido e que estava em vias de extinção. Um tempo que está em alguns contos e que mais tarde

⁶⁷VIEIRA, José Luandino Vieira. Nascer do Sol. In: *A cidade e a Infância*. 2ª ed. Lisboa: UCCLA, 2014, p. 30

⁶⁸MATA, 1993, p. 36

⁶⁹CARVALHO FILHO, 2016, p. 26

veio a dar o **Nosso musseque**, que também foi tirado da experiência desta época⁷⁰.

Em outras palavras, percebemos que o escritor destaca que a extinção daquele tempo que ele havia assistido é uma referência às mudanças que ondas migratórias para Luanda vivenciaram após a 2ª Guerra Mundial, provocando transformações estruturais e sociais na capital angolana, como também intensificando tensões locais.

Diante dessas premissas, José Luandino Vieira é o exemplo do exposto por Carvalho Filho (2016). A maior parte dos escritores da literatura angolana eram intelectuais que se engajaram nas atividades políticas e partidárias do país, como consequência - em alguns casos - seus escritos estavam alinhados a um projeto de nacionalismo, algo que veio a incomodar a administração colonial.

De acordo com Carvalho Filho:

Com esse intuito, organizaram uma instituição fulcral: a União dos Escritores Angolanos que, em dezembro de 1975, realizou a sua primeira reunião, e em 22 de maio de maio de 1976, seus estatutos pontuavam que era constituída pelos escritores angolanos empenhados no processo revolucionário de Angola⁷¹.

Antes desse episódio, convém adentrarmos na fundação da revista Mensagem⁷², veículo de publicação de autores angolanos criado pelo Movimento Intelectuais de Angola, através do engajamento dos escritores Viriato da Cruz e Mário Alcântara Monteiro, na década de 1950. Em síntese, o que eles escreveram, revelam para a nossa investigação histórica alguns esforços da parte da produção de uma literatura que propôs contar a história do país, ou ainda, resgatar o passado histórico angolano.

Nesse íterim, o resgate desse passado em nosso estudo se concentra em procurar saber os significados que são produzidos pelos processos históricos nos textos de José Luandino Vieira, pelas temporalidades que testemunharam a presença do homem em uma determinada época.

⁷⁰CHAVES, Rita; KARACZOROWSKI, Jacqueline. Pela voz de Luandino Vieira. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v.19, n.37, 2015, p.181

⁷¹CARVALHO FILHO, 2016, p. 41

⁷²Ver em: PEIXOTO, Carolina Barros Tavares. *Limites do ultramar português, possibilidades para Angola: o debate político em torno do problema colonial (1951-1975)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense, 2009.

No caso do contexto angolano, interpretamos parte do passado, sob a ótica dos deslocamentos e mobilidades para os musseques de Luanda em 1950 e 1960. Em outras palavras, em um cenário marcado por diversas rupturas, a literatura produzida em Angola contribuiu para a promoção de um momento histórico durante a presença colonial.

Destarte, as produções historiográficas que abordam os estudos entre História e Literatura em Angola nos orientam no entendimento de que o engajamento dos escritores está diretamente relacionado aos grupos sociais, culturais e políticos em que estavam inseridos, como também para posicionamentos ideológicos que serviram de base para promover uma escrita consciente, frente aos problemas que a sociedade vivenciava durante a década de 1960⁷³.

Este entendimento, somado aos apontamentos de Roger Chartier, resulta nossa aceção a respeito da produção de José Luandino Vieira como produto de “negociações sociais”⁷⁴, porque visa demonstrar que em uma abordagem histórica, o olhar lançado para as obras literárias está na produção de sentidos que elas realizam, sobretudo no instante em que projetam uma realidade, isto é, as obras estabelecem uma negociação com o mundo social. Em outras palavras, verificaremos que “a narrativa é um modo de representação orientado para a condição histórica do Homem, para o seu devir e para a realidade em que se processa (...)”⁷⁵

Deste olhar lançado à pesquisa histórica, poderemos entender as reclamações pacíficas ou violentas que atingiram o ápice durante a década de 1960 em Angola, porque a realidade projetada pelo tecido textual é resultado das impressões e experiências que o escritor obtém ou obteve.

Ainda há de se pressupor, na ótica de Mata (1993), que o modo como a realidade pode ser processada nos efeitos que a leitura ou a circulação deste texto pode provocar, ajuda-nos entender como a sociedade angolana daquele período (décadas de 1950-60) define a existência, a vida nos musseques de Luanda.

Por seu turno, a representação que a literatura realiza, permite-nos a possibilidade de uma leitura dos significados dos processos históricos, dos eventos relacionados ao início dos conflitos armados em Angola, em 1961. Estes conflitos, oriundos de movimentos políticos que visavam a libertação angolana, sofreram após

⁷³CARVALHO FILHO, 2008, p. 26

⁷⁴CHARTIER, 2002, p. 11

⁷⁵MATA, 1993, p. 48-49

os ataques contra instalações militares portuguesas uma resposta que levou à prisão os líderes dos movimentos, entre eles Agostinho Neto⁷⁶.

Em virtude das prisões, Marcelo Bittencourt revela que elas “acabariam por proporcionar ainda uma boa amostragem do estrato social dos elementos que se empenhavam na luta anticolonial. Eram em sua maioria funcionários públicos, empregados do comércio, enfermeiros, operários (...)”⁷⁷. Essa exposição de Bittencourt (1997) será aprofundada no capítulo seguinte, este intitulado “José Luandino Vieira e Angola (1950-1960), e abordará as dinâmicas de mobilidades e descolamentos nos musseques de Luanda.

Voltando para a discussão entre a abordagem interdisciplinar da História com a Literatura em Angola, percebemos que a dimensão do texto literário vai além da ficção, porque apresenta em diferentes perspectivas momentos da história de um país por escritores como Agostinho Neto e o próprio José Luandino Vieira.

Para esclarecer melhor essa dimensão, Carlos Ervedosa⁷⁸ expõe que a produção literária do país, letrada, é lida na história a partir de quatro grupos, isto é, em 1880, 1896, 1950 e 1957. Ervedosa (2015) nos faz entender que os escritores das últimas duas gerações se organizaram em movimentos culturais e tinham enquanto propósito promover o resgate da identidade angolana, bem como denunciar os efeitos das práticas da administração colonial.

Dessa maneira, interessa para o nosso estudo o último grupo que vivenciará as tensões existentes na década de 1950-60, ou seja, das experiências vivenciadas neste período, as pautas dos escritores dessa geração que discorreram sobre a liberdade política e a ruptura com a administração colonial.

Para Ervedosa (2015), “A poesia deste movimento é social, reivindicativa”⁷⁹ porque os poetas deste período observavam as transformações sociais na sociedade angolana e as denunciavam.

Estas mudanças se referem às tensões que se tornaram mais intensas no final dos anos 1950 e tiveram na década 1960 o ápice das tensões deste último período. Logo, viriam a testemunhar os conflitos armados com a administração colonial ao longo da década de 1960.

⁷⁶Líder do Movimento pela Libertação de Angola, o MPLA. Ver: VISENTINI, 2012, p 49.

⁷⁷BITTENCOURT, 1997, p. 189.

⁷⁸ERVEDOSA, Carlos. *A literatura angolana*. 2ª ed. Lisboa: União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA), 2015.

⁷⁹ERVEDOSA, 2015, p. 36

Para elucidar este cenário, recorreremos novamente aos apontamentos de Marcelo Bittencourt. Ele esclarece que:

[...] a luta pela libertação angolana tem início com o ataque às prisões de Luanda, ocorrido em 04 de fevereiro de 1961, reivindicado em tempo oportuno pelo Movimento pela Libertação de Angola, MPLA. Logo em seguida, em 15 de março de 1961 a União das Populações de Angola, UPA, promove um levante de grandes proporções no norte da colônia⁸⁰.

A partir disso, treze anos de conflitos foram travados até a independência, em 1974, provocando durante o período de 1961 a 1974 o deslocamento da população dos musseques para outras regiões de Luanda. As mudanças oriundas desse contexto também fizeram parte do projeto da literatura acerca do resgate identitário do que é ser angolano, do surgimento do nacionalismo através da ruptura com a administração colonial.

Nesse sentido, convém pontuar que o grupo da geração de 1950⁸¹ iria ser o responsável por duas publicações da revista “Mensagem”, veículo de divulgação da produção literária angolana e que teve como editorial a Associação dos Naturais de Angola⁸², destacando enquanto presença poetas como Maurício de Almeida Gomes⁸³ e Humberto da Silvé⁸⁴. Além disso, o historiador João Paulo Henrique Pinto⁸⁵ revela-nos que essa geração, através do Movimento dos Novos Intelectuais de Angola, estava envolvido em debates relacionados às questões étnicas e regionais.

Pinto (2016) ainda nos faz entender que essa geração de escritores utilizavam tal canal como veículo de divulgação do que produziam, ou seja, pela revista *Mensagem*. Convém mencionar que o periódico também recebeu o nome de *Boletim*

⁸⁰BITTENCOURT, 2015, p. 233

⁸¹ERVEDOSA, 2015, p. 34

⁸²Entidade cultural composta por escritores locais em resposta à jornalistas estrangeiros que desempenharam atividades literárias em Angola na década de 1940 e 1950. Para mais, ver: ERVEDOSA, Carlos. *A literatura angolana*. 2ª ed. Lisboa: União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA), 2015; e PINTO, João Paulo Henrique. *A identidade nacional angolana – definição, construção e usos políticos*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense – UFF, 2016.

⁸³Poeta do Movimento dos Novos Intelectuais de Angola, 1950.

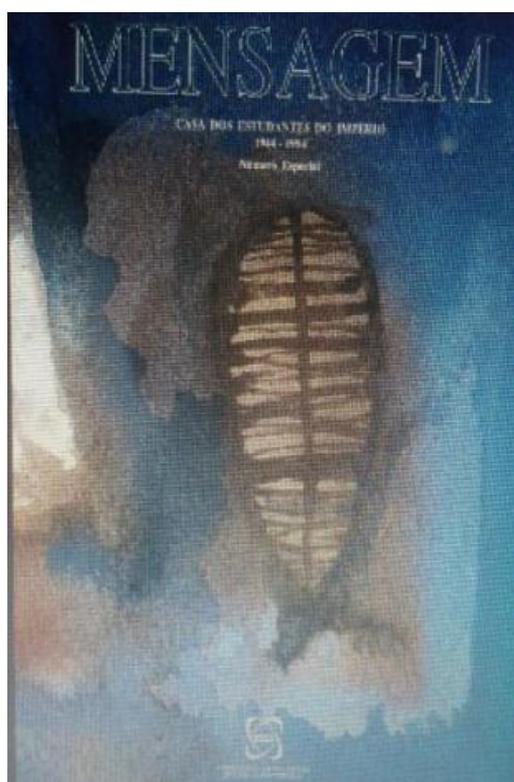
⁸⁴Membro da Associação dos Naturais de Angola, 1950.

⁸⁵PINTO, João Paulo Henrique. *O movimento dos Novos Intelectuais de Angola e a construção da identidade nacional angolana*. Anais da XI Estudos Históricos professor Manuel Salgado. v2. Rio de Janeiro, 2016.

Mensagem ou mesmo *Boletim*, mas “Apesar desta variedade de nomenclaturas, estas publicações seguem basicamente a mesma linha de divulgação e valorização da cultura das colônias portuguesas em África, tendo inclusive os mesmos colaboradores⁸⁶”.

Desse modo, observamos que ela desempenhou um importante papel de comunicar valores e costumes considerados angolanos, por isso também os trabalhos disseminados a partir dela - através das críticas que realizaram à administração - foram censurados pela PIDE. Em outras palavras, percebemos que ela contribuiu para a mobilização e formação política militante, observado em Luanda nos anos de 1950 e 60.

Figura 1 - Capa da revista *Mensagem*



Disponível em: https://issuu.com/uccla/docs/mensagem_uccla_online

Assim, esse grupo endossou as críticas ao colonialismo português, abordando temas sobre os problemas dos musseques, sobre Luanda, e sobre a vida urbana como um todo. Mais tarde, a geração de 1957 influenciaria José Luandino Vieira, que

⁸⁶PINTO, 2016, p. 8

começaria a dar os primeiros passos em sua carreira em participação de coletânea organizada pela Casa dos Estudantes do Império. Algo que será aprofundado no segundo capítulo deste estudo.

Em síntese, os escritores de 1950 deram preferências aos temas, descrições e ao uso da linguagem local em seus respectivos textos, com o surgimento do jornal literário “Cultura”, por exemplo; já em 1957, surgiu uma nova geração de intelectuais angolanos que continuariam o projeto de seus antecessores.

Exemplificam esse cenário, literatos como: o poeta Geraldo Bessa Victor, com o livro *Cubata Abandonada*, em Luanda. Já na cidade de Benguela, Aires de Almeida, com os poemas publicados na revista, “A mulembra secou”, “Quem tem o canhé?”, e “O calor de missangas⁸⁷”; além de outros poetas e contistas. Eis o trecho de um desses poemas.

Tenho saudades do tempo
Em que corria descalço
Pelas areias do rio;
Comigo, os meus companheiros
Também descalços, correndo,
A correr ao desafio.
Tenho saudades do Largo
Onde estava a minha casa,
Com mulembas altaneiras;
Tenho saudades das sombras
Com que os seus ramos cobriam
Sempre as nossas brincadeiras⁸⁸.

Semelhante ao que José Luandino revela em *A cidade e a infância*, de 1960, sobre o tempo de sua infância e que já presenciava mudanças, percebemos pelo trecho acima que o poeta Geraldo Bessa Victor evidencia saudades do momento em que corria livre pelas ruas, com os amigos.

Por fim, Ervedosa (2015) relata ainda que em 1958, a Casa dos Estudantes do Império organiza uma seção editorial, com o objetivo de publicar escritores ultramarino. Esta instituição foi criada em 1944 pelo regime colonial, para melhor

⁸⁷ERVEDOSA, Carlos. *A literatura angolana*. 2ª Ed. Lisboa: União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA), 2015. p. 28

⁸⁸VICTOR, Geraldo Bessa. A mulembra secou. In: ERVEDOSA, Carlos. *A literatura angolana*. 2ª Ed. Lisboa: União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA), 2015. p. 28-29

controlar os estudantes universitários vindos das ex-colônias portuguesas⁸⁹. É deste fato que ocorre a participação de José Luandino Vieira e, como veremos mais adiante, a publicação de *A cidade e a Infância* começaria a se tornar uma realidade, em 1959.

Em outras palavras, as apropriações que o texto da literatura realiza para projetar, pela Representação, uma realidade em temas como a infância, o cotidiano nos musseques, a percepção da mudança e outros assuntos que eram também pautas dos debates sociais, mostra-nos um processo de articulação da ficção com os fatos históricos da década de 1950 e 60.

A fim de haver maior profundidade em nossa investigação histórica, os apontamentos de Jorge Paulo Borges Coelho sobre as funções da escrita histórica (acadêmica) e literária, esclarecem-nos que: “A escrita acadêmica e a literária se destinam a trazer respostas e explicações sobre a realidade que nos cerca e as experiências que vivemos⁹⁰...” Nessa busca por compreensões acerca de como os processos históricos relacionados às mobilidades e deslocamentos nos musseques, ocorrem, na década de 1960, buscaremos apreender como eles afetaram o cotidiano das pessoas que residiam nos naqueles bairros periféricos de Luanda.

Esta abordagem interdisciplinar entre História e Literatura pretendeu ficar não só nas fronteiras dos estudos relacionados às Representações, mas em ampliar as possibilidades de estudo da temporalidade, já destacada, com o propósito de entender a representação que José Luandino Vieira realiza sobre os musseques de Luanda, como mais adiante exploraremos.

Neste sentido, o resgate de elementos históricos pela literatura reside nos sentidos por ela observados e localizados fora do texto, ou seja, nos pressupostos que Chartier (1990) apresentou: a compreensão dos lugares sociais e culturais em que o escritor transitou.

Mediante isto, a análise histórica, utilizando a literatura como fonte, requer uma leitura extratextual das narrativas literárias, ou seja, a promoção da leitura dos contextos que estão em evidência no texto, e com isso dessacralizar “a literatura na sua acepção mais fundamentalista de ‘arte pela arte’, que se afaste do formalismo estéril em termos de contexto e que traga para o centro de análise considerações de

⁸⁹CARVALHO, Anabela; ROSINHA, Maria do Rosário. *Casa dos Estudantes do Império: 50 anos - Testemunhos, vivências, documentos*. Lisboa: União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa-UCCLA, 2017.

⁹⁰COELHO, 2008, p. 234

ordem histórica⁹¹”.

Em outras palavras, uma leitura extratextual significa ler o texto da literatura, a partir de diálogos com outros textos, como documentos, relatos, entrevistas, canções e outros elementos que estão fora do que está escrito.

Sendo assim, interessa-nos observar como a literatura em Angola, em um primeiro momento e numa abordagem panorâmica, realiza as representações de uma parte da história daquele lugar, ou seja, durante as décadas de 1950-60; para mais adiante, em outro capítulo desta dissertação, intitulado “José Luandino Vieira e a Angola, década de 1960”, concentrarmos nossa análise.

1.4 A LITERATURA DE ANGOLA: GERAÇÃO DE 1957

No intuito de localizarmos as condições de possibilidades em que José Luandino está inserido, seguindo as premissas de Roger Chartier quanto aos estudos de Representação, neste momento de nosso estudo, precisamos de um recuo breve nos anos de 1950 para compreender como a Literatura e a História em Angola estavam em convergência mediante as tensões sociais e culturais vivenciadas naquele período.

A historiografia pertinente a este assunto, particularmente em Carolina Barros Tavares Peixoto, neste período, discorre que houve um silêncio de sete anos após a dissolução do corpo editorial da revista literária “Mensagem”, em 1950. Este veículo de publicação era integrante de um movimento literário que tinha na proposta explorar o comportamento social e cultural da sociedade angolana⁹².

O silenciamento mencionado relaciona-se à ausência de atividades literárias no que tange a inexistência de um movimento cultural em Angola. Um exemplo é o que percorre os apontamentos de Carlos Ervedosa. Esse revela que em 1957 surge o jornal literário “Cultura”, que viria a ser o elemento aglutinador de uma nova camada de jovens que, conscientemente, assimilariam a lição dos Novos Intelectuais de Angola⁹³, grupo que ficou conhecido também por possuir como membro Agostinho

⁹¹MATA, 1993, p. 28

⁹²Para aprofundar a questão, ver: PEIXOTO, Carolina Barros Tavares. *Limites do ultramar português, possibilidades para Angola: o debate político em torno do problema colonial*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, 2009.

⁹³Movimento literário que tinha como objetivo promover um debate identitário sobre o que é ser angolano. Para mais, ver: PINTO, João Paulo Henrique. *A identidade nacional – definição, construção e usos políticos*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense, 2016.

Neto⁹⁴.

Convém esclarecermos, para fins de apreender quem é esse grupo e quem eram os escritores desse período, o que é geração e quem é esse homem chamado pela historiografia do tema de intelectual.

O historiador Noberto Bobbio revela-nos que intelectual é aquele homem que, em outros tempos, era chamado de douto, literário, filósofo, médico, escritor. Essa denominação sempre existiu ao lado do poder político, econômico e ideológico, transmitindo suas ideias e visões através de suas palavras⁹⁵. Desse modo, compreendemos que tal categoria é a representação de um homem, a partir do século XIX, conhecido por ser diferente dos demais. Assim, partindo da premissa do historiador, o escritor enquanto intelectual, “Em uma sociedade pluralista se utiliza de diversos canais para comunicar o poder ideológico⁹⁶”. E este pode ser revolucionário, engajado.

Nessa perspectiva, Jean Marcel Zimmermann nos auxilia no entendimento de que esse intelectual, em contexto contemporâneo, tem como preocupação comunicar, expressar pautas de natureza nacionalista ou de lutas de classes⁹⁷.

Dessa maneira, realizando uma leitura de tais apontamentos para o momento histórico de Angola das décadas de 1950 e 1960, percebemos que o escritor angolano tem o papel de contribuir para a construção de uma nacionalidade e identidade, a partir da recuperação e resgate de elementos ligados à cultura local, anterior a presença colonial, seja através da oralidade para contar mitos fundacionais, seja causos, ou valorizar a natureza.

Ainda nessa perspectiva contemporânea, o antropólogo Carles Feixa e a socióloga Carmem Leccardi⁹⁸ fazem-nos saber com maior profundidade esse intelectual a partir da noção de “geração”. Para eles, entende-se a nomenclatura, sobretudo “nos anos 1960, época de protestos, com a ótica de sucessão geracional e conflito geracional⁹⁹”. Desse modo, a compreensão de tal termo está associado a um

⁹⁴ERVEDOSA, 2015, p. 40

⁹⁵BOBBIO, Noberto. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções de homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo: Editora UNESP, 1997, p.11

⁹⁶BOBBIO, 1997, p. 12

⁹⁷ZIMMERMANN, Jean Marcel. *O intelectual angolano em A Geração Utopia*. Dissertação (Mestrado em História da Literatura). Universidade Federal do Rio Grande, 2008, p. 20-21

⁹⁸FEIXA, Carles; LECCARDI, Carmem. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. *Revista Sociedade e Estado*. v,25. n,2, 2010.

⁹⁹FEIXA; LECCARDI, 2010, p. 185

grupo de pessoas que, a partir de diversos tipos de vínculos estabelecidos, partilham das mesmas experiências em uma mesma temporalidade histórica, concreta; e isto fornece as bases para determinar a existência humana em um momento da história.

Em outras palavras, apreendemos que tal concepção, aplicada ao contexto angolano, ajuda-nos a entender a temporalidade (1950 e 1960), as experiências como as pautas que visavam a ruptura ao colonialismo, e os vínculos, como também as relações sociais que se criaram em homens que utilizaram a palavra para expressar e comunicar um poder ideológico, seja através da literatura, seja através do jornalismo, bem como por meio de movimentos literários.

Para avançarmos nesta discussão, tomamos uso de um estudo mais contemporâneo, realizado pelo historiador João Paulo Henrique Pinto¹⁰⁰, e expõe a formação da base de identidade nacional angolana, a ser construída a partir da década de 1950.

Pinto (2016) discorre que ao longo deste período os movimentos culturais em Angola foram se organizando, e, apesar da censura da administração colonial, promoveram discursos identitários por intelectuais que continuaram o legado de outra geração, conhecida como os filhos da terra angolanos¹⁰¹. Este grupo da sociedade angolana ocupou cargos de importância, em virtude da sintonia com a cultura europeia e a administração colonial ao longo da primeira metade do século XX, em Angola.

Conforme os apontamentos de Pinto (2016) a respeito desse aspecto da sociedade em Angola nos anos 50, o historiador nos faz entender que, apesar de ser possível identificar o grupo devido a sua ocupação social, as fissuras existentes entre os “filhos da terra¹⁰²” e as respectivas famílias, permitem-nos interpretar que os descontentamentos com a situação colonial já estavam começando a ficar mais evidentes¹⁰³. O que justifica, como aponta a historiografia mais atual¹⁰⁴, que tais fissuras existentes ao longo da primeira metade do século XX fossem publicadas pelos jornais de Angola, bem como a censura à imprensa da parte da administração

¹⁰⁰PINTO, João Paulo Henrique. *A identidade nacional – definição, construção e usos políticos*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense, 2016.

¹⁰¹PINTO, 2016, p. 16

¹⁰²Expressão utilizada pelo historiador João Paulo Henrique Pinto. Ver: PINTO, João Paulo Henrique. *A identidade nacional – definição, construção e usos políticos*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense, 2016.

¹⁰³PINTO, 2016, p. 23

¹⁰⁴Ver: CARVALHO, C, C, de; HOLHFELDT, A. A imprensa angolana no âmbito da história da imprensa colonial de expressão portuguesa. *Intercom – RBCC*. v. 35. n.2. São Paulo, 2012. pp. 85-100.

colonial ao longo dos anos 1950, 60 e 70; estes últimos já em contexto dos conflitos armados.

No que se refere a essas tensões sociais, o historiador Washington Nascimento, em *Gentes do Mato: Os “novos assimilados” em Luanda (1926-1961)*, de 2013, compreende que, em virtude de muitas pessoas da zona rural de Angola se utilizarem de reduzidas possibilidades de ascensão social, institucionalizada pelo Estatuto do Indigenato¹⁰⁵, quando conseguiram acesso a tal documento, constituíram-se como uma elite letrada em Luanda.

Deste modo, o estudo de Nascimento (2013) nos permitiu também apreender que essas pessoas obtiveram acesso ao mundo europeu em um determinado contexto histórico e social, obtendo assim privilégios em decorrência de alguns atributos adquiridos. Como efeito, iniciou-se um processo de formação de resistência contra a administração colonial.

Não iremos mergulhar nesta discussão, porém, destacamos que esse novo grupo não se via como parte dos grupos locais, apesar de possuírem semelhanças quanto as origens (o mundo rural) e serem negros. Ao contrário, decorrente de uma escolaridade formal que receberam, eles não estabeleceram vínculo familiar com aqueles outros grupos¹⁰⁶.

Voltando ao que Ervedosa (2015) revela sobre o jornal literário “Cultura”, este teve a função de continuar o legado desses grupos ao qual Nascimento (2013) e Pinto (2016) discorrem e que naqueles surgiram escritores que foram de geração após geração, promovendo o resgate e o debate acerca do passado angolano, frente as tensões contra a administração colonial.

Por conseguinte, jovens como Óscar Ribas¹⁰⁷, escritor e etnólogo angolano que nasceu em 1909 e faleceu em 2009, foi reconhecido por ser um dos principais escritores que discorreram sobre o comportamento social angolano. Em suma, é autor de “Ecos da minha terra” e “Uanga”.

Outro escritor que vale destacar é Ernesto Cochat Osório¹⁰⁸, médico angolano e um dos fundadores da União dos Escritores de Angola, com o livro “Calema”, “Capim verde”, e “Cidade”. Em síntese, esses dois escritores são os exemplos da

¹⁰⁵Para mais ver: NASCIMENTO, Washington Santos. *Gentes do Mato: Os “novos assimilados” em Luanda (1926-1961)*. Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo, 2013.

¹⁰⁶NASCIMENTO, 2013, p. 13

¹⁰⁷EVERDOSA, 2015, p.29

¹⁰⁸EVERDOSA, 2015, p. 40

continuidade da geração de 1950. Eles ajudaram a organizar atividades de promoção de outros escritores, em parceria com outras entidades, a partir de 1957, caso da Sociedade Cultural de Angola.

Esta instituição foi uma editora que desempenhou a função de publicar os escritores da geração de 1957 e propôs seguir a mesma linha editorial do grupo do início dos anos 50. Assim, fundada no início dos anos 50, ela passou a exercer as atividades de maneira clandestina, em virtude da censura promovida pela PIDE¹⁰⁹, cujo trabalho de mobilização das massas acabou por atingir outras cidades próximas a Luanda.

Para esclarecer esta situação, tomamos uso também dos apontamentos de Wanilda Lima Vidal de Lacerda, doutora em letras e com atuação em literatura e cultura, que no estudo *O olhar de Pepetela*, de 2007, discorre que os movimentos culturais em Angola, na década de 1950, passaram a ser vigiados pela administração colonial porque foram entendidos como espaços culturais que poderiam ser utilizados como armas, mediante as tensões que se apresentavam no território angolano¹¹⁰.

No caso específico do grupo de 1957, os embates contra a administração colonial estavam cada vez mais evidentes, qualquer tipo de discurso proferido contra a presença portuguesa era interpretado como hostil.

Desse modo, compreendemos que escrever era uma atividade, naquele contexto, que exigia como pressuposto participar ativamente das transformações sociais, culturais e políticas que o país estava atravessando, o que justificava o cuidado que o escritor deveria tomar, assumindo um papel de intelectual engajado.

Para esclarecer um pouco essa questão, o jornalista e ensaísta angolano Leonel Cosme, destaca em *A literatura e as guerras em Angola. No princípio era o verbo*, de 2015, que a revista literária “Cultura”, conforme expõe o editorial número 8, de junho de 1959, tinha a intenção pela Sociedade Cultural de Angola ser combativa perante os problemas da vida angolana.

Por seu turno, o grupo de 1957, através da Sociedade Cultural de Angola, pretendia possibilitar à juventude a gestação de elementos que despertassem a nacionalidade angolana, quer fosse pela forma, quer fosse pelo conteúdo¹¹¹.

Desse modo, durante os anos de atividades dessa geração de escritores, foram

¹⁰⁹Polícia Internacional de Defesa do Estado.

¹¹⁰LACERDA, 2007, p. 143

¹¹¹COSME, 2015, p. 3

realizadas doze publicações, comunicações científicas e literárias, exclusivamente por autores locais. Essas atividades, como podemos observar, corroboram as intenções que Leonel Cosme expõe para fins de conscientização da sociedade angolana, em um momento de vigilância da parte da administração colonial.

Sendo assim, dos escritores publicados destacam-se: Arnaldo Santos, que viria a ser mais tarde um dos membros fundadores da União dos Escritores de Angola; Costa Andrade, escritor, artista, jornalista e político angolano; Mário Guerra, escritor e jornalista angolano; além de outros.

O poema a seguir exemplifica uma dessas pautas que estavam em evidência por essa geração.

ECO

Gritos de mãe
Correndo com o filho morto para a morgue
E o espaço vazio das ruas.
Gemidos duma mãe
Correndo para a morgue
E as agonias da tarde moribunda...
O vulto carregado duma mãe
E a certeza fria da noite¹¹².

Como podemos observar, boa parte desses intelectuais eram jornalistas e este fato pode ser compreendido pelo forte diálogo que jornalismo, literatura e história em Angola possuíram, no objetivo de promover a discussão sobre temas relacionados ao projeto de libertação¹¹³.

No intuito de esclarecer um pouco mais este fator, Alexandre Lucas Selombo Sakukuma¹¹⁴ elucida que esse diálogo com o jornalismo contribuiu para o resgate do passado angolano pela literatura, essa que estava engajada no projeto de conscientização social e cultural para a independência de Angola.

No estudo *Angola: Deslocamento narrativos em Uanhenga, Xitu e Moisés Mbambi*, de 2016, Sakukuma diz-nos que as publicações tinham o intuito de atrair

¹¹²SANTOS, Arnaldo. *Fuga*. 2ª ed. Lisboa: União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa, 2014. p.13

¹¹³Para aprofundar esta questão, ver: BITTENCOURT, *Estamos Juntos! O MPLA e a luta anticolonial (1961-1974)*. Luanda: Kilobelombe, 2008.

¹¹⁴SAKUKUMA, Alexandre Lucas Selombo. *Angola: Deslocamento narrativos em Uanhenga, Xitu e Moisés Mbambi*. Tese (Doutorado) Universidade de Lisboa, 2016.

“novos intelectuais dispostos a derrubar o regime colonial pela força da imprensa, o que não chegou a acontecer¹¹⁵”.

Desse modo, podemos ver que tanto a imprensa quanto a literatura possuíram um papel aglutinador na história de Angola durante os eventos relacionados ao projeto de libertação.

Este contexto é compreendido pelo que Carlos Ervedosa discorre sobre o primeiro número do jornal “Cultura”, isto é, no editorial o veículo de informação já afirma que “o aparecimento do periódico não é apenas necessidade, mas cumpre desempenhar a função de continuar a marcha de homens de outras épocas¹¹⁶...”

O comentário de Carlos Ervedosa a respeito do editorial revela-nos as mudanças acontecendo durante a década de 1950 e a denúncia dos problemas relacionados à condição do homem angolano, como também o propósito de continuar as atividades que visavam a ruptura com a administração colonial iniciada pelos filhos da terra.

Essas transformações iriam produzir, nos anos 60 e 70, uma literatura angolana de resistência, em pleno contexto dos conflitos armados que visavam à independência de Angola, chamada por uma historiografia contemporânea de literatura de resistência.

Porém, Ervedosa nos chama atenção para o fato de que o grupo de 1957 apresentou o mesmo problema de outros grupos, isto é, a reduzida difusão ao grande público. Esta realidade do grupo comprometeu um vínculo mais estreito com as editoras do país, que não viam na geração do jornal “Cultura” rentabilidade e nem interesse do grande público consumidor¹¹⁷.

Convém antes de avançarmos nesta discussão, realizar algumas observações quanto a esse público, editores e escritores desse período. Para isso, tomamos uso dos apontamentos da historiadora Carolina Barros Tavares Peixoto, no estudo *Limites do ultramar português, possibilidades para Angola: o debate político em torno do problema colonial (1951-1975)*, de 2009.

Neste estudo, Peixoto discorre que: “[...] o aumento da imigração de colonos brancos para Angola, no início dos anos 1950, abriu uma nova perspectiva entre a

¹¹⁵SAKUKUMA, 2016, p. 78

¹¹⁶ERVEDOSA, 2015, p. 41

¹¹⁷ERVEDOSA, 2015, p. 43

pequeníssima elite formada pelos assimilados¹¹⁸.”

Sendo assim, a administração colonial construiu um sistema eficiente de dominação e controle político. Neste contexto, criaram também a possibilidade de formação de uma elite urbanizada, letrada, burocrata, assalariada e de caráter não étnico.

Essas ações fizeram parte de uma série de resistências a Portugal que já acontecia desde primeira metade do século XX, provocadas pela intensificação do trabalho forçado das populações locais e o cerceamento social e econômico dos nativos¹¹⁹.

Conforme a historiografia pertinente a este assunto aponta¹²⁰, essas ações reverberaram no decorrer das décadas, com a intensificação das migrações para Luanda, fato que será discutido com maior profundidade no terceiro capítulo de nosso estudo.

Com efeito, essa nova possibilidade contribuiu para um desenvolvimento mais intenso de uma conscientização social, cultural e política dos escritores no fim dos anos 50. Em virtude desse cenário, os jovens intelectuais angolanos constituíram militância ou engajaram-se em recuperar um passado angolano para a população de Angola.

Diante desse contexto, a produção literária em Angola passou a estar mais envolvida com as questões sociais e políticas. Como resultado, os escritores passaram a distanciar mais as suas obras de temas europeus, passando a escrever sobre assuntos angolanos.

Toda essa mudança de postura e perfil da parte da intelectualidade angolana, pode ser explicada pelos apontamentos da historiadora Amanda Palomo Alves, que apresenta pesquisas na área dos estudos africanos, ênfase em Angola no século XX.

Desses estudos, destacamos o *Angolano segue em frente: um panorama do cenário musical urbano de Angola entre as décadas de 1940 e 1970*, de 2015. Neste, a historiadora expõe as tensões políticas que se estenderam ao longo da década de 1950 em Angola, principalmente nas áreas urbanas.

A historiadora elucida ainda que essas tensões provocaram a emigração de

¹¹⁸PEIXOTO, 2009, p. 31

¹¹⁹NASCIMENTO, 2013, p. 71

¹²⁰Ver: GUIMARÃES, Rogério da Silva. *Musseques de Luanda: Duplos olhares*. Luandino Vieira e Ladeiro Monteiro. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

grupos de estudantes para Portugal, a fim de concluir os seus estudos universitários, e de promover a organização de associações culturais¹²¹.

Voltando aos apontamentos de Carlos Ervedosa, apreendemos do que ele apresentou sobre a difusão do grupo de 1957, algumas considerações sobre o ano seguinte, 1958, que tem em destaque a organização da intelectualidade angolana para difundir uma literatura em diálogo com o seu tempo histórico.

Assim, os escritores da geração de 1957 organizaram uma seção editorial destinada à publicação dos escritores ultramarinos, cuja responsabilidade de tal atitude ficou a cargo do jovem Carlos Eduardo, político angolano que iria incorporar o MPLA no fim dos anos 50; e Costa Andrade, escritor angolano que se envolveu nos conflitos armados da década de 1960 e 70¹²².

Consoante nos diz uma historiografia já consolidada sobre essa prática de publicação em Angola, o historiador do jornalismo e pesquisador Antonio Carlos Hohlfeldt, em *A imprensa angolana no âmbito da história da imprensa colonial de expressão portuguesa*, de 2012, em parceria com Caroline Corso de Carvalho, pesquisadora da área de letras, elucida que é neste cenário que surgem coleções também em outras cidades angolanas, como Sá de Bandeira e Nova Lisboa, da coleção Imbondelo, Bailundo e a de Autores Ultramarinos. Esta última coleção a ser aprofundada no capítulo seguinte, intitulado: “José Luandino Vieira e a Angola de 1960”.

1.5 LITERATURA, HISTÓRIA E PÓS-COLONIALISMO

A partir dos anos 1970, os estudos relacionados aos efeitos da colonização em diversas áreas do conhecimento foram chamados pela crítica de Pós-Colonialismo. Este tem contribuído para novas interpretações acerca do colonialismo. Tais leituras são oriundas de análises de historiadores como Michel Cahen e de cientistas sociais como Ruy Braga que, em estudos sobre lutas de classes e as relações entre Colonialismo e Pós-Colonialismo, apresentam uma compreensão sobre essa crítica ao colonial, de maneira a utilizamos neste estudo para posicionarmos nossa leitura sobre os musseques representados em José Luandino Vieira.

Deste modo, eles revelam em *Anticolonial, pós-colonial, decolonial: e depois?*,

¹²¹ALVES, 2015, p. 44

¹²²ERVEDOSA, 2015, p. 43

de 2018, que a apreensão a respeito do pós-colonial, hoje, está para além da discussão que se inicia a partir de uma marcação cronológica, isto com o fim do Colonialismo. Dessa maneira, Cahen e Braga (2018) nos orientam a entender que uma leitura que segue essa premissa utiliza o termo pós-colonial com o hífen¹²³.

Sendo assim, a discussão que eles expõem nesse estudo não mais se concentra na teoria pós-colonial, mas em uma situação pós-colonial e marcada pelo uso do termo sem o hífen, isto é, póscolonial, porque tanto o historiador quanto o cientista social expõem que essa outra ótica compreende o póscolonial como uma situação herdeira da experiência colonial e que permanece no interior dos locais por onde ele ocorreu. Logo, para Cahen e Braga esta situação é “uma análise que consegue ir além das heranças epistemológicas coloniais¹²⁴.”

Em outras palavras, eles analisam certos fenômenos a partir das produções e sentidos que são levantados sobre o a dimensão do periférico, semiperiférico ou central. Tudo isto para melhor compreender a situação póscolonial de lugares que obtiveram a experiência colonial.

Sendo assim, localizamos a partir da exposição de Cahen e Braga (2018), à luz do póscolonialismo, como um lugar periférico no tocante as questões de exclusão social, como as abordadas por Rogério Guimarães em *Musseques de Luanda: Duplos olhares. Luandino Vieira e Ladeiro Monteiro*, de 2012.

Nesse estudo, Guimarães (2012) tem como objetivo comparar as representações sociais sobre os musseques de Luanda na década de 1960, como aquelas que emergem em José Luandino Vieira e Ramiro Ladeiro Monteiro. O primeiro é escritor angolano. O segundo, um antropólogo a serviço da administração colonial em Angola.

Nesse sentido, Guimarães (2012) analisa a constituição e funções da família, o trabalho, a etnicidade dos grupos, a influência da língua do colonizador, no caso o português, criminalidade e prostituição; enfim, as dinâmicas sociais sobre os musseques a partir dessas categorias.

Voltando ao póscolonialismo de Michel Cahen e Ruy Braga, procuramos entender a situação dos musseques na condição de espaço periférico. Buscamos compreender como as pessoas que ali moravam, nas décadas de 1950 e 1960, entendem-se no mundo mediante profundas transformações que a sociedade

¹²³CAHEN; BRAGA, 2018, p. 13

¹²⁴CAHEN; BRAGA, 2018, p. 14

angolana vivenciou, ou seja, visamos apreender essa área suburbana em seu protagonismo.

Para melhor compreensão dessa perspectiva, tomamos uso dos apontamentos da antropóloga Maria Paula Meneses e da historiadora Iolanda Vasile, que em estudos sobre o pós-colonial em contextos africanos, apresentam desdobramentos teóricos sobre o ser e estar no mundo contemporâneo. Assim, em *Desafios aos Estudos Pós-Coloniais: As epistemologias Sul-Sul*, de 2014, elas expõem que as interpretações que temos sobre o Sul global refletem ainda leituras pautadas em uma visão eurocêntrica¹²⁵.

Menezes e Vasile (2014) revelam ainda que os estudos pós-coloniais se constituem como uma análise da constituição da relação de poder e saber do moderno pensamento crítico e ocidental. Além disso, apresentam que as formas atuais de leituras sobre o político, o social, o cultural e o econômico estão esgotadas. Dessa maneira, elas afirmam que “os estudos pós-coloniais desafiam a centralidade da macro-narrativa científica moderna eurocêntrica, assentes em perspectivas e lógicas masculinas, colonizadoras, classistas, racistas e sexistas¹²⁶.”

A fim de compreender esses efeitos a partir da representação que a literatura de José Luandino Vieira realiza sobre os musseques, tomamos como uso os apontamentos do crítico da literatura Thomas Bonnici, em *Teoria e Crítica Pós-Colonialista*, de 2009, que expõe quanto a teoria uma baseia em uma íntima relação entre o discurso e o poder para legitimar e autorizar uma identidade colonial. Além disso, as forças políticas e econômicas, como também o controle ideológico e social integra a relação de que Bonnici (2009) discorre a respeito da legitimação colonial.

Neste sentido, é sob esta ótica que em uma análise textual, à luz do póscolonialismo, que a interpretação dos sentidos que são produzidos pelos textos da literatura de Luandino se relaciona aos efeitos da presença colonial em Angola, no fim da década de 1950 e, posteriormente, na década de 1960.

Convém, antes de avançar nesta discussão, lembrando João Paulo Henrique Pinto (2016), que ele comenta que os estudos pós-coloniais vêm se desenvolvendo por uma historiografia mais atual. Essa, vem realizando reflexões sobre a situação colonial com o objetivo de interpretar também outras possibilidades de investigação no estudo histórico.

¹²⁵MENESES; VASILE, 2014, p. 6

¹²⁶MENESES; VASILE, 2014, p. 7

Essas possibilidades de análise vão além do enquadramento da realidade de acordo com as categorias binárias de colonizador/colonizado, opressor/oprimido¹²⁷. Consequências das marcas de estudos oriundos da década de 1970, a partir do livro *Orientalismo – o Oriente como invenção do Ocidente*, de 1978, publicado por Edward Said.

Percebemos após as exposições de Pinto (2016) que a imagem compartilhada para o Ocidente do Oriente contribuiu para um discurso de legitimação e até mesmo de dominação perante os povos que foram conquistados em África, América e Ásia.

Quando Pinto (2016) expôs em que perspectiva está a historiografia atual, mediante as investigações que vão além de uma leitura binária das realidades que o colonialismo criou, o autor se refere à influência de uma nova geração de intelectuais de pós-colonialistas. Dessa maneira, ele observa que os entrelugares sociais e culturais constituem o processo de formação de identidade de indivíduos que estão nesse contexto, isto é, em lugares marcados pelos efeitos da presença colonial.

Convém ainda ressaltar que Edward Said, em *Cultura e imperialismo*, de 2011, usa o termo “imperialismo” para designar a prática, a teoria e as atividades de um centro metropolitano dominante governando um território distante e que o colonialismo era a consequência desse imperialismo, pois ele resulta na implantação de colônias em territórios remotos¹²⁸.

Por esta ótica, o filósofo e crítico literário Thomas Bonnici, em pesquisas sobre os estudos pós-coloniais, esclarece em *Teoria e Crítica Pós-Colonialista*, de 2009, que em países que conquistaram a independência política não havia, durante a presença colonial, uma literatura nacional e que a produção literária existente em África ou na Ásia seguiam padrões eurocêntricos.

Neste contexto, para Bonnici, a literatura pós-colonial é aquela “literatura inserida no contexto de cultura de cultura e afetada pelo processo imperial¹²⁹”. E à medida que pressupostos teóricos foram criados a partir dos movimentos culturais e de resistência, iniciou-se um embasamento que possibilitou uma conscientização nacional.

Sendo assim, decorre que desses movimentos, nos anos que seguem as décadas de 1960 e 70, podemos entender a importância deles para a constituição da

¹²⁷PINTO, 2015, p. 34

¹²⁸SAID, 2011, p. 29

¹²⁹BONNICI, 2009, p. 232

resistência que será a marca de uma literatura pós-colonial em Angola.

Ainda tomando alguns apontamentos de Bonnici, agora no estudo *Introdução aos estudos das literaturas pós-coloniais*, de 1998, compreendemos também que sobretudo a literatura angolana integra um processo sociocultural na história de Angola e que reflete a liberdade ou o movimento de ruptura de uma sociedade que estava presa à administração colonial.

Estas rupturas, concentravam-se em desenvolver um projeto de recuperação do passado angolano e a valorização da cultura do país pelo texto da literatura, que alinhado aos objetivos dos movimentos culturais e de resistência, acabaram também constituindo a natureza dos movimentos políticos.

Antes de avançarmos nessa discussão, convém expor alguns apontamentos de Boaventura de Sousa Santos que, em diversos estudos sobre o pensamento pós-colonial e a Sociologia das Emergências e Estado Heterogêneo, principalmente em *Do pós-moderno ao pós-colonial*, de 2008, expõe o posicionamento e compreensão dessa forma de leitura dos Estados que vivenciaram o colonialismo.

Santos (2008) faz-nos entender também que o pensamento pós-colonial vem a realizar uma crítica ao conhecimento científico, pautado em dicotomias e que reduziram o entendimento sobre as complexas estruturas sociais, culturais e políticas de países que tiveram como experiência o colonialismo.

Neste sentido, Santos (2008) entende que o pós-colonial como uma leitura do colonial, consiste em um conjunto de teorias e análises, com forte implantação nos estudos culturais, hoje presentes em todas as ciências humanas e têm como propósito dar primazia epistemológica às relações de desigualdades entre o Norte e o Sul¹³⁰.

Essas relações, conforme entendemos dos apontamentos de Santos (2008), foram construídas historicamente pelo colonialismo e o fim dele, seja em âmbito social, político e cultural.

Dessa maneira, para Santos (2008):

[...] a perspectiva pós-colonial parte da ideia de que, a partir das margens ou das periferias, as estruturas de poder e de saber são mais visíveis. Daí o interesse pela geopolítica do conhecimento, ou seja, problematizar que, produz o conhecimento, em que contexto o produz e para quem¹³¹.

¹³⁰SANTOS, 2008, p. 18

¹³¹SANTOS, 2008, p. 19

Deste modo, estabelece-se uma leitura crítica do universalismo e de grandes narrativas da história traduzida em conceitos como: progresso, desenvolvimento ou modernidade.

Em síntese, o pós-colonial dá ênfase ao fragmentado na medida que o entende como um organismo heterogêneo e complexo, traços esses desconsiderados pelo colonial. Assim, e voltando às exposições de Souza, há nisso a escolha de leitura de países que vivenciaram a experiência do colonialismo na dimensão “da pluralidade e a construção ética vindo de baixo”¹³².

Logo, Boaventura nos orienta a entender que só se concebe a relação entre Norte e Sul na relação que ele tem do colonialismo capitalista e enquanto ele se entende como resistência à dominação.

Em outras palavras, a perspectiva pós-colonial não se destina apenas a permitir a autodescrição do Sul, mas a identificar em que medida o Colonialismo está presente como relação social nas sociedades que tiveram essa experiência.

Dessa forma, no intuito de apreender essa relação de resistência, fazemos uso das concepções de Marcelo Bittencourt, que ao discutir sobre os movimentos políticos em Angola, nos orienta a entender que a configuração de um movimento nacionalista é fragmentada em diferentes organizações culturais, religiosas, políticas e étnicas¹³³.

Por esta ótica, apreender como ocorreram as mobilidades e deslocamentos representados por uma parte da escrita de José Luandino Vieira, à luz do conceito de Representação de Chartier, como já expusemos neste capítulo, argumenta o nosso entendimento para analisar uma parte da escrita de Luandino por diversas dimensões contextuais.

Esta diversidade é oriunda dos diferentes caminhos que diversos grupos em Angola traçaram, que nas palavras de Bittencourt “traduziam caminhos e vínculos de solidariedade diferenciados, divididos pela classificação de cor, ocupação profissional, localização no espaço urbano, religião, além de outros filtros”¹³⁴.

Em outras palavras, é preciso enfatizar o contexto do texto pelos caminhos da crítica pós-colonial pelas composições apresentadas por uma historiografia mais atual, livre das relações binárias opressor e oprimido; como iremos abordar em outra

¹³²Idem

¹³³BITTENCOURT, 2008, p. 278

¹³⁴BITTENCOURT, 2008, p. 279

seção deste estudo.

Assim, esta análise segue o que Thomas Bonnici aponta. Para ele: “a literatura desses povos estaria livre de manipulações coloniais que as degradam e que daqui em diante teriam uma posição estética própria¹³⁵”.

Ademais, as investigações que seguem por esta ótica se estendem dos escritos de ex-colônias da Europa em que predomina a resistência às ideologias coloniais. Por isso é importante observar o contexto sociocultural em que está inserido um livro.

Para entender esta premissa, chamamos atenção para as afirmações de Ana Malfada Leite, pesquisadora com estudos consolidados nas áreas de literaturas africanas de língua portuguesa e em estudos pós-coloniais, em *Literaturas Africanas e formulações pós-coloniais*, de 2013. A autora esclarece que os estudos pós-coloniais tentam alinhar as investigações às condições de produção e recepção dos contextos sociais e culturais em que se desenvolveram as literaturas nos países recém livres da presença colonial ou em processo de descolonização.

Leite afirma ainda que:

[...]Esta postura teórica abrange questões variadas e interdisciplinares, como representação, sentidos, valor, cânone, universalidade, diferença, hibridização cultural, etnicidade, identidade, história, ensino, lugar, tradição, diáspora, nacionalismo, zona de contato, pós-modernismo e feminismo¹³⁶.

Dessa maneira, quando aprendemos que o texto da literatura é entendido como uma fonte, realiza a representação de um tempo histórico. Destarte, seguindo as orientações que Ana Mafalda Leite (2013) discorre sobre uma abordagem interdisciplinar que visa compreender as especificidades de um episódio da história de Angola.

Em outros termos, utilizando o conceito de Representação, estamos exercendo a reflexão sobre como enquadrar lugares teóricos no questionamento pós-colonial, como também apresentando um estudo que esteja em sintonia com o que Pinto (2016) esclareceu sobre as possibilidades de análises de uma pesquisa histórica na perspectiva Pós-Colonialista.

¹³⁵BONNICI, 1998, p. 07

¹³⁶LEITE, 2013, p. 11

Com efeito, privilegiar os estudos pós-coloniais alinhados à literatura produzida em Angola durante um processo de descolonização, significa ler os textos de escritores que possuem um sentido cultural, como também um significado político e social. Mediante essas considerações, a produção literária de José Luandino Vieira, como veremos no capítulo seguinte, localiza-se no que Bonnici (2009) vai chamar de segunda etapa de produção das literaturas africanas, por envolver textos sob a supervisão da administração colonial e apresentar escritores que foram educados na metrópole.

CAPÍTULO II

JOSÉ LUANDINO VIEIRA E ANGOLA (1950-1960)

Neste capítulo examinaremos o percurso de José Vieira Mateus da Graça, conhecido pelo pseudônimo José Luandino Vieira, nascido a 4 de maio de 1935 em Vila Nova de Ourém, Portugal, mas que adotou Angola como seu país por ali ter vivido a infância, parte da juventude e participado - intelectualmente - dos conflitos que eclodiram na década de 1960 e 70 e visavam a conquista da independência política de Portugal.

Como afirma Angélica Gherardi Sindra¹³⁷, sendo o escritor filho de colonos brancos e pobres, tal perfil faz-nos interpretar que a experiência de ele ter crescido na região dos musseques fez com que essa parte da cidade de Luanda fosse representada por suas histórias a partir de suas percepções da infância e da juventude.

Logo, partindo dessa premissa, esta seção estará dividida em duas partes: primeiro, o momento em que o escritor cresceu no musseque Braga, este que a partir da década de 1960 seria chamado de bairro do Café, em Luanda, em virtude de mudanças no perímetro urbano que a administração local promoveria; além disso, ele passou a adolescência nos musseques Makuluso e no Quinaxixe.

Adiante, a próxima etapa de observações acerca dessa mobilidade do escritor, serão realizadas - nesta seção do estudo - com o intuito de elucidar o posicionamento que José Luandino Vieira irá ter mediante as atitudes portuguesas no período de 1959 até 1965.

2.1 LUANDINO E A CIDADE DE LUANDA: MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS

Para exemplificar a representação que o escritor realiza sobre essa época, sobretudo em vários trechos das histórias de *A cidade e a Infância*, de 1960, percebemos na história que dá título ao livro, algumas passagens que possuem relação com parte de sua vida. Eis um trecho:

¹³⁷SINDRA, Angélica Gherardi. *Configurações do intelectual em obras de Luandino Vieira*. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, PUC-MG, 2007.

Ali cresceram as crianças. Ali o pai arranhou o dinheiro com que anos mais tarde, já eles andavam na escola, comprou a casa no musseque Braga. Casa de zinco com grande quintal de goiabeiras e mamoeiros. Laranjeiras e limoeiros. Muita água. Rodeado de cubatas de negros, capim e piteiras, era assim o musseque Braga onde hoje fica o luminoso e limpo Bairro do Café¹³⁸.

Logo, percebemos pelo trecho da fonte que no musseque Braga, antes das mudanças da década de 50 e 60, por conta de políticas de urbanização e da imigração, crianças brincando livremente, sem a presença da PIDE. Observa-se também que ainda não havia o formato de bairro, como o evidenciado na passagem “assim era o musseque Braga onde hoje fica o luminoso e limpo bairro do Café”.

Em entrevista à Rita Chaves e Jacqueline Kaczorowski, José Luandino Vieira revela-nos que naquela época não havia mendigos, ele e os amigos de infância brincavam de basquete, futebol e já observavam as garotas, isso por volta dos seus 11 aos 15 anos, além de passeios que faziam na região do machimbombo, Coqueiros e São Paulo, ou ainda de Fortaleza para Cidade Alta¹³⁹.

Lembrando dos pressupostos de Roger Chartier em relação à Representação de mundo que o texto da literatura exerce, a nossa compreensão de parte daquela época parte das impressões de mundo e das experiências que ele teve durante a infância e a juventude em Luanda, uma cidade que não existe mais, como o próprio José Luandino Vieira nos esclarece.

Eu não moro mais em Luanda e nem nunca mais poderia morar lá, porque o lugar onde morei já não existe mais. Mas também a cidade onde vivia, não era a cidade aquela onde eu estava. Há uma espécie de mitologia de Luanda, como a cidade dos musseques¹⁴⁰.

Nesse relato, da parte do escritor, fica evidente que a representação que José Luandino Vieira realiza é de uma Luanda em que os conflitos da década de 1960 ainda não tinham sido eclodidos, mas de um lugar, de certa forma, alheio às movimentações políticas e sociais do período de 1950 por conta da censura que não permitia que as ideias de libertação chegassem a todos.

¹³⁸VIEIRA, José Luandino Vieira. Nascer do Sol. In: *A cidade e a Infância*. 2ª ed. Lisboa: UCCLA, 2014. p. 27

¹³⁹CHAVES; KARACZOROWSKI, 2015. p.179-180

¹⁴⁰SANTOS; SILVA, 2010, p. 9

Sendo assim, na passagem a seguir da história “Nascer do Sol”, há vários momentos em que José Luandino Vieira realiza a representação do tempo de sua infância, em que a percepção sobre a realidade não era interpretada a partir das condições presentes em Luanda. No caso do texto, parece que o narrador-criança não evidencia obter marcas das experiências dramáticas do colonialismo, como o trecho a seguir ilustra:

Naquele tempo já os meninos iam para a escola, lavados, na manhã lavada, de meias altas de escocês e sacolas de juta. Era o tempo dos catetes no capim e das fogueiras no cacimbo. Das celestes e viúvas em gaiolas de bordão à porta de casas de pau-a-pique. As buganvílias floriam e havia no céu um azul tão arrogante que não se podia olhar. Era o tempo da paz e do silêncio entre cubatas à sombra de mulembas.

Num domingo, quando o sol convidava para a praia e os meninos iam para a missa, assobiando a sua alegria para dentro dos quintais, Zito foi para a casa, para o refúgio da sombra do telhado, espreitar a menina dos olhos azuis. Sentia dentro dele um calor estranho, um formigar que o fazia não estar parado, que lhe pedia algo que ele tentava desesperadamente agarrar quando se deitava de costas à sombra do cajueiro¹⁴¹.

Porém, como o escritor vai revelando na entrevista à Rita Chaves e Jacqueline Kaczorowsk, durante esses passeios, vez ou outra havia as conversas com os amigos sobre política, bem como quando estava no Liceu¹⁴². Com o passar do tempo, por volta dos seus vinte anos, José Luandino Vieira ainda expõe que iria utilizar-se desse tempo para constituir algumas histórias de *A cidade e a Infância*, *Nosso Musseque* e de *Luuanda*.

Por seu turno, em estudos a respeito do assunto, sobretudo a partir dos apontamentos de Maria Alice Vaz de Almeida Mendes Correia¹⁴³, esta nos faz entender que a partir de 1942 deu-se início a um planejamento urbano para a capital angolana que somente seria observado em suas práticas na década seguinte e na de 1960 e 70. Com efeito, a Luanda retratada em várias histórias de *A cidade e a Infância*, é representada a partir dessas mudanças implementadas pela administração colonial.

¹⁴¹VIEIRA, José Luandino Vieira. Nascer do Sol. In: *A cidade e a Infância*. 2ª ed. Lisboa: UCCLA, 2014. p. 17-22

¹⁴²CHAVES; KARACZOROWSKI, 2015. p.180

¹⁴³CORREIA, Maria Alice Vaz de Almeida Mendes. *O “Patrimônio” do movimento moderno em Luanda (1950-1975)*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade de São Paulo, 2012.

Com efeito, como esclarece Correia (2012), o “plano para Luanda estudou uma forma de controlar o crescimento e o congestionamento que a cidade sofria. Assim, tinha uma proposta para cinco cidades-satélites ao redor da existente¹⁴⁴...” Essa intenção da parte da administração colonial para Luanda só iria agravar as diferenças sociais e, conseqüentemente as tensões.

Um exemplo desse cenário encontramos no jornal *Diário de Angola* de 17 de janeiro de 1964¹⁴⁵, em que já havia sido estabelecida a alocação da população em bairros populares, isto é, nas cidades-satélites.

Logo, em uma matéria intitulada “Maximbombos para servir a população - eis o que se pede para 1964”, expõe-se o relato de um senhor chamado Alves Pinheiro que visitou Luanda e registrou em seu livro as descobertas que fizera em passeio pelo maximbombo. Durante o passeio, ele tinha usado o transporte coletivo e gasto no bilhete 1\$00 e viu homens bem vestidos, utilizando chapéu e bengala.

A fim de que não houvesse atritos entre o editorial - uma vez que matéria não tinha autoria declarada - e o visitante, evidencia-se na redação que “para absolvermos a integridade do sr. Alves Pinheiro, temos de admitir que foi engano do cobrador¹⁴⁶...” Assim, revela-se que em bairros populares como o maximbombos, o transporte coletivo não atendia as demandas da população.

Outro ponto de observação interessante, se dá no preço do bilhete declarado por Alves Pinheiro, 4\$50. Entendemos que isto possa expressar da parte do relato do sr. Alves Pinheiro que aquele valor possa ser relativamente caro, uma vez que a população dos musseques possuem um baixo poder aquisitivo.

Por conseguinte, realiza-se ainda a redação uma crítica àqueles que exploram a população com esse preço e oferecem às pessoas daquele lugar, “transportes colectivos que não funcionam, ou não devem funcionar, com fins altamente lucrativos¹⁴⁷.”

Para aprofundar esta questão, Ilídio do Amaral¹⁴⁸, por exemplo, revela que o projeto para Luanda deu início a uma política que tinha na prioridade empenhar-se

¹⁴⁴CORREIA, 2012, p. 49

¹⁴⁵FUNDAÇÃO MÁRIO SOARES / ASSOCIAÇÃO CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO. *Jornal Diário de Angola, sexta feira, 17 de janeiro de 1964*. Disponível em: <http://www.casacomum.org/cc/visualizador?pasta=11122.001.001#14> Acesso em janeiro de 2020.

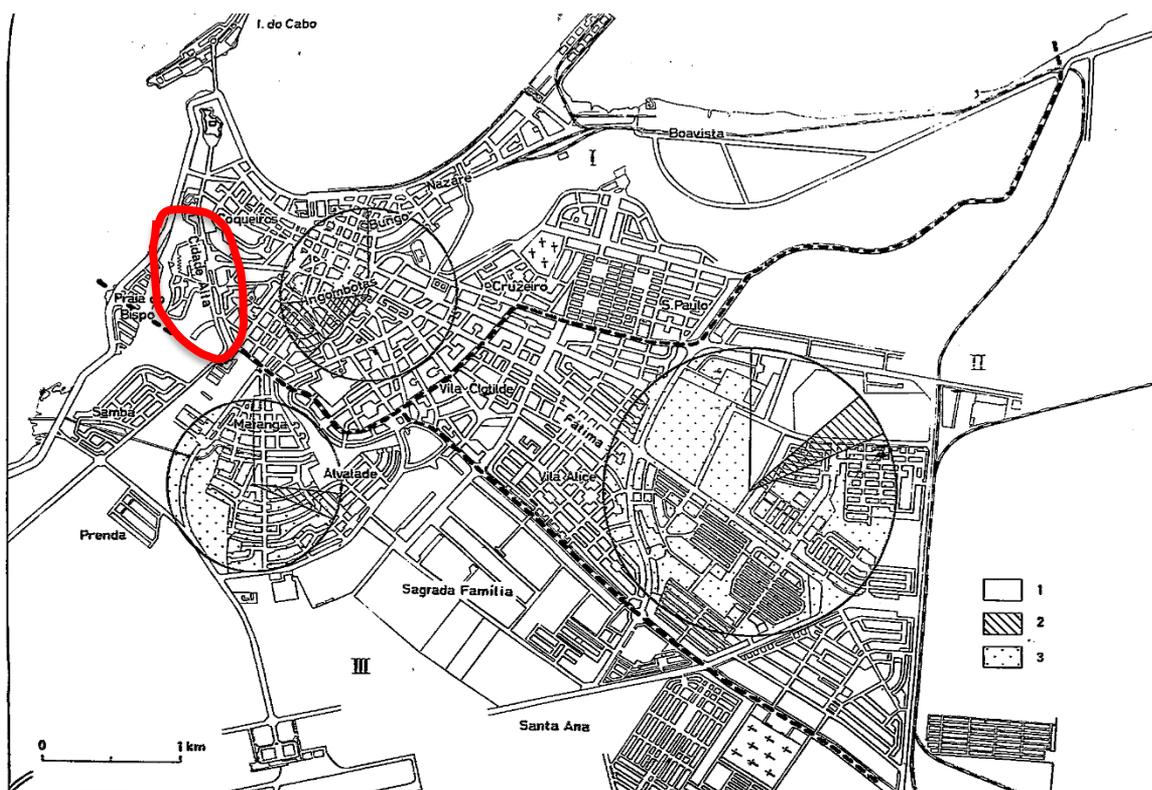
¹⁴⁶Diário de Angola, 1964, p. 4

¹⁴⁷Idem

¹⁴⁸AMARAL, I. do. Luanda e seu ‘Muceques’: problemas de geografia urbana. *Finisterra*. n. 36. Lisboa, 1983.

em alocar os portugueses que vieram de Portugal, assim como outros europeus, na área urbana da cidade; restando aos musseques a moradia para a população local, como o mapa a seguir demonstra.

Figura 2 - Distribuição da população em Luanda (1960)



Fonte: Amaral, 1983, p. 301

Percebemos pelo mapa que além da Cidade-Alta, destacada em vermelho, a política de urbanização implementada dividiu a população em três grandes bairros, a saber: Ingombotas, Malange, e o terceiro - o maior deles - uma região onde se encontrava grande parte dos angolanos e onde há também a maioria dos musseques. Convém destacar ainda que a parte onde há a “Sagrada Família”, se localizava na década de 1940 e 50 o musseque Braga, onde José Luandino cresceu¹⁴⁹.

Em suma, ele revela que essa imagem da cidade era oriunda de uma percepção da capital angolana. Como o próprio escritor diz: “Aos sábados, a gente ia todos divertir-se nos clubes, com alguns colegas que participavam conosco ou no

¹⁴⁹Ver essa afirmação em: CHAVES; KARACZOROWSKI, 2015. p.179-180

desporto, ou no Liceu e noutras coisas. Era a minha própria descoberta daquela cidade¹⁵⁰...”

Dessa maneira, percebemos que a juventude em Luanda fez com que o escritor adquirisse pelos lugares sociais e culturais por onde transitou, uma visão que interpretava os musseques pelo seu protagonismo. Nisto, observamos como o texto da literatura realiza a representação de uma época, de um aspecto da realidade de Luanda que poucos conheciam.

Diante dessa interpretação sobre a capital angolana, tramas como as percebidas em “Vavó Xixi e o seu neto Zeca Santos”, presente no livro *Luuanda*, de 1963, realizam também a representação desse aspecto urbano da capital, como a passagem a seguir exemplifica:

Por todos os lados do musseque, os pequenos filhos do capim de novembro estavam vestidos com pele de poeira vermelha espalhada pelos ventos dos jipes das patrulhas zunindo no meio de ruas e becos, de cubatas arrumadas à toa¹⁵¹.”

Assim, a cidade de Luanda em que o escritor cresceu, como já destacamos, sofreu transformações para atender às demandas dos portugueses que vieram da Europa, como também para cumprir uma forma de controle da população, mediante as ideias de libertação que grupos de intelectuais e movimentos culturais, naquela época, buscavam disseminar.

Ademais, a historiografia pertinente ao assunto, em particular a partir dos pressupostos de Ilídio do Amaral, elucida-nos que tais ações se deram também em virtude da “corrida às plantações de café, de sisal e de outros produtos tropicais cujas cotações alcançavam valores elevados no mercado internacional; a intensificação da exploração mineira (cobre, manganês, ferro)¹⁵²...” Em síntese, o crescimento econômico muito contribuiu para que a família do escritor, já na década de 1930, quando se deslocou para Luanda, fosse um motivo para a saída de Portugal rumo ao território angolano.

¹⁵⁰CHAVES; KARACZOROWSKI, 2015. p.193

¹⁵¹VIEIRA, José Luandino. Vavó Xixi e o seu neto Zeca Santos. In: *Luuanda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p 11

¹⁵²AMARAL, 1983, p. 299

Para aprofundarmos esse debate, o historiador Washington Nascimento¹⁵³ revela que tal crescimento se deve também em virtude de algumas mudanças provocadas pela administração colonial ao interior de Angola, como consequência, ocupou esse espaço e expulsou os angolanos para os centros urbanos de Luanda. Com efeito, essas pessoas passariam a viver nas regiões dos musseques, uma vez que não possuíam qualificação necessária para viver na área urbana da cidade.

Conforme entendemos de seus apontamentos, houve com essa mudança a perda de prestígio social e econômico dessas pessoas, que pertenciam a uma elite local, ou seja, para atender a uma demanda de algo que ele vai chamar de “identidade crioula¹⁵⁴”, que desde a década de 1940 estava presente em Luanda.

Essas tensões fizeram acentuar-se em Luanda cisões que demarcaram a cidade dos portugueses, de grupos conhecidos como uma “elite crioula e a gente do ‘mato’”. Destes se originaram os ‘indígenas’ e os ‘novos assimilados¹⁵⁵’. Washington Nascimento revela ainda que esse cenário partiu de pressupostos legais criados pelos portugueses durante o período salazarista¹⁵⁶ (1926-1961), em que se criou um imaginário português para disseminar uma ideia de integração pacífica de Portugal com as suas colônias africanas.

Com o propósito de esclarecer a expressão “Gente do mato”, Nascimento (2013) nos faz entender que essa alcunha se referia a pertencer a um mundo angolano que não estivesse inserido ao estilo europeu, assim interpretado pelos portugueses. Por conseguinte, era uma referência às pessoas oriundas da zona rural. Alguns dos “novos assimilados”, nesse contexto, iam pontualmente para Luanda ou em ficavam na capital angolana em definitivo.

Nesse sentido, os demais angolanos foram organizados para áreas suburbanas da capital angolana, ou seja, para os musseques. Essa diferença ainda é chamada pelo historiador de “fronteira do asfalto¹⁵⁷”, que também é o título do quarto

¹⁵³NASCIMENTO, Washington Santos. *Gentes do Mato: Os “novos assimilados” em Luanda (1926-1961)*. Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo, 2013.

¹⁵⁴NASCIMENTO, 2013, p. 13

¹⁵⁵Idem

¹⁵⁶Para aprofundar, ver: SCHIAVON, Carmem Gessilda. *O Término da Primeira República Portuguesa e as Raízes do 28 de maio: O Estado Novo a Vista*. *Historiae*, v. 2, nº 3, Rio Grande, 2011. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2620/1431>; MARÇAL, Bruno José Navarro. *Governo de Pimenta de Castro: Um General no Labirinto da I. República*. Dissertação (Mestrado em História Contemporânea). Universidade de Lisboa, Lisboa, 2010; MEDINA, João. *A Democracia Frágil: A Primeira República Portuguesa (1910 –1926)*. In: TENGARRINHA, J. (Org). *História de Portugal*. São Paulo: Enesp, 2001.

¹⁵⁷NASCIMENTO, 2013, p. 17

conto de *A cidade e a Infância*, primeiro livro de José Luandino Vieira e publicado em 1960.

Nesse texto há o relato de uma amizade entre uma menina branca e loira, Marina, e um garoto negro e morador de um musseque, Ricardo. À medida que eles crescem, a mãe da garota - um dia - informa que devia a adolescente se afastar do rapaz porque não era de bom convívio ser amigo de um negro. Assim, José Luandino Vieira realiza a representação de um aspecto da realidade angolana, ou seja, de um tempo em que as cisões começariam a se intensificar entre os moradores dos musseques e a elite local. Além disso, é notório que tais relações de separação se davam em âmbito de práticas de racismo.

Convém ainda esclarecermos que o escritor - nesse contexto de tensões e cisões - colaborou com desenhos e textos ao clube de futebol Botafogo, localizado no bairro Indígena, em um cenário onde esse esporte estava se tornando popular pela cidade. Em suma, essas observações nos permitem interpretar o posicionamento crítico e denúncia do escritor contra as práticas que sedimentavam as tensões sociais.

Por conseguinte, segundo as exposições da historiadora Juliana Cordeiro de Farias Bosslet¹⁵⁸, apreendemos que o clube não se limitou às atividades ligadas ao futebol, oferecia também serviços socioeducacionais, como alfabetização, consultas médicas e almoços para as famílias se reunirem.

Sendo assim, durante a década de 1950, Bosslet (2014) nos revela que o clube passa a possuir um espaço para publicação de apelo anticolonial, o jornal *Ergam-se*. Como afirma a historiadora,

(...) tratava-se de um jornal clandestino, mais abertamente político, destinado, portanto, a um outro público, e realizado com outras intenções. Por ser clandestino, não se fazia necessária a negociação com as autoridades, sempre presente nas páginas do Jornal de Angola. Não havia, aqui, quaisquer finalidades de mediação entre negros e mestiços e as autoridades coloniais¹⁵⁹.

Convém elucidar que em finais dos anos 40 e na década seguinte, a historiografia demonstra o estabelecimento de uma relação entre ideias nacionalistas

¹⁵⁸BOSSLET, Juliana Cordeiro de Farias. *A cidade e a Guerra:Relações de poder e subversão em São Paulo de Assunção de Luanda (1961-1975)*. Dissertação (Mestre em História). Universidade Federal Fluminense, 2014.

¹⁵⁹BOSSLET, 2014, p. 59

e a percepção do que significava isso, ainda mais que eram contra o colonialismo português. Esse contexto é também influenciado pela ótica do cenário do pós-Guerra.

Desse modo, nos anos 50, o escritor já apresentava a sua participação nas atividades políticas de maneira mais contundente, ainda que sutil porque sua escrita contribuirá com maior intensidade na luta política contra a presença portuguesa nos livros escritos durante a década de 1960, boa parte enquanto ele esteve preso.

Assim, compreendemos que José Luandino Vieira representa em suas narrativas uma fase anterior à independência angolana, porque suas histórias ajudaram a apresentar para alguns angolanos o seu país e protagonizar, para outros, quem eram moradores dos musseques.

Para além disso, mais adiante nesta seção de nosso estudo, teceremos algumas considerações a cerca do tempo em que José Luandino Vieira viveu preso, durante os primeiros anos da década de 1960, em virtude de ele revelar em entrevistas como se deram as condições de possibilidades da representação que as narrativas realizaram dos musseques de Luanda do período de 1950 e 60.

Antes de avançarmos, urge esclarecer ainda que o historiador Rogério da Silva Guimarães¹⁶⁰ comenta que em virtude das atividades culturais e políticas em que se envolveu, José Luandino Vieira, à época de publicação de *A cidade e a infância*, em 1957, mas somente publicado em 1960; foram utilizadas como experiências para a promoção de sua escrita.

Nesse íterim, Guimarães (2012) expõe que por ser membro da Sociedade Cultural de Angola, no período de março a dezembro de 1959, o escritor foi preso e em seguida libertado. Mais tarde, em 1961, foi detido novamente sob a acusação de estar envolvido em atividades contra o estado português, isto em 20 de novembro daquele ano e sendo condenado a quatorze anos de prisão¹⁶¹.

2.2 ENTRELAÇANDO ENREDOS E HISTÓRIAS

A cidade e a infância reúne dez histórias, a saber: “Encontro de Acaso”, “O nascer do sol”, “A cidade e a infância”, “A fronteira de asfalto”, “Bebiana”, “Marcelina”, “Faustino”, “Quinzinho”, “Companheiros”, “O despertar”. Neste livro, além de ser

¹⁶⁰GUIMARÃES, Rogério da Silva. *Musseques de Luanda: Duplos olhares*. Luandino Vieira e Ladeiro Monteiro. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, 2012.

¹⁶¹GUIMARÃES, 2012, p. 31

demonstrado como era Luanda antes das mudanças provocadas pela política de urbanização e a alocação implementada pela administração colonial nas décadas de 1940 e 50, revela-se como também ficou a cidade já em contexto de conflitos que visavam a ruptura, a libertação de Angola.

Dessa forma, as histórias relatam as brincadeiras das crianças em um tempo em que os conflitos entre portugueses e grupos de libertação não se faziam presentes nos musseques. Desse modo, as crianças transitavam livremente e sem medo por diversas áreas de Luanda, como evidenciam as narrativas: “Encontro de Acaso”, “O nascer do sol”, “A cidade e a infância”.

Por sua vez, há a descrição da rotina de brincadeiras já sob a presença da ronda das patrulhas da PIDE, o envolvimento com as garotas, como também o momento em que esses meninos vão crescendo - alguns trabalhando em condições precárias; outros, saindo para estudar e conseguindo mudar de vida, como a passagem a seguir revela.

A vida separou-nos. Cada um com a sua cela nesta imensa prisão. Não éramos mais os cavaleiros da Grande Floresta. Uns continuaram a estudar. Outros trabalham. Ele não continuou a estudar. Mais tarde soube que tinha tentado ir clandestinamente para a América, dentro de um barril, mas que fora descoberto perto de Matadi¹⁶².

As demais narrativas revelam os preconceitos raciais, as segregações, prostituição, marginalidade e casos da PIDE de perseguição aos moradores do musseques - negros - sob a desconfiança de serem ladrões ou membros de grupos de libertação. Em suma, todas as histórias procuram evidenciar essas pessoas em seu protagonismo, revelando os seus desejos e sonhos.

Convém destacar que José Luandino Vieira quando revela - mais tarde - que a Casa do Estudantes do Império estava organizando a “Coleção de Autores Ultramarinos”, ele vai publicar *A cidade e a Infância*, isto em 1960, por essa instituição. O livro foi reproduzido pelo seu amigo João Moraes, “...com quem eu partilhava um apartamento mesmo no bairro do Braga, musseque Braga, como se chamava no tempo, onde agora é a Sagrada Família, que eram as barrocas onde nós

¹⁶²VIEIRA, José Luandino. Encontro de acaso. In: VIEIRA, José Luandino. *A cidade e a infância*. Lisboa: Edição da Casa dos Estudantes do Império, 2014. Coleção Autores Ultramarinos, p 12

brincávamos¹⁶³.” Dessa forma, podemos perceber, a partir dessa informação, como as experiências sociais e culturais do escritor estarão em alinhamento ao contexto de produção de *A cidade e a infância*.

Por conseguinte, no segundo texto de José Luandino Vieira, *Luuanda*, escrito em 1963, há as histórias: “Vavó Xixi e seu neto Zeca Santos”, “Estória do ladrão e do papagaio”, “Estória da galinha de ovo”¹⁶⁴; textos que cumprem a função de serem a representação da vida cotidiana dos moradores dos musseques nas décadas de 1950 e 60. Não é a toa que na primeira narrativa se concentra em dois personagens, Vavó Xixi e Zeca Santos. Este, um garoto que está em busca de trabalho para comprar algo para comer com a sua avó, ambos moradores de um musseque em Luanda. Ele tem o desejo de comprar uma camisa amarela para ficar bonito para a garota de quem gosta, Delfina. Dessa maneira, ele sai em busca de trabalho e é rejeitado na primeira tentativa por ser residente em uma região onde há foco de movimentos que visam a libertação de Angola.

Paralelo a isso, sua avó, a Xixi é uma senhora que vive com fome, tentando saciá-la com a vegetação local. Ela, em outros tempos, pertencia a uma família tradicional de Luanda, que a exemplo de outras por conta da política de alocação da administração colonial, viu-se na condição de moradora em um musseque, assumindo um outro posicionamento social.

A próxima narrativa de *Luuanda* é a “Estória do ladrão e do papagaio”, que se desenvolve em dois eixos. O primeiro é o roubo do papagaio Jacó, realizado porque o animal caçava de um dos protagonistas, o Garrido Fernandes. É a parte de humor da história. Porém, o outro eixo trata de demonstrar as práticas de pequenos furtos de um bando: Garrido, Lomelino dos Reis e João Miguel, este último o responsável por vigiar a movimentação da patrulha policial, além de ser o líder do grupo.

Em síntese, os roubos evidenciam parte de um cotidiano nos musseques em relação à pobreza, ao preconceito que os brancos possuíam aos negros, ao comportamento da polícia e de como os moradores dos musseques viviam diante da marginalidade e da invisibilidade.

¹⁶³CHAVES; KARACZOROWSKI, 2015. p.183

¹⁶⁴A historiadora Julia Figueredo Benzaquen nos informa que essa obra de José Luandino Vieira recebeu o prêmio literário angolano Mota Veiga, em 1964, como também o Grande Prêmio de Novelística da Sociedade Portuguesa de Escritores, em 1965. Ver em: BENZAQUEN, Julia Figueredo. As vozes-saberes do musseque do mundo. Ampliar a audição através de uma leitura de Luandino Vieira. *E-cadernos - CES*. N,2, 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/eces/1291>

A última história é o episódio da “Estória da galinha de ovo”, é uma narrativa que se ambienta no musseque Sambizanga e trata de uma confusão que envolve os personagens Zefa, Xico e Beto. Isto é, um dia a galinha de Zefa, a Cabíri, não apareceu para comer. A dona alimentava o animal todos os dias e ele colocava ovos que servia de alimento para a mulher. Segue que a vizinha atraiu Cabíri para seu quintal e, conseqüentemente, por lá colocou o ovo, instaurando-se a muvuca, porque o bicho e o ovo era de Zefa e não de Bina, esta reclama posse do ovo.

Segue que a confusão envolve outros vizinhos e evidencia em alguns trechos mulheres que vivam sem os maridos, porque a PIDE veio e os levou. Diante de toda essa confusão nosso olhar lança-se a interpretar o posicionamento do escritor, que denuncia com sutileza a violência que a administração colonial quebrava as estruturas familiares das pessoas que residiam nos musseques, haja vista que uma vez a suspeita de participar ou colaborar com grupos de libertação - não demoraria para que tal pessoa fosse conduzida a um interrogatório.

Além disso, retrata alguns aspectos da vida diária das famílias moradoras dos musseques. Como revela-nos José Luandino Vieira da seguinte maneira:

eu já tinha escrito a “Estória da galinha e do ovo” porque me lembrava daquelas pequenas discussões entre a minha mãe e as vizinhas e as vizinhas entre si por causa das galinhas e dos ovos; aquela confusão. E a “Estória da galinha e do ovo” foi escrita mesmo com o sentido deliberadamente político¹⁶⁵.

Convém destacar que a historiografia relata que era comum haver mulheres sem os maridos, como o registrado em outra passagem de “Estória de galinha e do ovo” e ainda em “Vavó Xixi e o seu neto Zeca Santos”. Assim, Juliana Bosslet (2014) nos esclarece que as tensões observadas em Luanda, principalmente nos musseques, se dava em diversas formas, isto é, se um funcionário negro comparecesse ao trabalho sem dar as devidas explicações, escrevia-se o caso para a Polícia de Segurança Pública da PIDE.

Dessa maneira, policiais iam até aos musseques e levavam as pessoas “suspeitas” para interrogatório. Consoante a historiadora afirma: “Esses motivos eram mais que suficiente para que se desconfiasse de que os *pretos* estariam a tramar

¹⁶⁵CHAVES; KARACZOROWSKI, 2015. p.186-187

algum plano subversivo, e avisar às autoridades policiais para que se investigasse¹⁶⁶.” Em síntese, percebemos pelos apontamentos de Bosslet (2014) que a Representação que os textos de José Luandino Vieira dialoga com tais práticas do cotidiano observadas nos musseques luandenses.

Continuando as nossas observações, tomaremos agora como construção de algumas premissas as interpretações do livro *Nosso musseque*, escrito por José Luandino Vieira enquanto esteve preso; ou seja, durante o cárcere de 1962. Porém, a publicação ocorreu somente em 2003.

Este livro do escritor é constituído por uma história narrada em primeira pessoa por um narrador que lembra da infância. Assim, essas histórias são marcadas pelos seguintes episódios na Luanda da década de 1940: as mudanças na organização urbanística da capital, presente na história “Zeca Bunéu”; a chegada da luz elétrica em algumas regiões que eram musseques e viraram bairro populares, observado em “A verdade acerca do Zito”; e “Carmindinha”, em que há a denúncia da prostituição nas áreas das cubatas.

Esta obra, escrita durante o período em que José Luandino esteve preso, como o próprio escritor revela já na abertura, realiza uma descrição da vida cotidiana dos musseques com maior profundidade em relação ao apresentado em *Luuanda* e em *A cidade e a Infância*. Nesse sentido, há uma grande variedade de personagens que cumprem a função de corroborar esse intuito de Luandino. Dessa maneira, o livro se desenvolve de alguns aspectos do cotidiano de três personagens, a saber: Carmindinha, a costureira que pretendia uma vida diferente para a filha; a prostituta Albertina, uma mulher branca que agradava os homens negros e residentes do musseque; o preconceito que o garoto Xoxombo sofria na escola de meninos brancos, além de outras histórias que envolvem episódios da infância do escritor e de Luanda da década de 1940.

Convém destacar - antes de prosseguir - algumas observações que Débora Leite David realiza, em virtude de *Nosso musseque* apresentar uma região de Luanda com riqueza em detalhes e de como era a vida no início das mudanças que viriam a ser sentidas na capital angolana na década de 50 e 60. Nesse ínterim, ela esclarece que esse romance de José Luandino Vieira tinha, antes da publicação de 2003, o

¹⁶⁶BOSSLET, 2014, p. 140

nome de *Os meninos do Capitão Abano*, publicado em formato de conto em 1962 na coletânea *Novos Contos d'África*¹⁶⁷.

Em síntese, percebemos que as narrativas de José Luandino Vieira testemunham a relação existente entre a repressão e a resistência, bem como foi interpretado esse momento à medida em que se evidencia como a população enfrentou cotidianamente essas tensões.

Em outras palavras, percebemos que a literatura de José Luandino Viera realiza a representação de mundo, porque transporta as cisões entre dois povos para a escrita (portugueses e angolanos), haja vista que há constantes passagens dos livros, sobretudo os selecionados neste estudo e utilizados como fonte ao estudo histórico que destacam bem tais relações, ou seja, uma vez que valorizam tradições do passado, brincadeiras e passeios da infância, a solidariedade dos angolanos.

2.3 JOSÉ LUANDINO VIEIRA: AS SUAS NARRATIVAS E A CIDADE DE LUANDA (1950-1960)

A pesquisa de Paula de Oliveira Cortines¹⁶⁸ revela que José Luandino Vieira cresceu em um cenário marcado por histórias contadas pelos mais velhos que ele. Ela escreve ainda que durante o processo de formação do jovem escritor, a experiência de ele ter frequentado em Lisboa a Casa dos Estudantes do Império, a CEI, possibilitou a ele posicionar-se de maneira mais contundente em seus textos, escrevendo sobre os musseques e o seu cotidiano.

Em suma, é nessa instituição que José Luandino Vieira obteve contato com grupos de literatos e intelectuais. Esses jovens iriam desempenhar um papel importante nos movimentos que visavam à independência.

Assim, escritores como Antônio Jacinto - amigo de José Luandino Vieira - iriam exercer grande influência nos primeiros textos do escritor de *A cidade e a infância*, sobretudo em comentários de manuscritos que visavam desenvolver uma representação apurada de Luanda. É esse amigo, por exemplo que o escritor vai apresentar algum material do grupo “Novos Intelectuais de Angola”, como cartas e poemas.

¹⁶⁷DAVID, D. L. *Nosso musseque*, por José Luandino Vieira. Lisboa, 2003. p.350 Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/africa/article/view/74335/77975> Acesso em dezembro de 2019.

¹⁶⁸CORTINES, Paula de Oliveira. *A cidade e a Infância e Os da minha rua: representações da infância luandense em narrativas angolanas*. Dissertação (Mestrado em Literatura). Universidade Federal de Goiás, 2012.

Bom, não ganhas; não te dou o prêmio porque tu vives aqui, há tanta coisa à tua volta, e estás a escrever sobre coisas que tu não sabes, não vistes, em terras onde nunca foste, quando basta olhar à volta. Portanto, no próximo ano, tu vais continuar a escrever e toma lá este livro para ler”. E deu-me **As vinhas da ira**, de Steinbeck. Pronto, então eu passei a ler cada vez mais e cada vez melhor, porque Jacinto me ia abrindo outros horizontes¹⁶⁹.

Logo, a fim de apreender melhor o que foi o grupo Novos Intelectuais de Angola e qual era o papel dela para história de Angola, convém entendermos que durante a década de 1950, como observado no capítulo anterior, vários escritores tiveram a proposta de se aglutinar em diversos grupos literários, isto é, alinhar-se a um objetivo único de promover um resgate da cultura angolana, mediante a condição de invisibilidade criada pela administração colonial, sobretudo aquela vivenciada nos musseques.

Nesse íterim, Wanilda Lima Vidal de Lacerda expõe que a CEI foi fundada em 1944, em Lisboa, “com ramificações em Coimbra e Porto e teve duração de mais ou menos vinte anos, até 1965¹⁷⁰.” Desse modo, percebemos que ela surge em meio a um cenário em que Angola vivenciava um momento de cisões e mudanças provocadas pela administração colonial.

Em outras palavras, as tensões observadas pela historiografia relata que as transformações se intensificaram a partir da 2ª Guerra Mundial, onde Luanda viu um surto migratório em virtude da especulação imobiliária, em que homens de outros países africanos ou ainda angolanos se deslocaram para a capital. Diante desse cenário, estudantes universitários chegam a CEI com esse sentimento de ruptura e desejo por emancipação política de Angola.

Rogério Guimarães nos fez entender que essa imigração corresponde a década de 1940 e contribuiu para que em Lisboa abrissem-se perspectivas de trabalho, uma vez que em Luanda estavam os portugueses sem qualificação. Nesse contexto, formou-se “uma burguesia que pouco a pouco foi substituindo a pequena burguesia já existente, marcando uma política racista do governo colonial¹⁷¹.”

Ademais, consideramos importante demonstrar como José Luandino Vieira realiza a representação de um aspecto desse tempo na história de Luanda e tem

¹⁶⁹CHAVES; KARACZOROWSKI, 2015. p.179

¹⁷⁰LACERDA, 2007. p.141

¹⁷¹GUIMARÃES, 2012, p. 173

relação com as mudanças econômicas e sociais da década de 1950, por conta desse momento macro da história de Angola.

Por conseguinte, em “A fronteira de asfalto”, de *A cidade e a Infância*, particularmente em uma conversa sobre a infância dos personagens Ricardo e Marina a respeito das segregações que se intensificaram em Luanda, o escritor realiza a seguinte representação desse aspecto da história na capital angolana:

E lembrava-se do tempo em que não havia perguntas, respostas, explicações. Quando ainda não havia a fronteira de asfalto.
— Bons tempos — encontrou-se a dizer.
— A minha mãe era a tua lavadeira. Eu era o filho da lavadeira. Servia de palhaço à menina Nina. A menina Nina dos caracóis loiros. Não era assim que te chamavam? — gritou ele¹⁷².

Logo, percebemos que o trecho expõe que Ricardo era filho de lavadeira e recebe um tratamento diferenciado, pejorativo da parte de outras pessoas, brancas, pelo fato de ser negro e Marina (Nina) não. Por sua vez, apreendemos ainda pelas palavras do escritor que as histórias de *A cidade e a Infância* sempre tiveram o papel de descrever uma época em que Luanda evoca um tempo saudoso. Em outras palavras, ele nos faz entender que elas pertencem a uma fase de transição da adolescência para maturidade¹⁷³.

Para além disso, em estudo que revela também as profissões da população angolana, Ilídio do Amaral (1983) nos fez apreender que decorrente da elevação do custo de vida, as melhores condições de trabalho eram ofertadas aos portugueses com qualificação. Por outro lado, quem fosse reconhecido como impróprio para a função ao qual desejava, teve - no caso dos angolanos - de se contentar com o ofício de lavadeiras ou ainda de carregadores de mercadorias. No caso de portugueses que não fossem qualificados, caberiam a eles serem pequenos comerciantes.

O pai de José Luandino Vieira, por exemplo, era um desses portugueses que não eram qualificados o suficiente, disso compreendemos que ele e a família - quando chegaram em Luanda - foram morar na região dos musseques. Assim sendo, observamos a partir da exposição do historiador Rogério Guimarães que a família

¹⁷²VIEIRA, José Luandino. A fronteira de asfalto. In: *A cidade e a Infância*. Lisboa: Edição da Casa dos Estudantes do Império, 2014. Coleção Autores Ultramarinos. p 41

¹⁷³SANTOS, Joelma Gomes dos; SILVA, Patrícia Soares. Entrevista Jose Luandino Vieira e a Diáspora Africana. *Revista Eutomia*. v,2. n,3, 2010. p. 17

possuía uma pequena sapataria¹⁷⁴, isto durante boa parte de sua infância.

Prosseguindo a discussão quanto as ofertas de trabalho, o trecho a seguir da história “Vavó Xixi e seu neto Zeca Santos”, do livro *Luuanda*, de 1963, realiza a representação desse aspecto da história da cidade de Luanda na década de 1950.

Ei-lo:

- Você vai roubar serviço num desses homens!...Mas deixa só! Eu é que escolho quando vêm os camiões...e você vai comigo!
Maneco apertou-lhe a mão para despedir, mas o homem não aceitou. Continuou rir, ria, e falou outra vez. Zeca Santos não percebia porquê o homem ria assim, mas as palavras espantaram:
- Os gajos costumam pagar quarenta, nesse serviço. Já foi sessenta cada dia, mas tem cada vez mais gente aqui para trabalhar e os sacanas fazem batimento¹⁷⁵...

Assim, Amaral (1983) afirma que essas pessoas que não gozaram dos bons atrativos das mudanças promovidas pela administração colonial, “representam, sem dúvida, o de maior gravidade e o de resolução praticamente impossível¹⁷⁶.” Isto é, os contrastes econômicos e sociais eram evidentes, porque não eram somente negros que vivam nas áreas dos musseques, mas europeus que também não eram qualificados para os empregos e serviços que se faziam presentes.

Com efeito, compreendemos que a experiência de José Luandino Vieira com os integrantes da Casa dos Estudantes do Império, ou seja das relações literárias e políticas que começaram a se estabelecer com indivíduos como: Agostinho Neto, Viriato Cruz, Almícar Cabral e outros; proporcionou a ele que se envolvesse nas questões relativas às tensões, sobretudo de natureza nacionalista que estavam em evidência na sociedade angolana. Além disso, Wanilda Lima Vidal de Lacerda esclarece que a instituição “serviu também para agregar brancos e negros de uma elite local, que pelas condições de ensino de colônias, eram mandados para Portugal para fins de estudo¹⁷⁷.”

Em uma entrevista realizada para o *Jornal de Angola*, em 1961¹⁷⁸, o escritor

¹⁷⁴GUIMARÃES, 2012, p. 24

¹⁷⁵VIEIRA, José Luandino. Vavó Xixi e o seu neto Zeca Santos. In: *Luuanda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p 32

¹⁷⁶AMARAL, 1983, p.317

¹⁷⁷LACERDA, 2007, p.142

¹⁷⁸TOPA, Francisco. *Luandino por (re)conhecer*: uma entrevista, estórias dispersas, bibliografia. Porto: Sombra pela Leitura-CAPEs, 2014 Disponível em:

revela que ali onde viveu, no musseques, enquanto a geração dele de escritores vivia a adolescência, os demais viviam a infância. Assim, apreendemos pela nossa interpretação que José Luandino Vieira nos revela que aqueles tempos fizeram com que o escritor tivesse de amadurecer mais rápido.

Além disso, ele ainda esclarece que cada experiência daquele tempo foi projetado em algumas passagens ou personagens de seu textos. Dessa forma, o processo de escrita dele se deu, segundo o próprio José Luandino Vieira, pela

recolha de material e subsequente trabalho sobre esse material. Isto é: de tudo quanto se passa à minha volta ou tenho conhecimento, tomo nota ou retenho na memória. Esses apontamentos, digamos assim, são sujeitos a análise, a interpretação. Muitas vezes um conto é-me sugerido por uma frase, um personagem, uma situação, uma simples notícia de jornal. Recolho então material, revejo pessoas, cenários, crio uma situação. Ou revejo uma situação e crio personagens. Isto dentre de mim por semanas, meses às vezes¹⁷⁹.

Percebemos pelo trecho acima das estórias, em *A cidade e a infância*, *Nosso musseque* e *Luuanda* que alguns aspectos da realidade angolana da década de 1950 e 60 são evidenciadas por personagens que desempenham a função de representarem a pluralidade dos atores sociais, lugares culturais e percepção política que José Luandino Vieira transitou durante a infância e a juventude em Luanda.

Dessa maneira, para melhor entender a importância da Casa dos Estudantes do Império durante a formação literária de José Luandino Vieira, convém consideramos também os apontamentos de Nascimento (2013) a respeito das tensões que parte da sociedade angolana estava vivenciando e se tornaram pautas de discussões e temas de poemas e contos para intelectuais e grupos culturais na década de 1950 e 60.

Em outras palavras, essas cisões se aglutinaram também em virtude das tensões que envolviam os “novos assimilados”, isto é, indivíduos que eram de origem rural, negros e de formação missionárias que em função dos estudos que fizeram na Europa conseguiram alguma ascensão econômica¹⁸⁰.

[http://web.lettras.up.pt/ftopa/Livros/18.%20Luandino%20por%20\(re\)conhecer.pdf](http://web.lettras.up.pt/ftopa/Livros/18.%20Luandino%20por%20(re)conhecer.pdf)

dezembro de 2019

¹⁷⁹TOPA, 2014, p. 17

¹⁸⁰NASCIMENTO, 2013, p. 13

Uma dessas cisões ocorreram na região do distrito de Malange, norte de Angola, na Baixa do Cassange - lugar que está presente nas narrativas de José Luandino Vieira - em 1959, portanto, mesmo ano em que houve a apreensão da PIDE em textos de intelectuais, estes considerados contra a presença portuguesa.

Naquela área havia uma plantação de algodão e trabalhadores que boicotaram e desafiaram a administração colonial queimando as sementes do produto, destruindo as plantações e fugindo para a mata. Ocorre que fizeram isso em virtude das condições precárias de trabalho e altos impostos cobrados¹⁸¹.

A pesquisadora Zoraide Portela Silva ainda expõe que no ano seguinte, em dezembro de 1960, houve uma tentativa de negociação da parte da administração colonial para que os trabalhadores retornassem às plantações, que viriam a ser esmagados pela repressão da PIDE.

Já para Carolina Barros Tavares Peixoto essa repressão se deu a bombas incendiárias e aldeias queimadas¹⁸². Esta historiadora ainda nos fez entender que o trabalho era feito por contratos que se aproximavam do mesmo perfil que se viu durante a escravidão¹⁸³. Em síntese, percebemos que tal aspecto também colaborou para que as famílias desses trabalhadores vivessem em precárias condições de vida.

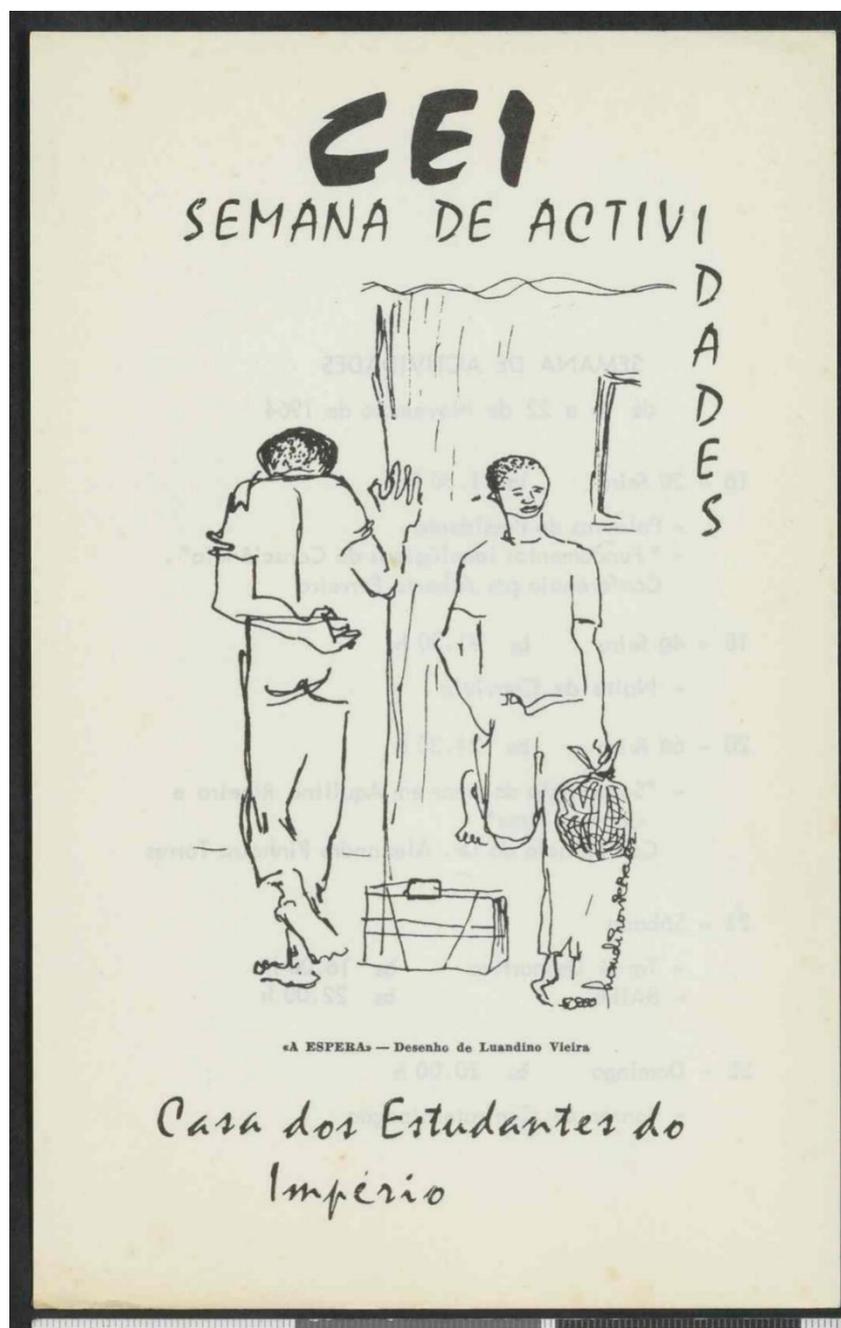
Desse modo, diante desses acontecimentos, apreendemos que a Casa dos Estudantes do Império e seus integrantes, como José Luandino Vieira, serviu também para solidificar em alguns e iniciar em outros o processo de formação de consciência política. Nesse contexto, o escritor amadurece a sua leitura acerca de variados aspectos sociais e políticos que o seu país, Angola, estava vivenciando na década de 1950 e 60. Como observaremos nas imagens a seguir onde há participação do escritor ou mesmo nos sentidos que a comunicação do grupo realiza.

Figura 3 - Capa do folheto de um evento de 16 a 22 de novembro de 1964

¹⁸¹SILVA, Zoraide Portela. *José Luandino Vieira: memórias e guerras entrelaçadas com a escrita*. Tese (Doutorado em Letras). Universidade de São Paulo, 2013. p. 31

¹⁸²PEIXOTO, Carolina Barros Tavares. *Limites do ultramar português, possibilidades para Angola: o debate político em torno do problema colonial (1951-1975)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense, 2009. p.63

¹⁸³PEIXOTO, 2009. p.21



Fonte: À espera, de José Luandino Vieira. Disponível em:
<http://www.casacomum.org/cc/visualizador?pasta=11123.003.003> (2020-3-14)

Para explicar, observamos pela ilustração do escritor que o foco desse evento possuiu conotações não somente literárias, mas acadêmicas e sociais; tudo para dar protagonismo à população dos musseques de Luanda, como perceptível pelos dois moradores das cubatas. Nisto, há um garoto com uma trouxa e uma mala no chão, enquanto há outro rapaz que está - ao que parece - saindo do lugar onde eles estão. Logo, interpretamos que se refere a um momento em que os luandenses estavam em intensas atividades de deslocamento em virtude dos conflitos de 1961 a 1974.

Diante disso, José Luandino Vieira, durante o contato com intelectuais e membros da CEI, revela em entrevista à Joelma Gomes dos Santos e Patrícia Soares Silva¹⁸⁴ que essa instituição abrigou escritores africanos que pertenciam a um grupo privilegiado de estudantes. Dessa maneira, houve o desenvolvimento de ideias de emancipação em relação à Portugal e de difusão identitária do que significava ser angolano.

Nesse sentido, o escritor nos revela que:

Montou-se uma rede entre as várias nações africanas, deu-se origem a várias associações, algumas políticas, e ajudou-se a divulgar textos literários. Mas não se pode dizer que ali eles se fizeram escritores nacionais. Ali eles se fizeram militantes políticos dos países. Depois eles se converteram em escritores, quando chegou a independência, e falaram de suas experiências de militância, guerrilha, de passagem por Lisboa ou Coimbra¹⁸⁵.

Dessa forma, apreendemos pelas palavras de Luandino que esse momento de sua vida corresponde à fase de contato com uma discussão política acadêmica, como também às editoras, como a da CEI, em cumprir um duplo papel na formação literária daqueles escritores, isto é, na difusão das ideias de emancipação política e na publicação de seus textos.

Assim sendo, uma das representações que o escritor realiza e que possui relação com esse aspecto da história em Luanda, decorre de uma passagem de “Vavó Xixi e o seu neto Zeca Santos”, em que este vai sair para buscar um trabalho a um português, o Souto: “Vavó quase a chorar lhe sacudi da esteira com a vassoura para ele ir embora procurar serviço na Baixa e, quando Zeca saiu, ainda falava as palavras cheias de lágrimas, lamentando¹⁸⁶...”

A passagem nos revela que o garoto passa por um interrogatório, este tem no objetivo saber se Zeca tinha família, era assimilado, se tinha o bilhete¹⁸⁷ e o lugar de onde viera. Quando o neto de Vavó Xixi diz que morava no Catete, uma região de

¹⁸⁴SANTOS, Joelma Gomes dos; SILVA, Patrícia Soares. Entrevista Jose Luandino Vieira e a Diáspora Africana. *Revista Eutomia*. v.2. n,3, 2010.

¹⁸⁵SANTOS; SILVA, 2010, p. 8

¹⁸⁶VIEIRA, José Luandino. Vavó Xixi e o seu neto Zeca Santos . In: *Luuanda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p 14

¹⁸⁷Ver esse debate sobre o Bilhete do Assimilado em: NASCIMENTO, Washington Santos. *Gentes do Mato: Os “novos assimilados” em Luanda (1926-1961)*. Tese (Doutorado em História) Universidade de São Paulo - USP, 2013. p.35-40

musseques onde havia várias ocorrências de manifestações contra a administração colonial, é acusado de terrorista e é expulso à xingamentos do escritório do lusitano.

É interessante pontuarmos que na região do Catete, consoante os apontamentos de Amaral (1983), esse lugar estava localizado a 60 km do centro de Luanda, ou seja, na área suburbana da capital angolana. Como afirma o geógrafo português: “não passa de um aglomerado no centro da região algodoeira do mesmo nome¹⁸⁸.”

Logo, é evidente na passagem do livro que José Luandino Vieira retrata as tensões que ele observou ou que seus amigos e conhecidos vivenciaram. Destarte, a historiografia a respeito do tema, como em Nascimento (2013), faz-nos entender que formação política em Angola mostra tensões existentes entre diversos grupos étnicos e destes com os portugueses, muito por conta de práticas de segregações racial.

Isto é, esse cenário refletia a política de assimilação implementada por Salazar e tinha o objetivo de restringir a mobilidade social dos angolanos, afastando os moradores de Luanda de direitos básicos, como saúde, educação, trabalho. Nesse ínterim, Washington Nascimento (2013) revela que foram criadas povoações comerciais, da parte da administração colonial, hierarquizando os grupos ali existentes¹⁸⁹.

Mais tarde, nos anos 60, essas pessoas - que em geral - pertenciam a uma elite local e moradoras de musseques em Luanda, vieram a ser vigiadas e pressionadas pela PIDE para colaborar com assuntos relacionados à política, uma vez que a década de 1950 e o ano de 1960 viram se intensificar as tensões sociais e, depois, eclodir os conflitos que visavam a libertação.

Essa vigilância foi intensificada nesse período para conter as atividades de grupos e forças políticas, tanto no interior de Angola, como em Luanda - principalmente nos musseques. Dessa maneira, a população era informada que tais movimentos de alguns populares eram interpretadas pela administração colonial perigosas, isto é, por serem considerados pelos portugueses como terroristas, como a jornal *Diário de Luanda* expõe a seguir.

¹⁸⁸AMARAL, 1983, p. 297

¹⁸⁹NASCIMENTO, 2013, p. 40

Figura 4 - Comunicado das Forças Armadas de Angola.



Fonte: Diário de Luanda, disponível em <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=10400.005.033#13>

Percebemos pela matéria que as atividades dos militares se tornaram intensas contra aqueles que chamam, de início, de “bandoleiros”. As ações não se restringiam apenas ao patrulhamento, mas à destruição de “refúgios” daqueles agora chamados de “terroristas”, sendo reduzidos pelos portugueses.

Convém ainda destacar que a narrativa da matéria transmite o sentido de que os “bandoleiros” agiram contra os “povos sem proteção” para que houvesse comoção da parte da população e se mobilizassem. A produção desses sentidos evidencia como parte da imprensa, controlada por portugueses, estava a serviço da disseminação de um discurso que transmitia a ideia da integração lusitana no continente africano.

A fim de apreender melhor tal sentido, o historiador Francisco Rui Cádima¹⁹⁰ revela que em uma reportagem feita pelo telejornal português em 07 de fevereiro de 1961, apresenta produz a ideia de que os soldados das forças militares eram heróis em combate contra aqueles bandoleiros.

A matéria, conforme Cádima (2009) descreve, diz-nos que o funeral de policiais mortos em conflito significou que

Eles resgataram com seu sangue, com seu exemplo a afronta com que um bando de vendidos tentou atingir a unidade nacional. O seu sacrifício, o supremo sacrifício de um soldado, cumprimento heroico do dever, sublima e santifica o lema que encerra a decisão maior da hora que passa¹⁹¹...

Assim, percebemos que há uma preocupação em posicionar aqueles que tiveram o embate contra os soldados portugueses como “bando de vendidos” e os militares como heróis de um dever supremo, protagonizando estes em detrimento daqueles.

Não iremos aprofundar tal debate neste estudo, mas é válido pontuar que a historiografia a respeito do tema esclarece que durante o período de Salazar (1926-1974), a imprensa em Portugal e nas colônias portuguesas africanas desempenhou um importante papel na difusão de uma imagem e de uma ideologia¹⁹² a favor do sistema colonial português. Dessa maneira, percebemos que ficou a situação perigosa para aqueles que defendiam a ruptura e a libertação do país da presença colonial portuguesa, intensificando as segregações já existentes em Luanda no período de 1950 e 1960.

Desse modo, observamos que criou-se uma estrutura de controle em que a administração colonial estava em parceira com as forças armadas, cujas atividades eram sustentadas como boas e para conter o avanço de terroristas; em síntese, para a promover a manutenção da paz. Este era o papel da imprensa.

¹⁹⁰CÁDIMA, F. R. O telejornal e a guerra colonial (1961-1974). *Anuário Lusófono*, 2009. pp. 97-114. Disponível em: <http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/anuario/article/view/763> Acesso em dezembro de 2019

¹⁹¹CÁDIMA, 2009, p. 105

¹⁹²Ver em: CARVALHO, C. C; HOLHFELDT, A. A imprensa angolana no âmbito da história da imprensa colonial de expressão portuguesa. *Intercom - RBCC*. v,35. n,2, 2012. pp. 85-100; como também: HOLHFELDT, A. A Imprensa das colônias de expressão portuguesa. *Comunicação & Sociedade*. N, 51, 2009. pp. 135-15

Ainda segundo os apontamentos de Cádima (2019), apreendemos que por conta de uma forte intervenção política nas revistas da imprensa e pela adoção de uma estratégia de hierarquização da informação em protocolar a aparelhagem política para os território portugueses no continente africano, observa-se pelo telejornal português de 20 de outubro de 1959, a transmissão de um pronunciamento de Salazar aos portugueses na Europa e na África, como também aos angolanos por conta da confusão que havia se estabelecido, em virtude da tensão entre brancos e negros em Angola, bem como as cisões oriundas dos movimentos de resistência ao regime colonial português.

Diante da percepção desse cenário de cisões e tensões, percebemos que é projetado pela literatura de José Luandino Vieira, através de um diálogo entre os personagens Xico Futa e Lomelino dos Reis sobre o auxiliar Zuzé, presentes na “Estória do ladrão e do papagaio”, a representação de um momento da história da capital angolana, isto é, em que pertencer a uma outra condição social significaria - pelo menos assim se pensava, da parte dos moradores do local, livrar-se daquela repressão ou estado de vigilância realizada pela PIDE.

Nem uazekele kie-uazeka kiambote, nem nada, era só assim a outra maneira civilizada como ele dia; mas também depois ficava na boa conversa de patricios e, então, aí o quimbundo já podia se assentar no meio de todas as palavras, ele até queria, porque para falar bem-bem português não podia, o exame da terceira é que estava lhe tirar agora e por isso não aceitava falar um português de toda a gente, só queria falar o mais superior¹⁹³.

Dessa forma, observamos pelo trecho da narrativa que há a preocupação do auxiliar Zuzé em assumir outro status social, isto é, a condição de assimilado. A fim de elucidar com maior clareza tal aspecto, urge evidenciar que a historiografia afirma, sobretudo em Washington Nascimento (2013), que a possibilidade de esse indivíduo ser um funcionário público e afastar-se de um trabalho compulsório, faz-nos entender como José Luandino Vieira realiza a representação desse aspecto da realidade angolana na década de 1950 e 60.

Não iremos aprofundar neste estudo tal debate, mas convém pontuar que na

¹⁹³VIEIRA, José Luandino. Estória do ladrão e do papagaio. In: *Luuanda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p 50

luta anticolonial, grupos políticos que surge dessas cisões, como o Movimento pela Libertação de Angola, MPLA; União Nacional para a Independência Total de Angola, UNITA; e a Frente Nacional de Libertação de Angola, FNLA; serão constituídos por membros de uma elite local descontente, como também de “novos assimilados” e de estudantes universitários da Casa dos Estudantes do Império.

A respeito desses grupos, o historiador Marcelo Bittencourt nos fez entender que FNLA é resultado da junção de outras forças políticas, como a União das Populações de Angola (UPA), em 1950 e 1962, e tinha como base apoio os bakongo, grupo étnico situado no norte de Angola e com presença territorial do outro lado da fronteira, isto é, no Congo.

Por sua vez, o Movimento de Libertação de Angola (MPLA) inicia a sua trajetória em Luanda nos anos 1940, com ampliação de sua influência política em 1950. A partir dele se constituíram duas correntes: uma daqueles que estavam no interior, evidenciados por Washington Nascimento (2013) de “Gentes do Mato”; e aqueles que estavam em Lisboa ou outros países europeus, como também estudantes universitários¹⁹⁴.

Compreendemos ainda a partir da exposição de Marcelo Bittencourt (2015) que a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA) surge de segregações da FNLA, isto em 1946.

Em outras palavras, após um período que vai até 1966 quando da oficialização do grupo político, percebermos que houveram críticas que levaram à dissidência do grupo e assim “assinalavam o favorecimento existente em relação aos militantes de origem bakongo nas nomeações para cargos importantes do movimento e nas concessões de bolsas de estudo¹⁹⁵.” Além disso, a UNITA se localizava no leste angolano, na fronteira de Zâmbia.

Com efeito, a historiografia a respeito dos grupos políticos em Luanda, sobretudo em Juliana Bosslet (2014) afirma que José Luandino Vieira - nos primeiros anos de 1961 - se envolve com o MPLA, conseguindo espaço para publicar na revista da Associação dos Naturais de Angola - ANANGOLA¹⁹⁶. Esta, exercia a função de fomentar e gerenciar saberes e informações sobre a condição colonial para os

¹⁹⁴BITTENCOURT, Marcelo. Nacionalismo, Estado e Guerra em Angola. In: FERREIRA, Norberto (Org). *A questão nacional e a tradição nacional-estatística no Brasil, América Latina e África*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2015, p.232

¹⁹⁵BITTENCOURT, 2015, p. 233

¹⁹⁶BOSSLET, 2014, p. 66

moradores dos musseques. Desse modo, evidencia-se que o escritor conseguiu acesso a essa entidade em virtude da aproximação que teve com Viriato da Cruz, intelectual e membro do MPLA.

Voltando para as questões relacionadas aos “assimilados”, no que tange às tensões sociais, essas eram intensificadas pelo o que Washington Nascimento (2013) chama de Bilhete do Assimilado e, desse modo, os descendentes de uma elite colonial e nascidos em Angola - com o passar do tempo - foram urbanizados, letrados, burocratas e assalariados; contrariando aqueles que se sentiam ameaçados com uma possível ascensão social.

Em síntese, como podemos entender dos apontamentos Washington Nascimento, a política de alocação promovida pela administração colonial fez que com que esses assimilados ou mesmo a família deles perdessem a posição social, isto contribuiu para que José Luandino Vieira observasse e projetasse tal experiência em suas narrativas, casos como o da família de Vavó Xixi, que em outro momento - no passado - era uma família de influência na região; agora procuram comida em lixeiras nos musseques luandenses.

Nesse sentido, o estudo de Nascimento (2013) parte da premissa de que a elite formada ocorre em virtude do acesso às letras do mundo europeu em um determinado contexto histórico e social, obtendo assim privilégios em decorrência de alguns atributos adquiridos. Assim, ele ainda informa que os membros integrantes dessa elite não se viam como parte da elite local, apesar de possuírem semelhanças quanto às origens (mundo rural) e serem negros. Ao contrário, decorrente da escolaridade formal que receberam, eles não possuíram vínculo familiar com aqueles outros grupos¹⁹⁷.

Diante desse cenário podemos entender, como o relatado por José Luandino Vieira que estudou no Liceu de Angola, que ambientes como esse contribuíram também para a intensidade das tensões sociais observadas pelo escritor durante a década de 1950. No caso do escritor, filho de um sapateiro português, o Liceu Salvador Correia de Sá, em Luanda, foi o lugar onde ele teve acesso à literatura de outros escritores.

[...] na escola, também lia. Eu lembro-me que ganhei o hábito de ler tudo quanto estava escrito e que às vezes a minha mãe se irritava; ela

¹⁹⁷NASCIMENTO, 2013, p.13

ficava envergonhada por eu ler em voz alta a publicidade interior no machimbombo,

Tudo isso me deu interesse pelas letras, pela Literatura. Eu lia muito. Jacinto emprestava-me tudo; desde Górkí, Ponson du Terrail, depois Max du Veuzit, depois Turgueniev, era assim uma misturada; tudo o que eu queria era que houvesse letra impressa¹⁹⁸.

A fim de aprofundar tal debate, Nascimento (2013) nos faz apreender ainda que a escola funcionava como uma possibilidade para ascensão social. Através dela, esse indivíduo se livrava de um trabalho forçado e de outras violências que a administração colonial exercia.

Assim sendo, em virtude de um contexto que no fim nos últimos anos da década de 1950 até janeiro de 1961 se apresenta à beira de um conflito mais imperativo contra os portugueses, fomentado por grupos políticos como o MPLA, que o trajeto literário de José Luandino Vieira vai ser interrompido por sucessivas prisões. Esse cenário se refere aos eventos de 4 de fevereiro e de 15 de março de 1961, a serem explorados com maior clareza na seção a seguir.

2.4 OS CONFLITOS ARMADOS E A PRISÃO DE JOSÉ LUANDINO VIEIRA

O dia 4 de fevereiro de 1961 é conhecido por marcar o início dos conflitos armados que visavam a conquista da independência de Portugal. A historiografia relata que um grupo de militantes devidamente organizados e armados com catanas¹⁹⁹ enfrentaram as forças da ordem colonial, atacando as principais prisões de Luanda, com o objetivo de resgatar líderes de movimentos políticos que estavam presos. A autoria do ataque foi assumida pelo MPLA.

Carlos Everdosa (1979)²⁰⁰ expõe que o golpe falhou e a repressão da parte da PIDE contra eles foi violenta. Depois disso, os militantes retiraram quem sobreviveu e os dirigiram para a região de Dembos e de Narnbuangongo, lugar onde estava localizado a 1ª Região Político-Militar do MPLA.

A esta época, José Luandino já estava preso pela segunda vez, sob a acusação de estar envolvido com os grupos políticos de libertação. O escritor relata

¹⁹⁸CHAVES; KARACZOROWSKI, 2015, p.179-180

¹⁹⁹Faca de lâmina comprida

²⁰⁰EVERDOSA, Carlos. *Roteiro da Literatura Angolana*. Lisboa: Edições 70, 1979, p. 109-110

que em 1960, após ter alcançado a liberdade da primeira vez em que estava na prisão, em 1959, casou. Quando estava se preparando para sair de Luanda, por conta do início da luta armada, rumo a Londres, para então ir para Gana encontrar-se com os membros do MPLA, foi detido novamente em 1961²⁰¹.

Para explicar, Juliana Bosslet (2014) revela que em virtude da participação do escritor em jornais como o já mencionado *Botafogo*, possibilitaram que as acusações recebidas estivessem para os portugueses fundamentadas, isto porque ele descrevia a conduta social no fim dos anos de 1950 nesse espaço, evidenciando tal aspecto a partir da exposição da região da Baixa, um lugar nobre de Luanda onde habitavam - em maioria - portugueses e descendentes.

Em *Luuanda*, por exemplo, em diversos momentos se faz referência à Baixa como o lugar onde Zeca Santos se dirige à procura de trabalho, para assim conter a fome. Em uma dessas ocorrências, há o episódio em que o garoto encontrou o português Souto, conhecido da família e do pai do menino, este que havia desaparecido por conta da PIDE.

- Vavó me disseste para eu ir lá e eu fui. Verdade! Nem mesmo a chuva que tinha começado a chover e a fome estava-me chatear nessa hora...

Sô Souto recebera-lhe bem, amigo e risonho, pôs mesmo a mão no ombro dele para falar:

- Pois claro! Para o filho de João Ferreira tenho sempre qualquer coisa. E a avó, vai bem? Diz ela não precisa ter vergonha...a conta é pequena, pode vir ainda cá...

Tinha desaparecido depois, na direcção do armazém, arrastando a barriga dele dentro da camisola suja e Zeca Santos distraiu-se a olhar a bomba da gasolina com tambor e a manivela de medir²⁰²...

Percebe-se pela leitura do trecho que a Baixa era bastante procurada pelos moradores dos musseques, a fim de conseguir trabalho ou mesmo qualquer tipo de serviço. Mas por conta das tensões das décadas de 1950 e 60 é evidente que várias dessas pessoas fossem confundidas com ladrões ou mesmo estarem associadas aos grupos de libertação. Não à toa, José Luandino representa cenários como esse no fim

²⁰¹CHAVES; KARACZOROWSKI, 2015, p.186

²⁰²VIEIRA, José Luandino. Vavó Xixi e o seu neto Zeca Santos. In: *Luuanda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p 15-16

da passagem citada, em que Zeca Santos sai enxotado e marcado nas costas por Souto, sob a acusação de ser filho de terrorista e ladrão.

Em geral, realizando uma leitura mais atenta de como os textos de Luandino descrevem os ambientes dos musseques e a cidade Alta, verificamos que os espaços não são demarcados pela segregação, apesar de existente. Para melhor compreender isto, Bosslet (2014) nos elucida que “não havia uma separação tão radical que impedisse a circulação de pessoas e informações pelas diversas áreas da cidade²⁰³”. Logo, isto nos auxilia na compreensão de como funciona o deslocamento dos personagens de José Luandino Vieira pela cidade, como a Baixa, para onde os luandenses circulavam.

Convém mencionar ainda que o escritor revela que durante a primeira estadia na prisão, esta se localizava na Baixa, lugar que a PIDE destinava para os presos políticos como ele. Além dele, o amigo Antônio Jacinto também estava ali preso²⁰⁴.

Essa revelação ajuda-nos, por exemplo, a entender os lugares sociais em que José Luandino transitou, tornando-se mais evidente em que condições de possibilidades, como observa Chartier (2002), foi escrito e mesmo publicado os textos literários; ou seja, como essas narrativas produzem sentidos que são relevantes para um estudo histórico.

Em outras palavras, como afirma o próprio autor de *Luuanda*:

Estávamos em uma daquelas cadeias que às sextas, sábados e domingos se enchiam e ficavam 80 pessoas num lugar de 12, uma coisa assim. Eram as grandes rusgas que faziam para depois, na segunda-feira, presumivelmente, irem ao juiz e o juiz atribuía uma sentença administrativa “vai trabalhar para a pesca” ou “vai para o sul” ou “vai para São Tomé” ou “vai para a rua”. E uma vez eu vi entrar aquele grupo; um aleijado com um pato, sim²⁰⁵.

Sendo assim, compreendemos melhor as prisões de 1959 e 1960 do escritor pelo seu envolvimento com os grupos políticos de libertação, esses que tiveram muitos de seus integrantes presos no fim dos anos 50, em episódio conhecido pela historiografia de “Processo dos 50”. Por seu turno, como José Luandino Vieira possuía um vínculo com o clube Botafogo, a PIDE também levou à prisão os membros

²⁰³BOSSLET, 2014, p. 31

²⁰⁴CHAVES; KARACZOROWSKI, 2015, p.186

²⁰⁵Idem

daquele, fechado em 1961 pela polícia portuguesa.

A respeito desse vínculo, esse se dava através das relações de sociabilidade exercidas nos musseques, afinal, nesses lugares compartilhavam do mesmo espaço famílias tradicionais de Luanda, negros oriundos do interior de Angola e de outros africanos, como também portugueses que não eram considerados qualificados para um emprego. Com efeito, com a intensificação do processo migratório e a implementação da política urbana para Luanda, as condições de vida das pessoas que não moravam na área urbana só pioravam, fazendo surgir uma coesão nas ideias e sentimentos em relação à administração colonial²⁰⁶.

Um dos exemplos dessa rede de solidariedade que podemos observar na representação dos musseques, ocorre em *Luuanda* da seguinte maneira:

- Boa tarde, vavó Xíxi. Como passa?
Abre os olhos, quer sorrir; o sol na cara não deixa. Conhece nga Tita, fala:
- Ai! Bem 'brigada, menina. Gregório, então?
Nga Tita baixa a cabeça, encolhe os ombros; responde depois, mais corajosa:
- Sempre o mesmo, nga Xíxi. Lá está...
Velha Xíxi encosta as mãos na parede e sua amiga ajuda-lhe a levantar, devagar, com jeito, o reumatismo espera esses dias frescos para atacar, os vizinhos sabem.
Aiuê, nossa vida. Vida de pobre é assim.
- Pois é, vavó!...Sukuama! Mas ninguém mesmo que me diz quando vai sair, nem nada. Falei no chefe, jurei mesmo meu homem não é terrorista, não senhor, dormia comigo sempre na cama, como é estava andar em confusão e essas coisas que eles querem?
Vavó Xíxi suspirou, a barriga mordida, estava doer muito.
- É verdade, menina! Mas é assim, os brancos não aceitam...²⁰⁷

Ademais, a apreensão desses vínculos nos auxilia no entendimento mais apurado dos ataques às prisões da PIDE, em 1961. Isto é, essa rede de solidariedade que fora criada, mobilizou várias pessoas a participarem de tal evento, haja vista que os militantes contavam com o apoio de outros grupos adeptos à causa.

Para Marcelo Bittencourt (2008), esses grupos que militavam, sobretudo no interior, traduziam bem os vínculos, que se davam pela cor, ocupação profissional,

²⁰⁶BOSSLET, 2014, p. 42

²⁰⁷VIEIRA, José Luandino. Vavó Xaxi e o seu neto Zeca Santos. In: *Luuanda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p 23

lugar no espaço urbano de moradia, religião, clube de futebol e demais fatores. Diz-nos ele que “Limitavam-se quase sempre à publicação de panfletos condenando o colonialismo português²⁰⁸...”

Por seu turno, outro ataque que ocorreu em 1961 se deu em 15 de março, sob a ordem de Holden Roberto, líder da UPA. E inicia-se com um levante no Norte de Angola no dia em que a Organização das Nações Unidas iria se reunir para discutir a situação angolana, que já estava no limiar desde o fim dos anos 50.

Em síntese, essa revolta refletia a insatisfação dos angolanos - em geral - pela exploração no trabalho que se dava através de contratos com baixa remuneração e condições precárias de serviço, fora a cobrança abusiva da parte dos portugueses de impostos sobre produtos rurais produzidos por trabalhadores dessa região de Angola.

Zoraide Portela Silva (2013) relata que

Esta revolta mostrou-se muito mais violenta e as raízes étnicas e regionais do UPA mostraram-se sem qualquer subterfúgio: realizaram uma verdadeira *jacquerie*, assassinando indiscriminadamente europeus e assimilados, além de significativo de africanos de etnia ovimbundu enviados à região para trabalhar nas plantações de café²⁰⁹.

Em resposta, os portugueses vitimaram para mais de 15 mil africanos, provocando a emigração para regiões de fronteira. Assim, o conflito havia se instaurado e durou até 1974 com a conquista da liberdade política, às custas de várias mortes para os dois lados. Silva (2013) ainda nos faz entender que a guerra se destacaria pela UPA e o MPLA de um lado; e os portugueses, de outro. Ademais, os outros grupos políticos de menor influência iriam ou desaparecer ou se aliar a um dos dois movimentos de libertação.

Além disso, durante esse tempo em que esteve preso, principalmente nos anos que estavam presenciando os conflitos armados da década de 60, o escritor foi lembrando de suas experiências e percepções do que ocorria em Luanda na década de 1950, nos musseques, e foi realizando a representação da capital angolana pela sua perspectiva e pelo protagonismo das pessoas que estavam presentes no

²⁰⁸BITTENCOURT, Marcelo. “Modernismo e atraso na luta de libertação angolana”. In. REIS, Daniel; ROLLAND, Denis (Orgs). *Modernidades Alternativas*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2008, p. 280

²⁰⁹SILVA, 2013, p. 32

cotidiano da cidade. Desse modo, é comum observarmos nas histórias de *A cidade a infância*, *Nosso musseque* e *Luuanda* regiões como Braga, Boa Vista, Baixa, Coqueiros, Ingombota.

Nesses lugares, consoante os apontamentos de Washington Nascimento (2013), viviam famílias de uma elite local já sem prestígio de outros tempos, consideradas tradicionais em um cenário de “novos assimilados”.

Dessa forma, percebemos que a literatura de José Luandino Vieira projeta pela representação alguns aspectos da realidade dessa Luanda. Não é à toa que um exemplo disto se dá a partir da descrição de parte da vida cotidiana desses lugares, ou seja, através do personagem Zito, na história “A cidade e a infância”, de 1960. Em suma, a leitura de tais trechos revela-nos pela Representação uma leitura social e histórica dos musseques luandenses, algo que iremos aprofundar no próximo capítulo, intitulado “Os musseques de Luanda e de José Luandino Vieira”.

Mais adiante será observado ainda como a Representação de mundo, pela literatura de José Luandino Vieira, se desenvolve a partir das percepções e experiências que ele teve a respeito dos musseques, em paralelo ao processo de mobilidade e deslocamento para esses lugares, em virtude das tensões sociais das décadas de 1950 e 1960.

CAPÍTULO III

OS MUSSEQUES DE LUANDA E DE JOSÉ LUANDINO VIEIRA

Este capítulo tem como propósito realizar um estudo histórico dos musseques de Luanda ao longo da década de 1950-60 e busca compreender como ocorreu o fluxo migratório para esses lugares neste período. Conforme observa a historiografia²¹⁰, esclarece-nos que em muitos casos tal situação criou em algumas pessoas um sentimento de vulnerabilidade e insegurança, sobretudo para aqueles que possuíam algum tipo de envolvimento com os movimentos de libertação.

Em outras palavras, vulnerabilidade é entendida no sentido que Rogério Guimarães²¹¹ (2012) expõe em estudos relacionados aos musseques de Luanda, no período de 1940 a 1960. Isto é, o historiador parte dessa premissa para esclarecer que a condição de vulnerável é uma interpretação proposta por Sarah Escorel, socióloga que afirma ser a exclusão social como um fator pontual a redução que certos grupos de indivíduos sofrem, impossibilitando - por vezes - da condição humana²¹².

Com efeito, não iremos nos aprofundar nesse debate, este que já esclarece bem os diversos tipos de vulnerabilidade que as pessoas que residem nos musseques luandenses enfrentam diariamente, até hoje. Mas, estabeleceremos o diálogo com tal a fim de apreender como se dão as dinâmicas que movimentaram a mobilidade e os deslocamentos naqueles lugares.

Nesse ínterim, na busca por essa compreensão os apontamentos de Laura Visentin fazem-nos entender que o Movimento Popular de Libertação de Angola vai se utilizar da oposição entre a cidade e o campo para dispor de meios para estabelecer uma comunicação e aquisição de membros nos musseques luandenses. A historiadora ainda revela que a mobilidade de civis entre Angola e o Congo Belga, antes dos conflitos de 1960, faziam parte de um cotidiano e se utilizou disso para colocar em prática a estratégia de inserção de integrantes. Por tal razão é possível

²¹⁰Ver, VISENTINI, Pulo Fagundes. *As revoluções Africanas: Angola, Moçambique e Etiópia*. São Paulo: Editora da UNESP, 2012.

²¹¹GUIMARÃES, Rogério da Silva. *Musseques de Luanda: Duplos olhares*. Luandino Vieira e Ladeiro Monteiro. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, 2012.

²¹²ESCOREL, Sarah. *Vidas ao léu: trajetórias de exclusão social*. Rio de Janeiro: Editora da FIOCRUZ, 1999. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/rbtvb> Acesso em janeiro de 2020.

verificar que nos musseques luandenses, há pessoas de diversas regiões do país, e não apenas de outras áreas de Luanda, do continente africano ou da Europa.

Ainda sobre a questão da vulnerabilidade social, Rogério Guimarães (2012) utiliza essa interpretação para também realizar uma leitura dos musseques que consiste em entendê-los como o resultado de políticas de segregação da administração colonial. Perspectiva essa que se concentra em apreender as pessoas que ali residem, vinculadas as várias possibilidades de situações de exclusão. Como o estudo evidencia, a administração colonial se utilizou de tais informações para promover o que uma parte da historiografia vai chamar de invisibilidade dos musseques²¹³.

Com efeito, essa premissa é projetada na literatura de José Luandino Vieira através da descrição observada em “Vavó Xixi e o seu neto Zeca Santos”, de *Luuanda*, como a passagem a seguir ilustra:

Zeca Santos fechou a cara magra com as palavras da avó. Na barriga, o bicho da fome, raivoso, começou a roer, falta de comida, dois dias já, de manhã só mesmo uma caneca de café parecia era água, mais nada²¹⁴.

Logo, percebemos que a fome é uma categoria de exclusão e silenciamento daqueles que vivem nas cubatas dos musseques. Nisto, percebemos ainda pela denúncia de tal aspecto da realidade o posicionamento escritor. Ademais, verificamos ainda pela leitura do enxerto que o garoto e a avó encontram-se em uma situação de fome extrema, consequência das segregações sentidas pelos angolanos, como também pelas condições de vida que o ambiente proporciona.

Assim sendo, temos a intenção de nessa zona de vulnerabilidade elucidar como aqueles residentes das cubatas dos musseques de Luanda praticavam um protagonismo que era, muitas vezes, silenciado pelas condições de vida que levavam ou pela própria repressão que sentiam da administração colonial.

Dessa maneira, este estudo, nesta seção, se desenvolve - em um primeiro momento - realizando uma interpretação dos processos históricos que envolvem o

²¹³Ver: AMARAL, I. do. Luanda e seu ‘Muceques’: problemas de geografia urbana. *Fininsterra*. n. 36. Lisboa, 1983, pp. 293-325

²¹⁴VIEIRA, José Luandino. Vavó Xixi e o seu neto Zeca Santos. In: *Luuanda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 14

cotidiano dos musseques de Luanda, representados pelos livros de José Luandino Vieira, isto é, em: *A cidade e a infância*, de 1960; *Luuanda*, de 1963; e *Nosso Musseque*, de 2003. Em suma, elabora uma leitura atenta a como os eventos de natureza histórica interferiram na vida dessas pessoas.

Nesse sentido, observamos pela historiografia a respeito do tema que a partir dos conflitos de 1961, as pessoas que moravam no musseques de Luanda tiveram de lhe dar com o cenário de guerra. Diante desse contexto, uma parte buscou proteção em “vilas”, a fim de obter segurança, ou ainda conseguir o mesmo fugindo com os guerrilheiros para o interior do país²¹⁵. Para além disso e de nosso interesse, houve ainda aqueles que continuaram residindo naqueles espaços de moradia, resistindo e construindo o seu protagonismo.

Assim, Laura Visentin (2011) expõe que:

Os civis que decidiram ficar em Angola viveram as mudanças dos seus costumes de vida. Os lugares que até pouco tempo antes eram considerados como confortáveis e familiares se tornaram parte da guerra. Aldeias e vilas se tornaram perigosas pois podiam ser identificadas como “dos portugueses” ou “dos rebeldes”, assim poderiam ser respectivamente atacadas²¹⁶.

Logo, a fim de compreender essas mudanças ao qual Visenti (2011) pontua iremos tomar uso de como as narrativas de José Luandino Vieira realizam a Representação do cotidiano dos musseques para entender como a literatura do escritor ao revelar esse cotidiano da moradias, denuncia as mais diversas práticas de segregações cometidas pela administração colonial. Além de expressar o protagonismo das pessoas que ali residiam.

Destarte, avançando na discussão, o capítulo estará organizado do seguinte modo: observar como os massacres de fevereiro e março de 1961 repercutiram nos musseques de Luanda e contribuíram para o surgimento de uma face do nacionalismo angolano. E através disto, elaborar apontamentos de como a literatura de José Luandino Vieira destaca tais eventos pela Representação.

²¹⁵ VISENTIN, Laura. A questão da mobilidade durante o conflito em Angola. Lisboa, 2011. Disponível em: https://cesa.rc.iseg.ulisboa.pt/files/Doc_trabalho/12-LauraVisentin.pdf Acesso em janeiro de 2020.

²¹⁶ VISENTIN, 2011, p. 169

Em *Luuanda e A cidade e a Infância* projetam-se diversos aspectos da realidade dos musseques de Luanda, isto é, de um lado a cidade de pessoas que sonham e projetam um mundo melhor para si, como o que ocorre pela representação de personagens como Zeca Santos, de “Vavó Xixi e o seu neto Zeca Santo”; e Gatito, de “Estória do roubo do papagaio” - ambas narrativas de *Luuanda*.

Por outro lado, observa-se também pessoas que sentem os impactos do preconceito racial, como Zeca Bunéo, de *Nosso musseque*, escrito em 1962. Nesta narrativa, quando o garoto é deixado de lado pela professora, um dia, em uma confraternização que visava dar presentes às crianças mais pobres e moradoras dos musseques e de áreas adjacentes, as crianças brancas ficaram com os melhores brinquedos enquanto aquelas que residem em cubatas são expulsas do local de doação.

A professora mirou na cara do Zeca, aquela cara de malandro que toda a gente gosta. Sorrindo, foi no monte de brinquedos onde que estava brilhar a camioneta de corda. Azar do Zeca! Nessa hora, quando ia-lhe agarrar, um senhor magro, professor da Escola Sete, apareceu com as pressas dele, começou dizer é preciso despachar, já são cinco horas, pegou um apito, deu no Zeca e recebeu-lhe a senha. — Pronto! Vai-te embora. Vêm para aqui estes miúdos vadios... musseque, musseque!²¹⁷.

Percebemos por esse trecho da fonte que a segregação foi uma experiência dramática e presente no cotidiano das pessoas que residiam por ali, principalmente para as crianças que residiam nos musseques luandensesm haja vista que o fato de serem pobres e pretas, colaboravam para uma maior tensão entre os grupos sociais.

Washington Nascimento (2013) comenta a respeito dessas tensões que elas eram oriundas das organizações que eram feitas em lugares públicos, da parte da administração colonial, como em um cinema - por exemplo. O historiador nos faz apreender que nas salas de cinema localizadas em áreas periféricas, o perímetro dos musseques, a separação entre brancos e negros ocorria no tipo de filme a ser exibido, ou ainda na logística dos bancos que serviam de assentos a quem fosse ao cinema; isto é, os lugares mais modernos e confortáveis eram destinados aos portugueses

²¹⁷VIEIRA, José Luandino. Zeca Bunéo e outros. In: VIEIRA, José Luandino. *Nosso musseque*. Luanda, Angola: Editorial Nzila, 2003, p. 28

que morassem por ali. Por sua vez, aos negros, restavam as cadeiras velhas e sem estofamento²¹⁸.

Os apontamentos de Nascimento (2013) ainda nos fez entender que em muitos desses cinemas havia bares e restaurantes, e nesses reservados as tensões convergiam para cenas de violência, estas eram intensificadas a partir das práticas encerradas pela força da PIDE nos angolanos, como analisado pelo historiador no Bar América, localizado no Bairro do Operário.

Este bar, segundo revela Nascimento (2013) “foi um dos mais importantes e conhecidos de Luanda²¹⁹”, representado por José Luandino Vieira em “Encontro de Acaso”, a primeira história de *A cidade e a Infância*” da seguinte maneira:

No meu deambular pelo musseque, casa da Toninha, Bar América, Colonial, parei diante duma taberna. Escurocá fora, escuro lá dentro. Só o brilho dos copos e das garrafas. Um candeeiro meio apagado. Cá fora chegavam até mim os ecos esborrachados dum baião tocado em harmónica de boca. Pelas frinchas ele fugia²²⁰.

Ademais, convém elucidar que após os eventos de 1961, Laura Visentin (2011) ainda nos orienta ao entendimento de que todos os lugares que eram conhecidos como ponto de referência dos moradores dos musseques, eram agora uma área de instabilidade e se demonstraram perigosos, em virtude das práticas da PIDE em busca de grupos de libertação. Em outras palavras, não bastasse a experiência da segregação, os moradores deveriam saber conviver sob a suspeita de estarem associados aos movimentos políticos.

Rogério Guimarães (2012) comenta que a respeito dessa instabilidade, esta se dava por uma vigilância e repressão da parte da PIDE para realizar a manutenção da ideia de que Luanda era pensada como um espaço para brancos metropolitanos, isto nos ajuda a entender a política de alocação que foi implementada para os musseques luandenses na década de 1950 e 60.

Esse historiador, por exemplo, faz-nos ainda compreender que tal cenário se deve também aos vários grupos esportivos e recreativos que foram criados. Nesses

²¹⁸NASCIMENTO, 2013, p. 139-140

²¹⁹NASCIMENTO, 2013, p. 139-141

²²⁰VIEIRA, José Luandino Vieira. Encontro de Acaso. In: *A cidade e a Infância*. 2ª ed. Lisboa: UCCLA, 2014, p. 13-14

espaços, foi observado o estabelecimento de vínculos de solidariedade e convivência, que foi interpretado no fim dos anos 1950 e na primeira metade de 1960 como um lugar para refúgio de simpatizantes das pautas de libertação.

Por essa perspectiva, entendemos que há um protagonismo oriundo dos musseques a partir do momento em que as pautas de libertação expandiram-se e ganharam proporções que despertaram em várias das pessoas que ali residiam a consciência do que estava ocorrendo em seu país, como também a possibilidade de que esses indivíduos fizessem a leitura de sua condição de vida, isto é, interpretassem as consequências das práticas de segregação e controle em virtude da presença colonial portuguesa em Luanda.

Voltando aos apontamentos de Laura Visentin (2011), esta expõe que as intenções das tropas portuguesas também consistiam em estabelecer um controle dos angolanos que estivessem residindo em lugares sob a sua proteção, para que assim as pessoas não se alinhassem aos movimentos de libertação²²¹. A fim de elucidar isto, os apontamentos de Visentin (2011) esclarecem que a respeito dos últimos anos que antecederam os conflitos das décadas de 1960 e 70, principalmente com o surgimento de variados partidos, movimentos e organizações em áreas como os musseques ou bairro intermediários, como também das ideias relacionadas ao projeto de libertação, estas que foram se expandindo até as camadas populares. Em consequência, Portugal estabeleceu em 1957 o envio da PIDE para Angola, algo que funcionou como um aparelho repressivo da parte da administração colonial.

Para tanto, Rogério Guimarães (2012) ainda revela-nos que:

Assim, tornou-se imperativo conscientizar a população dessas localidades da necessidade de combater a ordem vigente e para tal, associações recreativas, organizações sociais e clubes, juntando-se as já existentes, surgiram à revelia do Estado colonial com a finalidade de alfabetizar os moradores, servindo de apoio ao trabalho político clandestino²²².

Ressalva-se também que nessa época, os musseques passaram a desempenhar um papel de resistência, haja vista a instalação do MPLA e das

²²¹ VISENTIN, 2011, p. 170

²²² GUIMARÃES, 2012, p. 67

moradias localizadas em algumas dessas áreas periféricas, tudo com o objetivo de sistematizar a logística do partido e de seus ideais.

Sendo assim, Rogério Guimarães (2012) nos faz compreender que os musseques de Cemitério Novo, Rangel, Prenda, Lixeira Sambizanga foi um dos lugares em que a presença do MPLA era constante; alguns deles, por exemplo, são lugares-comum na literatura de José Luandino Vieira. Em síntese, os vínculos estabelecidos de camaradagem, solidariedade convergiram para instrumentalizar a luta anticolonial.

Diante do exposto, Guimarães (2012) nos fez entender que os grupos sociais que ali moravam era a maior parte da população residente nesses espaços e as pessoas oriundas do interior, ou seja, como conviviam nesse contexto de conflitos e tensões, sobretudo em um momento em que as cisões observadas pela historiografia a respeito do assunto, na década de 1950, transformaram-se em conflitos diretos aos portugueses, em 1961, como os ataques ao batalhão de militares portugueses em Luanda ou a diversos grupos sociais de diferentes regiões dos musseques, no interior, pelos membros da FNLA.

Em suma, tudo isto nos permite realizar uma leitura histórica, através do uso de jornais ou cartas do escritor, como fontes secundárias, da primeira metade da década de 1960. Logo, em geral, apreendemos uma interpretação dos musseques luandenses em seu protagonismo, porque tais projeções do cotidiano que cercavam as pessoas daquelas cubatas, em contexto de luta pela libertação, destaca como esses espaços de moradia testemunharam os conflitos que foram observados em Luanda.

Em outras palavras, tanto na resistência assistida em um clube recreativo, como também na condução da vida com normalidade - caso evidenciado em *Nosso musseque* - revela a expressão do desejo de emancipação política de Portugal, da liberdade.

Por conseguinte, em 4 de fevereiro de 1961 iniciou-se a luta armada pela independência, na madrugada, em que grupos de descontentes com as práticas portuguesas do colonialismo entraram em confronto com a Polícia de Segurança Pública, conhecida como PSP, ao tentar a libertação de presos políticos detidos há dois anos²²³.

²²³Ver mais em: PINTO, João Paulo Henrique. *A identidade nacional – definição, construção e usos*

já ocorriam, sobretudo no interior do país, em expressão contra os portugueses. Não é gratuito que tal postura da parte do editorial do jornal chama o evento de “plano de agitação”.

Em síntese, a historiografia nos informa que durante o período em que ocorreu os conflitos que visavam a libertação política de Angola, afirma que a mobilidade e o deslocamento de pessoas foram interpretadas como um fenômeno relevante para a dinâmica das pautas libertárias, porque os movimentos políticos envolvidos e mesmo os portugueses se utilizaram disso para acrescentar forças no campo de batalha. Sabe-se, por exemplo, que mais de 100.000 angolanos buscaram refúgio no Congo até chegar a incríveis 500.000 na década de 1970²²⁴.

Juliana Bosslet²²⁵ nos faz entender que esse episódio não foi algo isolado, isto é, houve vários conflitos, revoltas contra a presença portuguesa no interior de Angola. E no cenário internacional, Portugal estava sendo contestada pela forma que se estabelecia o sistema colonial em território africano. Para tanto, a historiadora revela-nos que “Se o governo português conseguiu, de certa forma, abafar as notícias sobre a revolta e a violenta repressão que a ela se seguiu, o mesmo não pode ser dito com relação ao assalto ao paquete Santa Maria²²⁶...”

Esse episódio se refere ao que Bosslet (2014) comenta de um assalto comandado por um integrante dos grupos de libertação Henrique Galvão. Esse evento procurou demonstrar aos portugueses a insatisfação de trabalhadores no campo mediante as taxas cobradas pela administração colonial, como também pelas condições precárias de trabalho²²⁷.

Por conseguinte, Bosslet (2016) comenta que estudos realizados por Jacques dos Santos sobre a repressão portuguesa nos musseques, principalmente no Bairro Operário, evidenciou que a violência foi intensa, porque todos eram suspeitos. Em síntese, é diante desse contexto que a população das cubatas irá resistir, protagonizar

²²⁴ VISENTIN, 2011, p.171.

²²⁵ BOSSLET, J. A Luanda que a guerra deixou ou a guerra travada pelos que ficaram (1961-74). *Revista TEL*, v.7, n. 2, 2016. pp 118-139 Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/d1f7/45feecccd7fa13bbfde36014b851c2f82a08.pdf> Acesso em fevereiro de 2020.

²²⁶ BOSSLET, 2016, p.119

²²⁷ Para aprofundar esse debate, ver: RODRIGUES, Cristina Udelsmann. *Trabalho assalariado e estratégias de sobrevivência e reprodução de famílias em Luanda*. Tese (Doutorado). Universidade de Lisboa, 2007.

as suas vidas e viver o cotidiano, como representado pela literatura de José Luandino Vieira da seguinte maneira:

Foi num Carnaval. Todos os meninos do musseque fabricaram suas máscaras de papelão e arrumavam a fuba uns nos outros. Satisfeitos, fugindo, gritando ou pelejando, quando um sacristã punha mesmo nos olhos, que não valia. Toneta estava na porta da cubata, nesse tempo ainda não estava amigada no sô Amaral, e os meninos pararam suas brincadeiras para lhe olharem, vestida de Carmem Miranda, como ela gostava sair nas farras²²⁸.

Logo, percebemos pela leitura da fonte que em época de Carnaval não havia lugar para preocupações de cunho social ou política, na gritaria das crianças e nas fantasias, os adultos tranquilamente aproveitavam o momento e as brincadeiras infantis.

Este cenário confirma o que a historiadora Amanda Palomo Alves comenta acerca do papel social e integrador que as manifestações culturais angolanas, no período que se estende de 1940 a 60 vai desempenhar na população local. Para ela, tais eventos e práticas possibilitam que “os ensinamentos do cotidiano realizam-se a partir da oralidade, tendo uma importância fundamental as memórias e o papel dos mais velhos²²⁹”.

Em suma, percebemos que a Representação de mundo que as narrativas de José Luandino Vieira realiza também corrobora essa premissa de Alves (2015), projetado em *Nosso musseque*, o livro que retrata Luanda dos anos 1940 e 50.

Avançando no debate, as projeções de uma Luanda anterior aos conflitos de 1961, da parte de José Luandino Vieira, convém destacar ainda que essa valorização do passado e ao mesmo tempo a recuperação de alguns aspectos deste passado (o identitário), serve-nos para entender a confissão que ele realiza em entrevistas e cartas²³⁰ a respeito da clandestinidade de sua escrita, que uma vez preso, obteria a função de realizar a representação daquela época, sobretudo dos musseques luandenses, como veremos a seguir:

²²⁸VIEIRA, José Luandino. A verdade acerca de Zito. In: VIEIRA, José Luandino. *Nosso musseque*. Luanda, Angola: Editorial Nzila, 2003. p. 50

²²⁹ALVES, 2015, p. 68

²³⁰VIEIRA, José Luandino. *Papéis da Prisão: apontamentos, diários, correspondência (1962-1971)*. Coimbra: Editora Caminho, 2015.

O guarda afastava-se, porque não queria ver o que estava a ver, e então eu levava já 4 ou 5 folhas dobradas já do tamanho de bolacha, aquelas bolachas. Uma vez foi assim que eu as fiz sair... eles faziam a vistoria de tudo o que vinha de casa e abriam, então o pacote de bolachas já vinha fechado no celofane, tudo, e não mexiam. De maneira que eu disse “Bom, eu vou pôr isto lá dentro e vou buscar a roupa suja”, que era para depois eles verem a roupa; se saía também qualquer coisa da cadeia para a família. A Linda foi tirando umas folhas, de uma maneira ou de outra, e tinha o original com ela. Quando fomos lá para baixo, para a 4ª esquadra, na Baixa, onde escrevi a “Estória do ladrão e do papagaio” e completei, portanto, as três estórias, fiz o trabalho todo e depois entreguei na visita lá embaixo; já não estávamos sob a alçada da PIDE e as versões já trabalhadas²³¹...

Dessa maneira, compreendemos a historicidade do texto de José Luandino Vieira emerge a partir da representação que ele realiza dos musseques de Luanda das décadas de 1940, 50 e 60, se dá pela inscrição de eventos ou mesmo das mudanças de comportamentos de indivíduos que estão inseridos em processos históricos relacionados às experiências dramáticas do colonialismo português.

Como o próprio escritor expõe em cartas e fragmentos de manuscritos, seus textos

(...) falavam de mundo que ia para além do mundo colonial. Falavam de uma cidade mestiça dos musseques e das suas gentes de trabalho e desenhavam um mapa da cidade que denunciava a desigualdade em que assentava a ordem colonial (...)²³²

Desse modo, percebemos nesses espaços de moradias, como o Bairro do Operário, Makuluse, Ingombota e outros musseques; um protagonismo representado pela literatura de José Luandino Vieira através das conversas entre os personagens, ou ainda nas descrições desses lugares para a promoção da interpretação de desejos e práticas de resistência, esses que evidenciam as tensões que foram observadas pela historiografia do assunto, nas décadas de 1950 e 1960.

No que tange ao protagonismo presente naquelas cubatas, interpretamos a partir dos estudos de Rogério Guimarães (2012) que à medida que os musseques foram se transformando em bairros, fenômeno chamado pelo urbanismo de

²³¹CHAVES; KARACZOROWSKI, 2015, p.190

²³²VIEIRA, 2015, p. 15

mussequeização²³³, ou seja, como consequência da industrialização da cidade, esses espaços de moradias foram se “proletarizando; constituindo-se numa reserva de mão de obra que atende à procura determinada pelas expansões dessas atividades²³⁴.”

Convém ainda esclarecer que esses espaços de moradias foram também interpretados como bairros pelo fato de evidenciar o lugar onde pessoas brancas e os angolanos moravam, dividindo o mesmo lugar, destacando mais um ponto de cisão.

Dessa forma, Guimarães (2012) nos faz entender que o termo “bairro” servia para nomear as habitações africanas. Sendo assim, os sentidos que foram interpretados da semântica desse vocabulário para designar os musseques, colaborou para confirmar a divisão que era perceptível em Luanda naquela época, isto é, a “cidade branca” de um lado; e a “cidade negra” de outro²³⁵.

José Luandino Vieira, em *A cidade e a infância*, destaca essa percepção, representado pela seguinte passagem:

Virou os olhos para o seu mundo. Do outro lado da rua asfaltada não havia passeio. Nem árvores de flores violeta. A terra era vermelha. Piteiras. Casas de pau-a-pique à sombra de mulembas. As ruas de areia eram sinuosas. Uma tênue nuvem de poeira que o vento levantava, cobria tudo. A casa dele ficava ao fundo. Via-se do sítio donde estava. Amarela. Duas portas, três janelas. Um cercado de aduelas e arcos de barril²³⁶.

Assim, percebemos pela leitura da fonte que o escritor realiza a representação de uma Luanda dividida entre os musseques, ao fundo, com ruas de areia e sinuosas, em contrapartida a uma cidade urbanizada, com avenidas largas e asfaltadas. Ali, na parte em que as casas ficavam no “quintal” da área urbana que morava o personagem Ricardo, garoto negro e angolano.

Essa história, intitulada de “A fronteira do asfalto”, destaca a relação de amizade entre os personagens Ricardo e Marina. Ele, negro; ela, branca. Por conseguinte, convém destacar que o trecho citado acima da narrativa é produto da experiência do escritor em relação aos lugares sociais que ele transitou na juventude

²³³Ver: CORREIA, Maria Alice Vaz de Almeida Mendes. *O “Patrimônio” do movimento moderno em Luanda (1950-1960)*. Dissertação (Mestre) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2012.

²³⁴GUIMARÃES, 2012, p. 55

²³⁵GUIMARÃES, 2012, p. 49

²³⁶VIEIRA, José Luandino Vieira. A fronteira do asfalto. In: *A cidade e a Infância*. 2ª ed. Lisboa: UCCLA, 2014, p. 04

com os amigos, não é a toa que ele demonstra-nos essa percepção das fronteiras em Luanda com maior evidência neste livro, em comparação a *Luuanda e A cidade e a infância*.

Nisso, ele revela tal aspecto na seguinte passagem da entrevista concedida à Rita Chaves:

Eu guardei o título, tinha feito o desenho da capa também e depois, quando a Casa dos Estudantes do Império começou com a Coleção dos Autores Ultramarinos, eu tinha ido à Lisboa, depois da primeira prisão, se não me engano, em 59²³⁷.

Avançando no debate, com a implementação de políticas de urbanização voltadas para a realocação de moradores em áreas de vulnerabilidade, já apresentada neste estudo, Rogério Guimarães (2012) ainda expõe em seus apontamentos que esses bairros foram edificados e para eles transferidos várias famílias oriundas da região dos Ingombotas, lugar próximo ao centro de Luanda. Assim, dos musseques ali existentes, uma vez demolidos, as pessoas estabeleceram residência no Bairro do Operário²³⁸.

Urge realizar a ressalva que esses deslocamentos, frutos de uma política de reorganização de Luanda, como destaca Juliana Bosslet (2014), não ficou delimitado somente em áreas periféricas. Segundo nos informa a historiadora:

É importante frisar que a especulação imobiliária não ficou restrita às regiões nobres da cidade. Alguns musseques, por estarem localizados mais próximos ao centro, tiveram também suas cubatas valorizadas com a chegada maciça de imigrantes, como, por exemplo, o Prenda e o Samba, que ficavam próximos à Baixa²³⁹.

Nisto, percebemos um protagonismo nessas mudanças em pessoas que eram donas de cubatas em musseques e tiveram sua estrutura modificada, ou seja, elas passaram a alugar os casebres que foram deslocados para áreas mais pobres e a partir disso visaram uma melhora em suas condições de vida.

²³⁷CHAVES; KARACZOROWSKI, 2015, p.183

²³⁸GUIMARÃES, 2012, p. 50

²³⁹BOSSLET, 2014, p. 72

Juliana Bosslet (2014), por exemplo, comenta o caso de João Batista Martins Ramos, que eram dono de algumas cubatas no musseque Prenda e as alugava, tornando-se detentor de uma nova posição social²⁴⁰.

José Luandino realiza a representação desse momento, como já discutido, pelas experiências que acumulou em sua juventude em passeios que fazia com amigos por essa Luanda dos musseques. Em outras palavras, projetado em sua literatura, como observamos - a seguir - em um trecho de *Nosso musseque*, de 1962.

Foi numa manhã. De todas as famílias de nosso musseque, só o pai do Biquinho recebeu papel, estavam morar longe, para lá do imbondeiro, perto já do Braga. Sô Augusto disparatou o branco que lhe entregou o aviso, ameaçou destruir a Câmara, foi buscar o livro, mas nga Xica apareceu, pediu desculpa e meteu o homem na cubata, antes que passasse mais confusão. E quando passavam os que estavam fugir lá mais para cima, Burity, Terra Nova, com as imbambas e os monas pelo areal fora, sô Augusto vinha com o livro aberto, ameaçava: — Não saio de minha casa! Pago a renda, ninguém me tira nem com a porrada!

— Ouve ainda, mano Augusto, você sabe com a Câmara é assim... Sô Augusto crescia os olhos parecia onça e arreganhava:

— E o que eu inventei? Só carrego no botão... Nga Xica ainda andou procurar casa noutro sítio mas, cada dia que saía, ninguém que ficava para fazer o trabalho e a comida depois faltava. A gente via o tractor correr pelo capim, com os dentes amarelos a destruir tudo e avisava nga Xica: um dia ia de chegar ali e, depois, sucedia como a senhora Fefa que escapou morrer dentro da cubata.

— Branco não tem coração! Chegam aí, nem que você se põe lá dentro, mana, derrubam! Nga Xica não aceitava. Ela mesma queria se convencer, pensava ia pedir no homem do tractor, lhe deixava ficar. Estava morar muito longe das casas novas²⁴¹,

Logo, observamos pela passagem que o escritor realiza a representação de um momento que significou mudanças radicais na estrutura urbana de Luanda, os processos que afastaram mais da área urbana os musseques ou redesenhando aqueles em que moravam um bom quantitativo de pessoas brancas.

Prosseguindo no debate, a historiadora Cristina Uldelsmann Rodrigues²⁴² revela-nos que nos musseques luandenses há uma correspondência entre as

²⁴⁰BOSSLET, 2014, p. 73

²⁴¹VIEIRA, José Luandino. Zeca Bunéu e outros. In: VIEIRA, José Luandino. *Nosso musseque*. Luanda, Angola: Editorial Nzila, 2003. p. 35

²⁴²RODRIGUES, Cristina Uldelsmann. *Recomposição Social e Urbanização em Luanda*. Centro de

peças que ali circulam, através da existência de grupos solidários, na maior “parte dos casos, as famílias no sentido amplo do termo²⁴³”. Ela ainda nos faz entender que nesse perfil se desenvolvem e definem-se regras sociais que regem as regras de convivência ali existentes.

Para Marcelo Bittencourt (2000)²⁴⁴, essa é uma forma de leitura para os grupos que residem nos musseques no objetivo de realizar uma interpretação de diversos comportamentos e trajetórias individuais e coletivas, como também muito nos fornece de informações de como se deram as relações dessas pessoas com os militares portugueses durante os momentos de tensões dos anos 1950, bem como nos conflitos dos anos 60.

Juliana Bosslet (2014) comenta ainda que esse cenário de censura se deu em consequência da independência do Congo Belga²⁴⁵, em 1961, como também pela instalação da PIDE em Angola e o início dos conflitos diretos contra os portugueses, da parte dos angolanos, no fim da década de 1950.

Voltando aos apontamentos de Marcelo Bittencourt, o historiador nos faz entender que mediante as dificuldades econômicas e sociais que foram vivenciadas nesse período, e mesmo após os anos 70, o indivíduo que possuísse um membro da família (laço de solidariedade pela família) em um cargo de importância no Estado ou Partido poderia fazer uso dos benefícios disso.

Esse aspecto também colaborou para o agravamento de tensões entre portugueses e angolanos, e destes entre si, tanto que Bittencourt (2020) expõe que dos conflitos observados em Angola no musseques de Luanda, tais como esses relacionados aos vínculos de solidariedade, os de natureza étnica desempenham um importante papel de responsabilidade dos problemas enfrentados.

Segundo Bittencourt, comentando Messiant (1992): O pressuposto dessa concepção reside na aliança que se estabelece entre os movimentos de libertação e

Estudos Africanos. Lisboa: Portugal, 2003.

²⁴³RODRIGUES, 2003, p. 4

²⁴⁴BITTENCOURT, Marcelo. A história contemporânea de Angola: seus achados e suas armadilhas. In: *Construindo o passado angolano: as fontes e a sua interpretação*. Actas do II Seminário Internacional sobre a História de Angola - 4 a 9 de agosto de 1997. Luanda, 2000.

²⁴⁵Ver: NASCIMENTO, Evelyn Rosa do. *O manifesto da ABAKO e o movimento de independência no Congo (RDC)*. XXVIII Simpósio Nacional de História - Lugares dos historiadores velhos e novos desafios, 2015. Disponível em:

http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434422650_ARQUIVO_TEXTOANPUHEVELYN_ROSA.pdf Acesso em fevereiro de 2020.

suas respectivas bases étnico-regionais, numa arriscada transposição de categorias histórico-culturais para o terreno da política²⁴⁶.

Em outras palavras, o historiador nos faz entender em seus apontamentos que as detenções que a PIDE realizou ajudaram a identificar a composição de grupos urbanos que se organizavam nos musseques, isto no fim da década de 1950. Assim, ele expõe que:

(...) do ponto de vista racial, contavam com a participação de negros, mestiços e brancos; enquanto à filiação religiosa, destacavam-se católicos e protestantes; no que diz respeito à ocupação profissional, eram compostos principalmente de funcionários público, empregados do comércio, enfermeiros, estudantes, monitores agrícolas e operários²⁴⁷.

Observamos esse aspecto em uma passagem de *Luuanda*, na história “Vavó Xixi e o seu neto Zeca Santos”, representado por José Luandino Vieira da seguinte maneira: “Sô Souto recebera-lhe bem, amigo e risonho, pôs mesmo a mão no ombro dele para falar: - Pois claro! Para o filho de João Ferreira tenho sempre qualquer coisa (...)”²⁴⁸. Em outras palavras, observamos a existência de um vínculo de solidariedade que se desfaz - evidente no decorrer da narrativa - pelas diferenças políticas e que repercutiam no país na década de 1950.

Em síntese, a historiografia afirma que tais vínculos irão desempenhar um importante papel na contestação que será observada nos musseques, seja através de agremiações esportivas, seja pelas festas culturais, como também por um jornalismo clandestino que nascerá nesses espaços de moradias²⁴⁹.

Por sua vez, Juliana Bosslet (2014) nos orienta na compreensão de que o compartilhamento observado por grande parte de quem morava nos musseques, esses em maioria de origem rural, contribuía para a construção de novas práticas de sociabilidade. Nesse contexto, a historiadora enfatiza o clube Botafogo - já

²⁴⁶BITTENCOURT, 2000, p. 2 *apud* MESSIANT, 1992, p. 16

²⁴⁷BITTENCOURT, Marcelo. “Modernismo e atraso na luta de libertação angolana”. In: REIS, Daniel; ROLLAND, Denis (Orgs). *Modernidades Alternativas*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2008, pp. 280

²⁴⁸VIEIRA, José Luandino. Vavó Xixi e o seu neto Zeca Santos. In: *Luuanda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 15-16

²⁴⁹Para aprofundar essa perspectiva, ver: ALVES, Amanda Palomo. *Angolano segue em frente: um panorama do cenário musical urbano de Angola entre as décadas de 1940 e 1970*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, 2015; ou ainda em: PINTO, João Paulo Henrique. *A identidade nacional – definição, construção e usos políticos*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense, 2016

mencionado neste estudo em relação a presença de José Luandino nele - como também a Associação dos Naturais de Angola (ANANGOLA). Ela diz-nos que eles viriam a sofrer perseguição da PIDE e tiveram suas atividades encerradas com o início dos conflitos, na década de 1960²⁵⁰.

Ademais, Marcelo Bittencourt (2000) revela que podemos associar a esses vínculos ao fato de como o indivíduo foi criado, para assim buscar a compreensão de como se deu a trajetória e convívio com o outro. Em suma, as amizades que se estabeleceram na infância e na mocidade.

Assim, observamos que isso ocorreu na trajetória de José Luandino Vieira, que desde cedo estabeleceu amizade com Agostinho Neto, futuro membro do MPLA, como revela o escritor em entrevista à Rita Chaves.

[...] quando a **Mensagem** já tinha desaparecido e quando o “Movimento dos Novos Intelectuais de Angola” também já estava totalmente disperso, porque Agostinho Neto tinha vindo estudar, Humberto da Sylvan não sei onde parava e os outros também não. Só o Jacinto é que mantinha um pouco viva essa chama entre nós, já por volta de 58, 59²⁵¹. (Grifo nosso)

E representado em sua literatura, principalmente em *A cidade e a infância* e em *Nosso musseque*, destacando esses vínculos, isto na década de 1940 e 50 da seguinte maneira:

Um encontro de acaso. Um encontro cruel que me lembrou a meninice descuidada. Ele, eu e os outros. A Grande Floresta e o Clube Canaxixe refúgio de bandidos. Os sardões e os pássaros. As fugas da escola. Por detrás da Agricultura existia a Grande Floresta. Grande Floresta para nós miúdos de oito anos que fizemos dela o centro do mundo, a sede do nosso grupo de «cóbois». Mafumeiras gigantes, cheias de picos, habitadas por sardões, plim-plaus, picas, celestes, rabos-de-junco²⁵².

Em outras palavras, enquanto se via em Luanda os conflitos que visavam a libertação de Portugal, consideramos diante dessa perspectiva de vínculos que foram

²⁵⁰BOSSLET, 2014, p. 46

²⁵¹CHAVES; KARACZOROWSKI, 2015, p.182

²⁵²VIEIRA, José Luandino Vieira. Encontro de acaso. In: *A cidade e a Infância*. 2ª ed. Lisboa: UCCLA, 2014, p. 11

estabelecidos nos musseques, a presença do protagonismo em práticas do cotidiano das pessoas que ali residiam e tinha o intuito de enfrentar as pautas que elas vivenciavam, isto é, trabalho, alimentação, divertir-se ou apenas resistir.

Esses aspectos são representados pela literatura de José Luandino Vieira em vários momentos da narrativa de “Zeca Bunéu e outros” - por exemplo - do livro *Nosso Musseque*, escrito em 1962, como na passagem em que segue uma confusão porque uma das moradoras antigas do musseque de Ingombota, Sá Domingas, discute com o seu marido, o capitão de cabotagem Albano Bento - na madrugada - sobre o desejo de fazer a filha costureira, pois o exercício de tal profissão na região da Baixa, assim interpretada pela mãe, em um lugar onde moravam os brancos, possibilitaria para a garota uma vida diferente daquela vivida nas cubatas.

Em outras palavras, a vida de costureira na Baixa, associado pelo pai da garota como algo ruim, está presente em alguns textos do escritor e refere-se pelo posicionamento do pai à prostituição, ou ainda a conseguir um casamento com um homem branco para que fosse possível sair daquele lugar. Veja o trecho que confirma isto.

Você é filho da Dona Maria, eu conheço bem. Já morei diante da vossa casa naqueles tempos em que o musseque Braga não era aquele bairro de brancos ricos. Eu não compreendo bem meu filho... Um dia um branco como tu, comerciante, viu-me quando corria as ruas com a minha quinda na cabeça, vendendo cajús e chamou-me. Chamou-me eu era nova. Tinha um dia assim com muito sol...Don’Ana está a olhar em frente para Bebiana que me sorria e falava. Alegro-me e sorrio para Bebiana. — ... fui sua lavadeira, cozinheira e depois deitava-me com ele. Naquele tempo as mulheres brancas não vinham em Angola. Angola era mesmo terra dos condenados como ele, febres, mosquitos. Vinham só os brancos ganhar dinheiro e iam gastar no Puto²⁵³.

Logo, percebemos pela passagem acima quais seriam as soluções que algumas mulheres, moradoras dos musseques, providenciavam para mudar sua posição social. Outro exemplo que consideramos válido evidenciar ocorre também em uma das histórias de *A cidade e a infância*, no texto “Marcelina”, ambientado no musseque de Sambizanga.

²⁵³VIEIRA, José Luandino. Bebiana. In: VIEIRA, José Luandino. *A cidade e a infância*. In: *A cidade e a infância*. 2ª ed. Lisboa: UCCLA, 2014, p. 47

— Laurindo deve estar a chegar.
— Quem é o Laurindo?
— Meu miúdo. Vamos casar qualquer dia na igreja do Carmo mesmo. Eu posso deixar isto. O meu pai é um grande lá na baixa. E disse o nome. Era realmente. Honesto e cumpridor, diziam dele²⁵⁴.

Laurindo é um soldado português, branco, e que havia engravidado Marcelina. Esta ficou com a promessa de um casamento e saída daquele lugar, algo que nunca ocorreu, sempre ela ficava na esperança de que a cada grupo de soldados portugueses que chegassem onde ela trabalhava, o seu estaria presente. Logo, fica evidente que José Luandino Vieira teve a intenção de denunciar por essa representação um aspecto da vida nos musseques: as condições que as mulheres angolanas, às vezes, procuravam para sair daquele lugar.

Avançando no debate, historiografia nos diz, sobretudo pelos apontamentos do historiador Rogério Guimarães²⁵⁵, que o afluxo migratório para esses lugares - de um lado - causou diversos impactos na vida cotidiana das pessoas, como por exemplo, o aumento das despesas das famílias em virtude de um mercado especulativo que vendeu terrenos, bem como a oferta de água, eletricidade e saneamento, ainda que na maioria dessas áreas isto não fosse a realidade²⁵⁶.

Por outro lado, musseques como o de Sambizanga, revelavam a precariedade das residências, a falta de acesso a uma infra-estrutura básica, como também o fato de aquele lugar estar em uma condição de invisibilidade para o poder público. Logo, a passagem destacada de *A cidade a infância*, pela personagem Marcelina, realiza a representação de um aspecto da realidade que viria a se tornar parte do cotidiano de diversas mulheres luandenses, a prostituição.

Segundo Guimarães (2010), “Outro dado importante em relação à vulnerabilidade da população dos musseques é que com a chegada das tropas militares metropolitanas, houve um aumento considerável da prostituição nos musseques²⁵⁷.” Assim, interpretamos que em muitos dos casos a prostituição funcionava para essas mulheres como um dispositivo que daria acesso a saída daquele lugar.

²⁵⁴VIEIRA, José Luandino. *Bebiana*. In: *A cidade e a Infância*. 2ª ed. Lisboa: UCCLA, 2014, p. 55

²⁵⁵GUIMARÃES, Rogério da Silva. *As vulnerabilidades nos musseques luandenses na década de 1960*. XIV Encontro Regional da ANPUH-RIO. Memória e Patrimônio, Rio de Janeiro, 2010.

²⁵⁶GUIMARÃES, 2010, p. 2

²⁵⁷GUIMARÃES, 2010, p. 7

Seguindo a discussão, os apontamentos de Juliana Bosslet (2014) nos fazem entender que a maneira complexa e em rede como surgem os vínculos dentro dos musseques, permitiu as pessoas compartilharem - a partir da convivência das mesmas experiências e condições de vida - uma concepção nova de tempo, relacionado ao trabalho, ao momento de contar histórias do passado para as crianças, ao mercado, ao lazer.

Assim, a historiadora demonstra que diante desse cenário, como já pontuamos no capítulo anterior deste estudo, os grupos culturais que vieram dos musseques são oriundos de uma experiência comum, isto é, de antes pertencerem a uma elite que fora expulsa para as áreas periféricas, para fazer companhia aos assimilados e aos demais negros. Consoante Bosslet: “Essa experiência comum, em muitos casos, foi capaz de superar as diferenças entre os residentes dos diversos bairros periféricos, ultrapassando, algumas vezes, até mesmo as fronteiras étnicas e econômicas²⁵⁸”.

Nesse sentido, diante de um conflito em que o personagem Bento, da narrativa “Zeca Bunéo e outros”, de *Nosso musseque*, se envolve, percebemos a representação de alguns desses aspectos da realidade dos musseques luandenses.

No texto em questão, Bento batia na parede de sua cubata, e enquanto os vizinhos apenas escutavam e nada faziam - pois discutia com a mulher sobre a filha, Carmindinha - tal passagem destaca um código de conduta, ou seja, segundo as normas do lugar, apenas os moradores antigos poderiam interferir em situações como aquelas, assim:

Era tanto barulho, a atenção dos vizinhos no que se passava na casa do mestre de barco de cabotagem, os miúdos a chorar na porta, que ninguém viu o freguês da Albertina a sair enquanto ela, gorda, veio de dentro da cubata e, sem pedir licença nem nada, atravessou, afastou os meninos chorosos e entrou na casa do capitão²⁵⁹.

Logo, se observa que essa fácil mobilidade de outras passagens, da parte de Albertina, representava um código social pautado no que Rodrigues (2003) chama de *reconhecimento*, visto no interior de grupos solidários e serve como elemento de unificação das ideologias e das práticas dos indivíduos.

²⁵⁸BOSSLET *apud* MOORMAN, 2014, p. 45

²⁵⁹VIEIRA, José Luandino. Zeca Bunéo e outros. In: VIEIRA, José Luandino. *Nosso musseque*. Luanda, Angola: Editorial Nzila, 2003, p. 9

Essa característica serve também para apreensão do que viria ser uma família em Angola, isto é, através da existência de vínculos que nem sempre ocorrem por laços sanguíneos, se desenvolvem em seus estatutos sociais uma gestão de recursos e reciprocidades; tudo isso para a promoção da sobrevivência porque as pessoas que moravam nos musseques de Luanda eram invisibilizadas pela administração colonial.

Rodrigues (2003) ainda nos fez apreender que os vínculos que se dão a partir das relações de vizinhança funcionam como redes extra-familiares e “cingem-se a situações específicas e sua constituição e reforço estão dependentes da sua pertinência (...) relacionada com a precarização e problematização das solidariedades comunitárias, num clima de contradições²⁶⁰”. Um exemplo disto ocorre no trecho a seguir de *Nosso musseque*, de 1962.

Xoxombo tinha sempre muita atenção no bode de sô Viriato, grande e feio, com uma barba suja pendurada no focinho e perseguindo tudo quanto era cabra. Sá Domingas não queria a *Espanhola* coberta, estava dizer a cabrinha ainda era nova e lhe avisava sempre toda a esperteza, falando o bode como muito perigoso. [...] foi mesmo Zeca quem apareceu no musseque, correndo na casa do capitão, a chamar sá Domingas, gritando, assustado, o bode do sô Viriato estava matar o Xoxombo.[...] Quando lá chegaram, o menino estava desmaiado no chão, os miúdos à volta, atrapalhados, ninguém que sabia o que ia fazer. Bento Abano, abaixado, levantava-lhe a cabeça e punha chapadas pequenas na cara do filho, queria-lhe acordar; mas o sangue corria das feridas e, sempre que respirava, saía na boca e pintava a camisa e os braços do velho pai²⁶¹.

Esse episódio narra a morte de Xoxombo, filho do capitão Albano Bento que havia levado a cabra para passear. Em uma travessura de um dos amigos, ocorreu a agitação do animal e o garoto faleceu. Essa passagem evidencia bem como os laços de vizinhança são fortes no musseques, porque Xoxombo ajudava um vizinho e em troca ganhava algum dinheiro. Por sua vez, durante o acidente, toda a logística do acidente já havia sido providenciado para socorrer o menino, em vão porque estava morto.

Essa passagem serve-nos de exemplo para entendermos como José Luandino Vieira realiza a representação das práticas de vida, no caso, de solidariedade existente nos musseques luandenses.

²⁶⁰RODRIGUES, 2003, p. 5

²⁶¹VIEIRA, José Luandino. Zeca Bunéu e outros. In: VIEIRA, José Luandino. *Nosso musseque*. Luanda, Angola: Editorial Nzila, 2003, p. 11-12

Assim, retomando as premissas de Roger Chartier (2002) a respeito da Representação de mundo, podemos observar que a funcionalidade dela permitirá uma leitura mais atenta das formas de transmissão e circulação do texto da literatura, isto é, uma interpretação que permite entender de “diversas modalidades de apresentação do texto, do mesmo modo que designa as identidades sociais ou a autoridade política²⁶².”

Desse modo, entendemos que tais relações possibilitam a resolução de alguns dos problemas que as pessoas que estão inseridas nessa realidade experimentam, como por exemplo, buscar um trabalho assalariado que pudesse suprir as demandas básicas de sobrevivência. Com efeito busca-se pelas articulações que os vínculos de solidariedade possibilitam concentrar-se em um dos objetivos de várias famílias dos musseques, porque isto constituiria - em algo que Cristina Udelsmann Rodrigues²⁶³ vai chamar de estratégias de sobrevivências e práticas de atividades assalariadas em Luanda. Assim, para esta autora: “o trabalho assalariado está relacionado com uma concepção de urbanidade e constitui um elemento central em termos de configuração de posicionamentos e de relações sociais mais amplas²⁶⁴.”

Nesse ínterim, percebemos pela representação de alguns aspectos de mobilidades que a literatura de José Luandino Vieira realiza que há nessa parte da população de Luanda uma integralização quanto ao modo de vida urbano, que vai dos tipos de consumo, formas de reprodução social, até a maneira como ocorrem o assalariamento e a escolarização.

Em outras palavras, entendemos tais categorias como manifestações do protagonismo daqueles que residem nos musseques luandenses, porque em suas práticas do cotidiano não se posicionam com vitimismo diante da repressão da PIDE ou dos conflitos étnicos que pairavam sobre interesses políticos. Como evidencia a passagem, a seguir, da narrativa “Nascer do sol”, de *A cidade e a infância*: “Ora naquele tempo quase todos os do bairro — a Quinta dos Amores — andavam no Liceu. A tardinha reuniam-se no velho cajueiro, centro do mundo para eles, e puxavam fumadas às escondidas. Cigarros baratos²⁶⁵.”

²⁶²CHARTIER, 2002, p. 97

²⁶³RODRIGUES, Cristina Udelsmann. *Trabalho Assalariado e Estratégias de Sobrevivências e Reprodução de Famílias em Luanda*. Tese (Doutorado em Estudos Africanos Multidisciplinar). Instituto Universitário de Lisboa, 2007.

²⁶⁴RODRIGUES, 2007, p. 279

²⁶⁵VIEIRA, José Luandino. Nascer do sol. In: *A cidade e a Infância*. 2ª ed. Lisboa: UCCLA, 2014, p. 18

Convém elucidar ainda que há uma preocupação da parte do escritor em evidenciar esses aspectos da Luanda, ainda em mais em um período em que as tensões vivenciadas atingiram o ápice em 1961, com os conflitos que se assistiram aos batalhões militares portugueses. Em suma, José Luandino Vieira visa dar o protagonismo aos musseques e aos seus moradores, que eram silenciados de formas variadas da parte da administração colonial.

Sendo assim, um dos exemplos que expõem isto ocorre em *Luanda*, de 1963, através da expressão dos desejos de vavó Xixi.

Verdade a barriga está lhe doer. Esses dias todos só água de café e então, de repente, cozinhou aquelas batatas, comeu-lhes todas, muitas vezes era isso que tinha-lhe feito mal. Gosto delas não era bem mandioca, batata-doce também não era, esses são os gostos vavó conhece mesmo²⁶⁶...

Essa passagem revela a prática de solidariedade através da ajuda de uma vizinha de vavó Xixi, que além da fome intensa que sentia por conta de dores nas pernas, também prejudicavam a mobilidade. Dessa maneira, um momento de conversa entre as vizinhas servia para encobrir - naquele momento - as dificuldades, como também para saber o que acontecia na cidade, isto é, para além das cubatas dos musseques.

Em outras palavras, pela expressão dos desejos de vavó Xixi, percebemos que os textos do escritor falam de um mundo que está para além do colonial e através disso denuncia as desigualdades sociais, a maneira como as pessoas vivem e trabalham. Logo, em situação de preso - no período em que escreve *Luuanda* e *Nosso musseque* - tais textos adaptam-se às condições de possibilidades em que José Luandino Vieira está situado, ou seja, em Luanda da década de 1950 e 60. Por conta disso, não é a memória o motivo de sua escrita, mas as experiências de vida pelos musseques de Luanda que irão realizar a interpretação dos sentidos de como o escritor vai compreender aquele momento histórico do país.

Nesse sentido, a experiência da prisão é representada pela descrição do cárcere do personagem Dosreis, da narrativa “Estória da ladrão e do papagaio²⁶⁷”, e

²⁶⁶VIEIRA, José Luandino. Vavó Xixi e o seu neto Zeca Santos. In: *Luuanda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 27

²⁶⁷VIEIRA, José Luandino. Estória do ladrão e do papagaio. In: *Luuanda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

cumpra a função de realizar a representação dos lugares sociais que o escritor transitou, no caso, aquele que o privou da liberdade.

- Você é bandido, não senhor!
- Bandido não sou, não senhor!
- Cala-te a boca mas é! Você é bandido...Vamos!
Mas Dosreis não admitiu, não gostava ninguém que lhe empurrava. Tinha as pernas dele para andar, não era assim um cipaio qualquer ia lhe enxotar, mesmo que estava na quadra não fazia mal. Refilou²⁶⁸.

Sendo assim, percebemos pelas representações que os textos de José Luandino Vieira realiza que há uma interpretação da realidade cotidiana dos musseques luandenses, seja na maneira de nos revelar as situações do dia a dia, seja em expor eventos simples, mas que dizem muito sobre como ocorre o protagonismo nas cubatas. Desse modo, interessa-nos agora observar como essa representação projeta o ano de 1961, especificamente o cotidiano nos musseques após os eventos de 4 de fevereiro e 15 de março.

3.1 O ANO DE 1961 NOS MUSSEQUES

Após os ataques contra o regimento de militares portugueses, na capital, e com o massacre no interior no ano de 1961, como já pontuamos, a vigilância e a resposta portuguesa intensificaram os conflitos e as cisões com os portugueses.

Juliana Bosslet (2016) comenta que uma das consequências dos eventos de 1961 foram os casos comuns e abertos de discriminação, ou seja, em lugares como restaurantes e bares, os serviçais recebiam ordem para não atender o cliente negro até que o mesmo saísse daquele ambiente. A historiadora afirma ainda que: “O tratamento diferenciado a negros, por sua vez, contribuiu para a eclosão de conflitos nos próprios musseques entre seus moradores negros e os pequenos comerciantes brancos²⁶⁹.”

Ainda nesse debate, Bosslet (2014) nos faz entender que as cisões que ocorreram nos musseques após 1961, principalmente no agora Bairro do Operário evidenciou a agressão de militares portugueses contra os moradores negros, por

²⁶⁸VIEIRA, 2006, p. 46

²⁶⁹BOSSLET, 2014, p. 151-152

diversos motivos, estes que iam desde uma investigação a observar um comportamento de preconceitos.

José Luandino Vieira nesse tempo já estava preso, porém, durante os anos 1950 observou práticas parecidas de militares portugueses, como o texto “A fronteira do asfalto” destaca - em sua parte final - com o que acontece ao personagem Ricardo, negro e morador do musseque.

De dentro veio a resposta muda de Marina. A luz apagou-se. Ouvia-se chorar no escuro. Ricardo voltou-se lentamente. Passou as mãos nervosas pelo cabelo. E subitamente o facho da lanterna do polícia caqui bateu-lhe na cara.

— Alto aí! O qu’ê que estás a fazer?

Ricardo sentiu medo. O medo do negro pelo polícia. Dum salto atingiu o quintal. As folhas secas cederam e ele escorregou. O Toni ladrou.

Alto aí seu negro. Pára. Pára negro!

Ricardo levantou-se e correu para o muro. O polícia correu também. Ricardo saltou.

— Pára, pára seu negro!

Ricardo não parou. Saltou o muro. Bateu no passeio com violência abafada pelos sapatos de borracha. Mas os pés escorregaram quando fazia o salto para atravessar a rua. Caiu e a cabeça bateu pesadamente de encontro à aresta do passeio²⁷⁰.

Para tanto, a historiografia destaca que a partir daquele ano o sentimento de estranhamento com a chegada de um morador branco nas áreas periféricas, lugar que era normalmente - a época - composto por negros e pobres, levantava suspeitas se ele podia ser um coletor de informações, a serviço da administração colonial.

Partindo da premissa de que a Representação de mundo que a literatura de José Luandino Vieira realiza, revela como se dá as relações sociais existentes nos musseques. Nisto, percebemos no trecho - a seguir - de *Nosso musseque* um exemplo dessa projeção da realidade luandense.

Nesse dia que apareceu, era sábado de tarde, toda a gente ficou a espreitar a velha carrinha da PSP com os dois cipaios carregando as cadeiras e a mobília. Não era gente de esteira e cadeira de bordão, via-se logo. Sô Luís, polícia, não adiantou falar para ninguém, passou muito esticado, farda de caqui bem engomada, dando berros nos cipaios, ameaçando com o chicote cavalmarinho que usava. Quem lhe

²⁷⁰VIEIRA, José Luandino. *A fronteira do asfalto*. In: *A cidade e a Infância*. 2ª ed. Lisboa: UCCLA, 2014, p. 43-44

visse e não lhe conhecesse, pensava logo era um chefe²⁷¹.

A fonte, nessa parte, trata da chega de sô Luis, um branco e policial e novo morador do musseque que em virtude do fato de obter ajuda de outros policiais (cipaios), causa estranhamento da parte da população em um primeiro momento. Depois, com o passar do tempo, as relações entre ele e os moradores se desenvolve por conta da amizade que o seu filho com Bunéo (um dos protagonistas do livro) e os outros garotos; ou seja, ocorre pelos vínculos de solidariedade.

Em síntese, percebemos que a representação da literatura de José Luandino Vieira se dá também pela leitura do contexto de produção de cada narrativa neste estudo analisado, isto é, em *A cidade e a infância*, Luanda presenciava o surgimento de diversos partidos e movimentos políticos e culturais que exerceriam boa parte de suas atividades nos musseques luandenses.

Por sua vez, em *Luuanda*, observamos uma cidade já dividida por contas das cisões das atividades de tais grupos e movimentos, fruto de uma política da parte da administração colonial que intensificou as tensões na capital angolana, causando na população local o aumento da pobreza e dos preconceitos sociais.

Ademais, em *Nosso musseque*, escrito enquanto José Luandino Vieira esteve preso, ainda em Luanda, ou seja, antes da transferência para Tarrafal; evidencia-se as relações sociais e culturais existentes nos musseques nas décadas de 1940 e 50, a partir das experiências que o escritor obteve.

Dando relevo aos diferentes agentes sociais que fizeram parte do processo de independência angolano, José Luandino Vieira, apresenta personagens, em maioria crianças, no desenvolver das suas narrativas que vão perdendo a ingenuidade típica da infância para compreender o contexto em que estão inseridos, como a passagem a seguir destaca.

Com os risos e os barulhos dos meninos, gostando as adivinhas que don'Ana punha, minha madraستا veio-me tirar da janela e nem dei conta a chegada de capitão Abano. Mas durante o resto da noite fiquei ainda acordado a pensar o Zeca e o Xoxombo e naquelas coisas que o menino tinha escrito no caderno. Na imaginação do Zeca e na esperteza do Xoxombo, parecia mesmo um mais-velho; e também essas conversas do meu pai e da minha madraستا, conversas antigas

²⁷¹VIEIRA, José Luandino. Zeca Bunéo e outros. In: VIEIRA, José Luandino. *Nosso musseque*. Luanda, Angola: Editorial Nzila, 2003, p. 12

faladas na cama quando o sono não vem. Cadavez eram mais, o pior era mesmo no fim do mês. Xoxombo e Zito contavam que os pais e as mães falavam muito esses casos do preço das coisas de comer, na quitanda de sô Antunes. Ele só dizia que era a guerra, mas não aviava o que as mães mandavam os miúdos buscar e andava ameaçar que só ia vender com dinheiro, não queria aceitar mais vale²⁷².

Assim, percebemos pela análise da fonte que o narrador revela que ao ler o caderno de seu amigo, o falecido Xoxombo, fica pensando nas travessuras do rapaz e as dele e lembra do que está acontecendo ao seu redor - quando menciona a guerra, portanto, já depois de 1961 - como também o aumento do preços dos alimentos ou mesmo da dispensa.

Tânia Macedo²⁷³ expõe em seus apontamentos que é a partir dos bairros suburbanos da capital angolana que a escrita da literatura nos possibilita conhecer a geografia da cidade, bem como as crenças de seus habitantes, as relações sociais e demais aspectos.

Em relação ao período de conflitos que visavam a libertação de Angola, Juliana Bosslet (2016) nos faz entender que esse momento da história de Angola presenciou, apesar da guerra, um crescimento demográfico intenso em Luanda, com imigração de indivíduos brancos para os musseques, bem como vinda de pessoas do interior do país para a capital, estabelecendo residência nos arredores da cidade, em áreas mussequizadas - fato que contribuiu para o crescimento do perímetro periférico da cidade. A historiadora afirma ainda que “esse deslocamento pode ser explicado pelo desenvolvimento econômico do centro urbano, que acabava por se tornar atrativo pelas variadas opções de ocupação²⁷⁴.” Assim, percebemos que Luanda atraía as pessoas a conquista de um protagonismo a partir do momento em que conseguissem fazer uso dos benefícios desse crescimento.

É por tal motivo que apreendemos que a luta de libertação dos anos 60 e mesmo as tensões dos anos 50, para alguns residentes das cubatas, parecia algo distante. Bosslet (2016) revela, por exemplo, que “a ação da PIDE impedia os grupos clandestinos que se formavam na capital de se fazerem ouvir (...)”²⁷⁵. Em síntese,

²⁷²VIEIRA, José Luandino. Zeca Bunéu e outros. In: VIEIRA, José Luandino. *Nosso musseque*. Luanda, Angola: Editorial Nzila, 2003, p. 24

²⁷³MACEDO, Tânia. Luanda, a Cidade de Luandino Vieira. *Mulemba*. v.12, n. 1, 2015, pp. 136-146 Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/mulemba/article/view/5031/3696> Acesso em fevereiro em 2020

²⁷⁴BOSSLET, 2016, p. 129

²⁷⁵BOSSLET, 2016, p. 130

esse tipo de controle e repressão da parte da administração colonial disseminava a ideia de que a cidade crescia sem grandes dificuldades, com oportunidades para todos, como denuncia, no sentido crítico, a representação da literatura de José Luandino Vieira, a seguir.

Com brancos. Elas tem educação, são bonitas. Precisam adiantar vida. Eu gosto de falar mesmo naquilo que eu penso. Precisam adiantar vida. Um branco ganha mais que um mulato ou negro. Os filhos dele já são cabritos. Cabrito é mesmo branco... Agora vai e pede a Bebiana para casar contigo. Vai fazer a vontade da velha Don'Ana que te gosta como filho²⁷⁶.

Desse modo, consideramos que no relato de Don'Ana há um discurso de protagonismo, porque mesmo inserida em um cenário onde as tensões geravam conflitos, ela criou Bebiana com boa educação e manteve o sustento da família. Além disso, permite-nos entender com mais profundidade os agentes sociais que transitavam por grupos de libertação ou nos musseques luandenses.

Em outras palavras, elucidamos que há na resistência uma forma de protagonismo que se dá pela exposição da experiência do cotidiano. Além disso, a presença de várias crianças visa apresentar uma Luanda em que a vida se renova nos musseques, porque elas possuem a voz nas narrativas, desde as histórias do passado, como as experiências dramáticas do presente.

A partir desta perspectiva, compreendemos melhor a Luanda dos musseques e os musseques de Luandino, não em forma apenas de denúncia, mas também de esperança e visibilidade de um lugar que assistiu às cisões e às tensões das décadas de 1950, bem como os conflitos da década de 60.

Por tal razão percebemos que a representação do personagem Zeca Santos protagoniza as relações familiares, porque ele tem de sacrificar parte de sua infância para arrumar um trabalho e cuidar da avó. Por outra perspectiva, a Luanda nesse conto é representada por aquele que já dividiu brancos e negros, ou seja, os angolanos nos musseques e os portugueses na área urbana da cidade.

José Luandino Vieira - ao projetar os musseques - realiza a representação das pessoas que vivem ali; dessa forma, protagoniza indivíduos que eram observados pela administração colonial na presença da PIDE como um problema a ser resolvido.

²⁷⁶VIEIRA, José Luandino. Bebiana. In: *A cidade e a Infância*. 2ª ed. Lisboa: UCCLA, 2014, p. 48

Logo, sem entrar em um apontamento próprio da crítica literária, é válido considerar que nesse jogo representativo, o escritor em *A cidade e a infância* realiza a representação de um tempo histórico através da memória. Como já foi observado neste estudo, tal texto foi escrito durante a juventude de José Luandino Vieira e conserva as experiências com os amigos de infância em uma Luanda onde as segregações não eram tão evidentes.

Nesse íterim, Janete Barbosa Oliveira (2014) afirma que:

A cidade e a infância, e se torna, à medida que a leitura avança, mais clara e demarcada, demonstrando o acirramento das questões raciais, da repressão e da marginalização, consequências das mudanças na política colonial a partir dos anos de 1930, intensificada nos anos de 1950²⁷⁷.

Por sua vez, *Luuanda*, de 1963, já produz a representação de uma cidade que presencia as atividades de censuras da parte da administração colonial, e no interior do país a explosão de algumas revoltas que expressavam o descontentamento com a presença portuguesa.

²⁷⁷OLIVEIRA, Janete Barbosa. *Vou por uma história: estratégias narrativas em Nosso musseque*, de José Luandino Vieira. Dissertação (Mestre) Universidade de São Paulo, 2014, p. 24

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um estudo a ser realizado em História em uma abordagem interdisciplinar com a Literatura, entre outras coisas, deve-se concentrar nas interpretações que são realizadas das condições de possibilidades em que uma obra é publicada ou ainda escrita, isto é, em saber que não estará com a verdade do entendimento de como os processos históricos que se entrelaçam nos fazem apreender integralmente uma temporalidade.

Sendo assim, consideramos que nosso trabalho contribui para uma interpretação dos musseques de Luanda nas décadas de 1950 e 60, em um país que obteve experiências dramáticas com o colonialismo português. Nesse ínterim, as temporalidades delimitadas por nosso estudo revelaram práticas de segregações nos musseques de Luanda em virtudes de políticas urbanas e administrativa para a população local, algo que destacou práticas de preconceitos em um cenário de crescimento econômico.

Diante desse cenário, a literatura de José Luandino Vieira buscou evidenciar tais práticas a partir da perspectiva dos musseques, um lugar que por muito tempo foi interpretado com sentidos de marginalidade e esquecimento²⁷⁸, como a passagem a seguir de *A cidade e Infância*, de 1960 destaca:

Num domingo, quando o sol convidava para a praia e os meninos iam para a missa, assobiando a sua alegria para dentro dos quintais, Zito foi para a casa, para o refúgio da sombra do telhado, espreitar a menina dos olhos azuis²⁷⁹.

Em outras palavras, percebemos pela leitura da fonte uma cidade que se vivia de maneira tranquila, alheia as tensões que se aglutinavam por conta da insatisfação da presença colonial. Ou ainda pelo transcorrer natural da vida cotidiana dos musseques, como o observado em outra narrativa de José Luandino Vieira.

²⁷⁸ Ver: GUIMARÃES, Rogério da Silva. *Musseques de Luanda: Duplos olhares*. Luandino Vieira e Ladeiro Monteiro. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, 2012.

²⁷⁹VIEIRA, José Luandino Vieira. Nascer do Sol. In: *A cidade e a Infância*. 2ª ed. Lisboa: UCCLA, 2014. p. 22

E as mulheres, pouco pouco, começaram chegar para Sá Domingas, oferecer suas coisas, pedir empréstimo de vizinha. Mesmo de mais longe, como a mulher de São Augusto, pai do Biquinho, as amigas apareciam às vezes para trazer *Espanhola* ou emprestar os monas para pastar a cabra para lá do imbondeiro onde o capim estava novo. Sá Domingas, alma boa, ficava comovida com essa amizade e Bento também gostava desse regresso à sua gente, como ele dizia²⁸⁰.

Dessa maneira, os textos de José Luandino Vieira surgem de um contexto e como representação de seu tempo como veículo de denúncia social. Nisto, percebemos que ao trazer sempre crianças, lavadeiras, operários, pessoas idosas, ele pretende trazer a voz da inocência e da experiência como vetores de leituras de uma época que assistia às tensões que resultaram nos conflitos armados da década de 1960 e se estendeu até 70, visando a liberdade política do país e o fim da presença colonial portuguesa.

Além disso, cumprem o papel de possibilitar o acesso ao conhecimento de que os musseques são espaços de resistência e vida, e naqueles lugares há protagonismo e a invisibilidade era mais uma prática de segregação e de racismo da parte da administração colonial.

Assim, a partir dos apontamentos de Michel Cahen e Ruy Braga a respeito de interpretações pós-coloniais, observamos que os musseques de Luanda revelam em sua experiência colonial produções de sentidos que abordam o periférico e o semiperiférico, ou seja, mesmo em lugares como o bairro Operário - local onde José Luandino Vieira cresceu - há aqueles que se posicionavam e se expressavam como colonizador, reproduzindo as práticas de segregação que também serviram para alocar a população negra para áreas mais distantes do perímetro urbano da capital angolana, como o trecho a seguir revela:

Marina, preciso falar-te.

A mãe entrara e acariciava os cabelos loiros da filha.

— Marina, já não és nenhuma criança para que não compreendas que a tua amizade por esse... teu amigo Ricardo não pode continuar. Isso é muito bonito em criança. Duas crianças. Mas agora... um preto é um preto... As minhas amigas todas falam da minha negligência na tua educação. Que te deixei... Bem sabes que não é por mim!²⁸¹

²⁸⁰VIEIRA, José Luandino. Zeca Bunéu e outros. In: VIEIRA, José Luandino. *Nosso musseque*. Luanda, Angola: Editorial Nzila, 2003, p. 7

²⁸¹VIEIRA, José Luandino Vieira. A fronteira do asfalto. In: *A cidade e a Infância*. 2ª ed. Lisboa: UCCLA, 2014, p. 42

A leitura desse trecho da fonte nos evidencia que a mãe de Marina, uma garota branca, loira e de tranças, não podia mais conservar amizade com um rapaz “preto”, por conta de convenções (As minhas amigas todas falam da minha negligência na tua educação).

Em outros termos Cahen e Braga (2018) explicam que essas práticas em regiões que já obtiveram a experiência colonial, herdaram as relações de antagonismo desse sistema fazendo existir um agravamento nas relações sociais ali existentes²⁸². No caso dos musseques, o fato de conviverem no mesmo espaço portugueses e angolanos.

Nisto, convém mencionar os apontamentos de Frantz Fanon, em *Condenados da Terra*, que nos possibilita interpretar que pessoas pretas e moradoras dos musseques passavam por um processo de “branqueamento” e nisto se viam no lugar do colonizador, do “civilizado”.

Para tanto, observamos a partir dos apontamentos do historiador Washington Nascimento que tais relações antagônicas eram comuns em espaços públicos de Luanda em meados dos anos 1950, momento em que se torna mais evidente movimentos culturais e políticos que tinham em suas propostas promover um resgate da cultura local - invisibilizada pela administração colonial, como também para despertar a população para a emergência de uma libertação dos portugueses.

Logo, as representações que foram observadas nos textos de José Luandino Vieira permitem-nos entender que os musseques são lugares que possuem historicidade própria e reflexos de transformações que o país estava vivenciando no fim da década de 1950 e início da 1960. Esta interpretação nos auxilia na construção de um saber a respeito dessas áreas de cubatas em que havia naquela época o fomento de identidades, como o observado pelos vínculos de solidariedades que se estabeleceram ao longo dos anos sessenta.

Nesse sentido, entendemos que a literatura de José Luandino Vieira destaca os efeitos da presença colonial nos musseques de Luanda e como circulam as ideias de independência, como também de crítica à presença colonial portuguesa, observados na produção de discursos que buscaram legitimar tal movimento de libertação política. Diante disso, entendemos as relações de mobilidade cultural, social e mesmo política projetadas nos textos escritor. Em suma, essas narrativas

²⁸²CAHEN, Michel; BRAGA, Ruy. Anticolonial, pós (-) colonial, decolonial: e depois?. In: CAHEN, Michel; BRAGA, Ruy (Orgs). *Para além do pós (-) colonial*. São Paulo: Alameda, 2018.

veiculam diversas vozes de uma temporalidade que complementa a percepção de outros documentos utilizados pelo historiador.

Em síntese, os textos da literatura observados em uma perspectiva histórica são documentos que articulam a memória de quem escreve as várias camadas de realidades que ele obtém pelas suas experiências de mundo. Desse modo, a exclusão dos musseques de Luanda (1950-1960) em José Luandino Vieira devem ser interpretadas como espaço para o protagonismo de dinâmicas sociais e culturais de pessoas que até hoje são silenciadas.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, I. do. Luanda e seu 'Muceques': problemas de geografia urbana. *Fininsterra*. n. 36. Lisboa, 1983. pp. 293-325
- ANTUNES, Irlandé. *Lutar com as palavras: coesão e coerência*. São Paulo: Parábola, 2005.
- ALVES, Amanda Palomo. *Angolano segue em frente: um panorama do cenário musical urbano de Angola entre as décadas de 1940 e 1970*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, 2015.
- BENZAQUEN, Julia Figueredo. As vozes-saberes do musseque do mundo. Ampliar a audição através de uma leitura de Luandino Vieira. *E-cadernos - CES*. N,2, 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/eces/1291> Acesso em janeiro de 2020
- BETTENCOURT, Andrea Carina de Almeida. *Qualificação e reabilitação das áreas urbanas críticas: os musseques de Luanda*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Universidade de Lisboa, 2011.
- BITTENCOURT, M. A criação do MPLA. *Estudos Africanos*. n32. Rio de Janeiro, 1997. pp.185-208
- BITTENCOURT, Marcelo. "Modernismo e atraso na luta de libertação angolana". In. REIS, Daniel; ROLLAND, Denis (Orgs). *Modernidades Alternativas*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2008. Pp. 277-294.
- BITTENCOURT, Marcelo. Nacionalismo, Estado e Guerra em Angola. In: FERREIRA, Norberto (Org). *A questão nacional e a tradição nacional-estatística no Brasil, América Latina e África*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2015.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BOBBIO, Noberto. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções de homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo: Editora UNESP, 1997.
- BONNICI, Thomas. "Teoria e Crítica Pós-Colonialista". In. BONNICI, Thomas; OZANOLIN, Lúcia (Orgs). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3.ed. Maringá: EDUEM, 2009.
- BONNICI, T. Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais. *Mimesis*. v.19, n.1, 1998. Pp. 07-23.
- BORGES, V. R. História e Literatura: Algumas considerações. *Revista de Teoria da História*. Ano1, n3, 2010. pp. 94-109.
- BOSSLET, Juliana Cordeiro de Farias. *A cidade e a Guerra: Relações de poder e subversão em São Paulo de Assunção de Luanda (1961-1975)*. Dissertação (Mestre

em História). Universidade Federal Fluminense, 2014.

BURKER, Peter. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

CAETANO, M. Itinerários africanos: do colonial ao pós-colonial nas literaturas de Língua Portuguesa. *Revista de História e Estudos Culturais*. vol4, nº2, 2007.

CAHEN, Michel; BRAGA, Ruy. Anticolonial, pós (-) colonial, decolonial: e depois?. In: CAHEN, Michel; BRAGA, Ruy (Orgs). *Para além do pós (-) colonial*. São Paulo: Alameda, 2018.

CARVALHO, Anabela; ROSINHA, Maria do Rosário. *Casa dos Estudantes do Império: 50 anos - Testemunhos, vivências, documentos*. Lisboa: União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa-UCCLA, 2017.

CARVALHO, C, C, de; HOLHFELDT, A. A imprensa angolana no âmbito da história da imprensa colonial de expressão portuguesa. *Intercom – RBCC*. v, 35. n,2. São Paulo, 2012.

CARVALHO FILHO, Sílvio de Almeida. *Angola: História, Nação e Literatura (1975-1985)*. Curitiba: Editora Prismas, 2016.

CÁDIMA, F. R. O telejornal e a guerra colonial (1961-1974). *Anuário Lusófono*, 2009. pp. 97-114. Disponível em: <http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/anuario/article/view/763> Acesso em dezembro de 2019

CHARTIER, Roger. *A história Cultural – entre prática e representações*. Rio de Janeiro: Memórias e Sociedade, 1990.

CHARTIER, R. O mundo como representação. *Revista das revistas*. Estudos Avançados. v5. n11, 1991.

CHARTIER, Roger. *Do palco à página: teatro e ler romances na época moderna (séc XVI– XVIII)*. São Paulo: Casa da Palavra, 2002.

CHAVES, R. Entrevista com João Paulo Borges Coelho. *Via Atlântica*. n.16, 2009. Disponível no site: <https://www.revistas.usp.br/viatlantica/view/50470> Acesso em 10 de maio de 2019.

CHAVES, Rita; KARACZOROWSKI, Jacqueline. Pela voz de Luandino Vieira. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v.19, n.37, 2015.

COELHO, João Paulo Borges. “Escrita Acadêmica, Escrita Literária.” In: RIBEIRO, Margarida Calafete; MENESES, Maria Paula. *Moçambique: das palavras escritas*. Porto: Edições Afrontamento, 2008.

CORTINES, Paula de Oliveira. *A cidade e a Infância e Os da minha rua: representações da infância luandense em narrativas angolanas*. Dissertação (Mestrado em Literatura). Universidade Federal de Goiás, 2012.

CORREIA, Maria Alice Vaz de Almeida Mendes. O “Patrimônio” do movimento moderno em Luanda (1950-1975). Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade de São Paulo, 2012.

COSME, L. A literatura e as guerras em Angola. No princípio era o verbo. *Cultura*. vol, 34, 2015. pp. 1-6.

DAVID, D. L. *Nosso musseque*, por José Luandino Vieira. Lisboa, 2003. p.350 Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/africa/article/view/74335/77975> Acesso em dezembro de 2019.

ERVEDOSA, Carlos. *A literatura angolana*. 2ª Ed. Lisboa: União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA), 2015.

ESCOREL, Sarah. *Vidas ao léu: trajetórias de exclusão social*. Rio de Janeiro: Editora da FIOCRUZ, 1999. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/rbtvb> Acesso em janeiro de 2020.

FANON, Frantz. *Condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968.

FEIXA, Carles; LECCARDI, Carmem. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. *Revista Sociedade e Estado*. v,25. n,2, 2010.

FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. In. PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de. (Orgs). *O Historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2017.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Cãnone Literário nas literaturas africanas: condições de produção. In. FONSECA, Maria Nazareth Soares. *Literaturas africanas de Língua Portuguesa: mobilidades e trânsitos diaspóricos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2015. pp.53-68.

FUNDAÇÃO MÁRIO SOARES - DOCUMENTOS AMÍLCAR CABRAL. *Movimento Popular de Libertação de Angola. Declaração do M.P.L.A. Ao Governo português*. Disponível em: <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=04605.044.037#13> Acesso em novembro de 2019.

FUNDAÇÃO MÁRIO SOARES - DOCUMENTOS AMÍLCAR CABRAL. *Mensagem do MPLA ao Povo Português*. Disponível em: <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=07056.001.019#> Acesso em novembro de 2019.

FUNDAÇÃO MÁRIO SOARES / ASSOCIAÇÃO CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO. *Jornal Diário de Angola, sexta feira, 17 de janeiro de 1964*. Disponível em: <http://www.casacomum.org/cc/visualizador?pasta=11122.001.001#!4> Acesso em janeiro de 2020.

GUIMARÃES, Rogério da Silva. *Musseques de Luanda: Duplos olhares*. Luandino Vieira e Ladeiro Monteiro. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, 2012.

HOHLFELDT, A. C; CARVALHO, C. C. A imprensa angolana no âmbito da história da imprensa colonial de expressão portuguesa. *Intercom*. v,35. n,2, 2012. pp. 85-100

LACERDA, Wanilda Lima Vidal de. *O olhar de Pepetela sobre Angola*. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal da Paraíba, 2007.

LEITE, Ana Mafalda. *Literaturas Africanas e Formulações Pós-Coloniais*. 2.ed Lisboa: Edições Colibri, 2013.

LUANSI, Lukonde. *Angola: Movimentos migratórios e Estados precoloniais - Identidade nacional e autonomia regional*. In: International symposium Angola on the move: Transport Routes, Communication and History. Berlin, 24-26 september, 2003.

MACEDO, Tânia. Luanda, a Cidade de Luandino Vieira. *Mulemba*. v.12, n. 1, 2015. pp. 136-146 Disponível em: <https://revistas.ufjr.br/index.php/mulemba/article/view/5031/3696> Acesso em fevereiro em 2020

MARÇAL, Bruno José Navarro. *Governo de Pimenta de Castro: Um General no Labirinto da I. República*. Dissertação (Mestrado em História Contemporânea). Universidade de Lisboa, Lisboa, 2010

MATA, Inocência. *História e ficção na literatura angolana: o caso de Pepetela*. Portugal: Edições Colibri, 1993.

MEDINA, João. *A Democracia Frágil: A Primeira República Portuguesa (1910 –1926)*. In: TENGARRINHA, J. (Org). *História de Portugal*. São Paulo: Enesp, 2001.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: poesia e prosa*. Ed. Rev e atual. São Paulo: Cultrix, 2012.

MENESES, Maria Paula; VASILE, Iolanda (Org). *Desafios aos Estudos Pós-Coloniais: As epistemologias Sul-Sul*. n05. Coimbra: Editora Board, 2014. Coleção Debate.

NASCIMENTO, Washington Santos. *Gentes do Mato: Os “novos assimilados” em Luanda (1926-1961)*. Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo, 2013.

NASCIMENTO, Evelyn Rosa do. *O manifesto da ABAKO e o movimento de independência no Congo (RDC)*. XXVIII Simpósio Nacional de História - Lugares dos historiadores velhos e novos desafios, 2015. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434422650_ARQUIVO_TEXTO_ANPUHEVELYNROSA.pdf Acesso em fevereiro de 2020.

OLIVEIRA, Janete Barbosa. *Vou por uma história: estratégias narrativas em Nosso musseque*, de José Luandino Vieira. Dissertação (Mestre) Universidade de São Paulo, 2014.

PEREIRA, José Maria Nunes. *A importância de Angola no continente: Paradoxo angolano, uma política externa em contexto de crise*. (1975-1994). São Paulo: Editora

Kilombelembe, 2015.

PEIXOTO, Carolina Barros Tavares. *Limites do ultramar português, possibilidades para Angola: o debate político em torno do problema colonial (1951-1975)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense, 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PINTO, João Paulo Henrique. *A identidade nacional – definição, construção e usos políticos*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense, 2016.

PINTO, João Paulo Henrique. *O movimento dos Novos Intelectuais de Angola e a construção da identidade nacional angolana*. Anais da XI Estudos Históricos professor Manuel Salgado. v2. Rio de Janeiro, 2016.

RODRIGUES, Cristina Udelsmann. *Trabalho assalariado e estratégias de sobrevivência e reprodução de famílias em Luanda*. Tese (Doutorado). Universidade de Lisboa, 2007.

SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. Trad. Denise Bottmann.

SAKUKUMA, Alexandre Lucas Selombo. *Angola: Deslocamento narrativos em Uanhenga, Xitu e Moisés Mbambi*. Tese (Doutorado) Universidade de Lisboa, 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa. “Do pós-moderno ao pós-colonial” In. ELÍSIO, Costa; HERMES, Augusto *et al* (Orgs). *Travessias*. Coimbra: CES, 2008. Pp.15-36

SANTOS, Joelma Gomes dos; SILVA, Patrícia Soares. Entrevista Jose Luandino Vieira e a Diáspora Africana. *Revista Eutomia*. v,2. n,3, 2010. p. 17

SCHIAVON, Carmem Gessilda. *O Término da Primeira República Portuguesa e as Raízes do 28 de maio: O Estado Novo a Vista*. *Historiae*, v. 2, nº 3, Rio Grande, 2011. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2620/1431>; Acesso em fevereiro de 2020

SECCO, C. L. T. R. O estudo das literaturas africanas no Brasil: perspectivas contemporâneas, *novos desafios*, 2019.

SECCO, G. de L. História e Literatura: narrativas literárias e históricas, uma análise através do conceito de representações. *Revista Historiador*. Ano7, n7, 2015.

SILVA, Zoraide Portela. *José Luandino Vieira: memórias e guerras entrelaçadas com a escrita*. Tese (Doutorado em Letras). Universidade de São Paulo, 2013.

SILVA, Celestino Domingos Tavares. *O antigo Campo de Concentração do Tarrafal: Da opressão à valorização cultural*. Dissertação (Mestrado). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia. Lisboa, 2018.

SINDRA, Angélica Gherardi. *Configurações do intelectual em obras de Luandino Vieira*. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, PUC-MG, 2007.

TOPA, Francisco. *Luandino por (re)conhecer: uma entrevista, estórias dispersas, bibliografia*. Porto: Sombra pela Leitura-CAPES, 2014. Disponível em: [http://web.letras.up.pt/ftopa/Livros/18.%20Luandino%20por%20\(re\)conhecer.pdf](http://web.letras.up.pt/ftopa/Livros/18.%20Luandino%20por%20(re)conhecer.pdf)
Acesso em dezembro de 2019

VIEIRA, José Luandino. *Nosso musseque*. Luanda, Angola: Editorial Nzila, 2003.

VIEIRA, José Luandino. *Luuanda: estórias*. São Paulo: Companhia da Letras, 2006.

VIEIRA, José Luandino. *A cidade e a infância*. Lisboa: Edição da Casa dos Estudantes do Império, 2014. Coleção Autores Ultramarinos.

VIEIRA, José Luandino. Entrevista à António Jacinto. *Jornal de Angola*. n,15. ano 3, março de 1961. p.1-4. In: TOPA, Francisco. *Luandino por (re)conhecer: uma entrevista, estórias dispersas, bibliografia*. Porto: Sombra pela Leitura-CAPES, 2014. Disponível em: [http://web.letras.up.pt/ftopa/Livros/18.%20Luandino%20por%20\(re\)conhecer.pdf](http://web.letras.up.pt/ftopa/Livros/18.%20Luandino%20por%20(re)conhecer.pdf)
Acesso em dezembro de 2019

VIEIRA, José Luandino. “Os anos de cadeia foram muitos bons para mim”. In: Entrevista concedida à Alexandra Lucas Coelho. *Público*. Disponível em: <https://www.publico.pt/2009/05/01/politica/noticia/os-anos-de-cadeia-foram-muito-bons-para-mim-1377921> Acesso em 14 de novembro de 2019.

VIEIRA, José Luandino. *Papéis da prisão: apontamentos, diário, correspondência (1962-1971)*. In: RIBEIRO, Margarida Calafate; SILVA, Mônica; VECCHI, Roberto (Orgs). *Papéis da prisão: apontamentos, diário, correspondência (1962-1971)*. Lisboa: Editorial Caminho, 2015.

VISENTINI, Pulo Fagundes. *As revoluções Africanas: Angola, Moçambique e Etiópia*. São Paulo: Editora da UNESP, 2012.

VISENTIN, Laura. *A questão da mobilidade durante o conflito em Angola*. Lisboa, 2011. Disponível em: https://cesa.rc.iseg.ulisboa.pt/files/Doc_trabalho/12-LauraVisentin.pdf Acesso em janeiro de 2020.

ZIMMERMANN, Jean Marcel. *O intelectual angolano em A Geração Utopia*. Dissertação (Mestrado em História da Literatura). Universidade Federal do Rio Grande, 2008.